

A gaiola vazia

Luiz Fernando Figueiredo

Dezembro de 2014

**Averbado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação
Biblioteca Nacional, sob o Nº de Registro 668.316, Livro 1.288.
Folha 25.**

Desenhos

José Luis: A orquestra, Campeiro, Estevão e a estética, Papéis de embrulho, A volta do cavaleiro.

Luiz Fernando Figueiredo: A vida das coisas.

A orquestra



Viu, num susto, que entardecera. E pela janela, restos de luz fugidia, dispersa. Os telhados formando cristais, com reflexos de terra. O sol se fora e deixou como despedida raios teimosos que fugiam para iluminar por mais um tempo a quietude do jardim.

E percebeu, além do visto, que lhe falhava a visão. Tornavam-se tortas as imagens, tênue a luz. Nessa hora deveria ver o jardim, distinguir cada flor, toda cor. Até que só iluminassem o quintal os reflexos vermelhos das nuvens finais. Sentiu o peso de seus anos. E saudades de tempos de mais luz, quase outras vidas.

Passou a ter os olhos, que pouco piscavam, molhados por lágrimas choradas demoradamente. Pedia que fossem aguar e podar suas plantas e lhe trouxessem ramos para ela cheirar e enfeitar o quarto. Já não andava muito pela casa, encontrava mais

obstáculos que coisas novas para ver. Tudo passou a ser histórias antigas, encerradas, para serem esquecidas.

Vieram lhe trazer a notícia da cirurgia. Renasceu nela felicidade, esperança de que pudessem se desanuviar seus olhos, uma manhã para rever suas coisas comuns. Enquanto esperava, recriou na mente o seu mundo perdido, numa tentativa de antever o jardim, o quintal, a casa, tudo que a esperava, num regresso saturado de luz. Nesse tempo mostrou-se alegre e até pareceu que voltara a ver. Falava mais e se interessava pelo que ocorria ao redor.

Enquanto convalescia, os olhos vendados, notou a novidade dos sons vindos da casa e da rua e alguns de lugares desconhecidos. E que podia separá-los, pela altura que tinham, pelo susto que causavam. Até que se tornaram familiares e ela podia reconhecê-los e saber o momento em que se faziam ouvir. Teve seus sons prediletos que traziam um prazer inexplicável. Recordou-se de músicas antigas que recriavam emoções. Não havia trégua nessas escutas. Uma interminável sinfonia, de sopros e cordas e acordes diversos.

Apareceram em seu pensamento alguns instrumentos e ela reconheceu que eram a origem de músicas que tanto ouvia. E que podia, quando quisesse, fazê-los tocar, por simples querer e os ouvia, puros e sós ou misturados e juntos. Havia nessa orquestra todos os tipos, ao alcance do pensar. Ela os organizou em fileiras para que estivessem em ordem conhecida, encontrá-los no momento preciso e que se fizessem ouvir na ordem certa e desejada.

Colocou no fundo, no alto, os maiores: o piano, as tubas, os trombones. E mais perto, os de sons mais miúdos, menos percebidos: as marimbas, as flautas, as liras e outros de igual timidez. E no meio, a meio querer, a multidão dos sons quase iguais, os violões e violas, os saxofones e cornetas. De um lado ficavam os de sopro e do outro, os de toque. Num momento vibraram as cordas e o ar e ouviu-se uma música reconfortante. Cada instrumento ouvido a seu tempo, preciso e inadiável. Ela dirigia com definida vontade a cadência. Variou-os por seu bem querer e ouviu-os.

Chegou o dia de retirar a venda e abrir os olhos para enchê-los de luz. Pessoas se juntaram. Queriam compartilhar essa alegria, esse rejuvenescer. Que ela os visse, seus rostos, suas feições; ainda os conhecia? E foi o que viu. Então chorou de felicidade. Viu a casa, o céu, o ar. Os outros não se contentaram e a levaram para passear.

Mas soaram notas perdidas e ela recordou-se de seus sons. Sentiu falta deles, do prazer que traziam, o domínio mágico que tinha sobre eles. Um mundo que descobrira e era só seu. Passava o tempo assentada em silêncio em sua cadeira de braços, imóvel, com os olhos cerrados. Ouvia sua música e remexia nos instrumentos e afinava-os. Novas músicas soaram, intermináveis.

Quiseram saber se enxergava bem. Levaram-na a novos passeios. Embora gostasse, permanecia impassível, envolta em pensamentos. Só percebia o tocar da orquestra e seus olhos se tornaram peças inúteis de vidro, soltas e insensíveis. Voltava sempre que lhe dessem tempo a seus cantos escuros. Julgaram que estivesse cansada da idade, com o susto com a doença, e a deixaram estar, já que estava feliz.

Levaram-na um dia ao jardim e a colocaram na proteção de uma sombra. Pareceu não se incomodar com essa visão que reconstruía seu passado, de amor pelas plantas e pelas flores. Mas fez cessar a orquestra, acomodando nos cantos os instrumentos, silenciando o vibrante ar, para observar. Foi reconhecendo-as, o nome de cada uma, o momento em que as plantou. E cada uma trazia lembranças de épocas de sua vida. Lá estavam, do modo em que as havia deixado, na ordem de espaço e tempo.

No fundo, perto do muro, as maiores, de esvoaçantes folhas e flores vistosas: o hibisco, o malvaisco, a grevílea. E os arbustos redondos de copas cheias e fechadas. Mais perto, junto às pedras que orlavam o canteiro, as florinhas menos vistas, sensíveis ao sol e ao olhar. Havia brancas e azuis, e vermelhas, e amarelas. Também as variegadas, misturas de gerações, de puras cores e odores. As margaridas, as petúnias e outras de igual fragilidade, quase rasteiras. Na extensão melhor vista do canteiro, a meio caminho do ir e vir, ficavam as famílias das rosas, dos antúrios e dos girassóis. Cada uma em seu modo de ser, com suas

variações e reflexos. Todas oscilando em uma brisa não sentida e emanando perfumes, e abelhas, e voos curvos de beija-flores.

E ela notou, no geral da luz, um pouco de sombra. Percebeu que já iria entardecer. Já se notava o apagar dos movimentos, o aninhar dos bichos e das nuvens e o sol se avermelhando em queda de morte. Passaram andorinhas em último passeio, cigarras cantaram despedida. Vieram buscá-la. Ela quis ficar na janela para ver o desperceber dos telhados distantes e das torres longínquas. E o desmaiar das casas e das árvores da rua. Viu que o céu se estendeu ao infinito e o jardim imergiu numa névoa escura, sumindo lentamente, flor após flor.

E percebeu que se fizera silêncio profundo que se prolongaria até o amanhecer.

A estória de Elisia

Havia poemas guardados. Esquecidos, às vezes lembrados e relidos, quando então pareciam recém-criados. Fabulo decidiu postá-los em seu *blog*, para terem um fim, receberem opinião pública, quem sabe fazerem renascer em alguém as emoções daquela paixão fortemente vivida.

Por Elisia. Mas não o fazia de pronto e sim por etapas, como num seriado, dando tempo para que a estória se passasse com a mesma demora em que aconteceu. Entremeados em um texto, dando a impressão de que faziam parte, de fato, de uma história de amor.

A biblioteca solene, colunas sustentando o alto teto, mesas imensas onde as pessoas assentavam-se lado a lado, mas mantinham-se distantes em sua completa mudez. Porém, próximas o suficiente para perceberem o assunto de interesse do outro. Ao meu lado estava ela, circunspecta e circunscrita em seu espaço, só sabendo de si e de seu estudo.

Protelei minha pesquisa de literatura e peguei *O Homem que Calculava*, para uma experiência. Foi bastante. Ela perdeu sua concentração, fez intervalo em seu exercício de leitura tão estático. Arrisquei olhar e Elisia correspondeu. Olhamo-nos e ela demorou-se nesse olhar. Aproveitei para fazer um comentário: “Como é difícil isso, não é?”. Ela me deixou seu *e-mail* e sua dúvida matemática que prometi ajudar a resolver.

Empenhei-me nos dias seguintes na busca de uma resposta, na biblioteca, na *internet*, velhos amigos e até um professor na universidade. A dúvida de Elisia era transcendente, não da ciência precisa. Havia algo de místico, de astrológico. Mas responder que não tinha conseguido avanço era risco de perder esse contato, deixar uma impressão negativa. Precisava dizer com jeito que não

a decepcionasse e a instigasse a continuar nossas correspondências.

“Oi Elisia. Estou pesquisando aquele assunto. E chegando perto. Avisarei logo que descobrir qualquer coisa. Aproveito para te passar um poema que escrevi inspirado em teu problema, deve servir pelo menos para uma distração.”

Matemática do amor

*Desde quando por acaso te conheci
Procurei em centenas de flores
a suavidade do perfume que em ti senti.*

*Nos milhares de estrelas que contei
não vi em suas constelações
metade da graça e das emoções
que junto a ti tão breve desfrutei.*

*Dia a dia adiciono horas diminuídas de felicidade
tentando, na numerologia dessas subtrações
resolver a equação que explique tanta saudade.*

*Perdido no labirinto de minhas ilusões
multipliquei esperanças de ainda te ver
e por anos junto a ti cada minuto viver
a incógnita magia de tuas seduções.*

*Nas frações de sonhos em que imagino te possuir
tento achar nossos comuns denominadores
para nessa matemática do amor te reconstruir.*

*Na imensidão da solidão em que agora sigo
Percebo, na infinitude de tanta querença*

*que a multidão que imaginava ter comigo
nada mais era que tua unívoca presença.*

Elisia estava *on line* e respondeu prontamente: “Sim, tem a ver com o que quero. Teu poema diz um pouco disso, gostei. Podemos combinar de conversarmos melhor.”

Elisia capitulou à poesia, com certeza. Coisa tão distante da exatidão de seu interesse. Bastava marcar o encontro. Onde? Na biblioteca, para compor com o tema que nos aproximou? Mas lá não é permitido conversar. Não queria marcar em um lugar íntimo, precisava ter o cuidado de não dar a entender, tão depressa, minha admiração por ela. Quem sabe deixar que ela decidisse?

Fabulo fez o *up-load*. Logo chegou o comentário de Joana, que se envolveu com a estória, como se já participasse dela e a visse no tempo real:

“Acho que devia marcar o encontro em um parque, num domingo. É um lugar sossegado para conversar e não dá a entender interesse, como seria num barzinho no sábado à noite. Li e reli o poema e o achei lindo. Elisia deve ter achado também, só não quis dizer.”

Fabulo sentiu que valia a pena continuar esse relato, pelo menos uma pessoa estava curiosa e participante dos próximos momentos da estória.

Elisia respondeu. Disse que conhecia um lugar bom para nos encontrarmos, onde teríamos duas opções: com música ao vivo ou um espaço ao ar livre, melhor para conversar, só com a luz da lua cheia, se coincidissem. Coincidiria. Marcamos.

Esperei Elisia na porta. Chegou linda. Já a sabia linda, mas veio com seus arranjos femininos. Ela escolheu o espaço ao luar. Estava preocupado que ela quisesse conversar apenas sobre matemática, de certo achou que eu conhecia bem o

assunto. Que bom que ela quis falar de outras coisas e até de como a matemática pode interferir na construção de um poema.

“Você quer dizer de métrica, de compasso?”

Havia um pequeno lago com plantas aquáticas. E sobre ele uma ponte japonesa. Ao fundo uma cerca viva com flores brancas, destacadas pelo luar. Com essa meia luz parecia uma paisagem impressionista de Monet ou de Renoir.

Conversamos. As músicas preferidas, assuntos de família, opiniões de política. Mas o importante foi nossa presença: os olhares, um tocar de mãos, sentir e elogiar os perfumes.

Percebi que nossos interesses eram iguais e que minha encenação com o livro de matemática na biblioteca foi relevada por Elisia. Agora eu tinha com ela o compromisso de uma amizade, ou mais que isso, de uma paixão. Como Elisia havia elogiado meu poema sobre a matemática achei que uma boa mensagem a ela, agradecendo nosso encontro, seria enviando outro poema.

Ilusões

Quando te dei o beijo de até amanhã, vi que o vermelho de teu batom, tornado púrpura pelas meias luzes do amanhecer, despertou-me a desconfiança de um ciúme.

Mas senti o renascer de um orgulho ao perceber que as recordações de tuas palavras tinham para mim um sentido preferido.

Tentei adivinhar motivo na demora de teu olhar e acreditei que teus olhos eram espelhos de minhas próprias emoções.

No caminho quis enxergar-te no meio dos faróis para uma última despedida e na meia lucidez de uma noite não dormida murmurei palavras que ficaram para te ser ditas.

Despercebido da surpresa de meus próprios sentimentos, senti o sabor de uma lágrima escorrida pela saudade de te ter.

Quando o cansaço de lembrar-te se misturou com os abraços e os beijos que te dei no namoro de minhas imaginações, me embalei no sonho dessas ilusões.

Joana imediatamente mandou seu comentário: “Bem que eu disse, Elisia adorou o poema e também deverá gostar desse novo. Eu queria saber onde é esse barzinho, quero ir lá só para estar no lugar onde essa cena se passou. Acho que sei onde é.”

Joana deu a Fabulo novamente a satisfação de saber que essas postagens não eram inúteis, por perceber que a tocaram e essa estória, já passada e finda, trouxe a ela uma revivescência desses momentos, como se ela os quisesse viver também.

Poderia a matemática em alguma circunstância quebrar suas regras, falhar em sua exatidão? Um resultado depender da emoção? Percebi que esse dilema infantil também me contagiou e passou a tomar parte de meu dia a dia. Descobri que era sinal de que havia me apaixonado por Elisia. Foi um passo além do tempo propício. Não por culpa de Elisia, pois nem havia confessado a ela com o coração. Ela não teve tempo de seguir o ritmo solitário de meu caminhar. Com seu modo fácil de relacionar-se conheceu outra pessoa. Conversamos mais uma vez, nos despedimos e ela me deu um abraço demorado, sinal de não querer perder nossa amizade. Entendi. O que dizer? Pesou. Bebi, chorei. Decidi escrever mais um poema, mas este não mandaria para Elisia. Ficaria como uma desforra, uma vingança... Uma nova confissão de amor?

Adeus... Seja bem-vinda!

*Quisera ser o porto de tua chegada
te acolher neste remanso
e nele te fazer das mulheres a mais amada
e protegida.
Depois com beijos te curar as dores e dar o descanso
nesta guarida.*

*Mas se algum dia outros ventos te soprarem
ou te levar outra corrente
e minhas mãos por sobre as tuas escorregarem
em despedida
confessarei que ainda te amarei eternamente
com a alma ferida.*

*Por mais extensa que seja a imensidão dos mares
não é maior que minha solidão
nas águas já tanto navegadas por meus úmidos olhares
de lágrimas iludidas
procurando quem me devolvesse a surpresa e a emoção
em ti sentidas.*

*Se por ventura as desventuras de teus desencantos
por oceanos outra vez te fizerem vaguear
darei meus ombros, se os quiseres, para consolar os
prantos
dessa nau perdida
que num abraço forte receberei para sempre te amar
minha querida.*

Joana foi pontual: “Elisia precisava ter lido isto! Sei onde é esse lugar. Fui lá. A ponte, o lago. Lembra sim um quadro de Monet. Tenho certeza que Elisia vai voltar. Se lesse esse poema então!”

A história de Elisia foi exatamente assim, conforme foi contada. E assim se encerrou. Nunca mais Fabulo a viu. Mas percebeu que não podia deixar Joana nessa mesma desesperança. Precisava dar-lhe uma oportunidade, poupá-la

desse desfecho. Resolveu acrescentar novo texto à estória, não no passado, como lembranças desiludidas e sim no futuro, como esperança renascida.

Intimação

*Terás tu em teu coração pelo menos a certeza
capacidade de perceber que nesse ato teu
não deixaste se exercer o direito de defesa?*

*Ir embora sem aviso prévio e sem cumprir coisas que
prometeu
abandonando as emoções criadas pelos próprios caprichos
teus?*

*Mas há de chegar o dia em que haverá compensação
mesmo que tenhas que rever caminhos e adiar agrados
receberás no devido tempo e lugar a sentença e intimação
para restaurar os direitos subitamente desprezados
e reparar os danos desse abandono de um coração.*

Mandei por *e-mail* para Elisia. Com esse recado: “Oi Elisia. Continuo gostando de escrever. Espero que esteja bem. Como me inspirou a escrever alguns poemas, quero compartilhar mais esse com você. Um beijo.”

Nem chegou amanhã, Elisia respondeu: “Preciso te ver.” Percebi angústia, um pedido de ajuda. Esperei que se passassem alguns dias para devolver minha mensagem, todo dia a repensava, reescrevia. Eu definiria local e hora, como se fosse de fato uma intimação: “Claro, pode ser no próximo sábado? Se puder, venha pela rua Augusta, cruze a Paulista e vire à direita na quarta esquina. É logo nessa primeira quadra. Não terá como errar, pois o bar tem várias mesas na calçada. Te esperarei em uma delas escrevendo um poema. Às onze horas.”

Joana não se manifestou. Ausência. Teria se desiludido da estória? Percebido que havia uma fraude? Algum problema com seu computador?

No sábado Fabulo foi ao lugar determinado. Chegou às dez horas e ocupou uma mesa. Uma cerveja, o papel e a caneta. Deram as onze horas. Percebeu que uma pessoa estava ali sozinha, de vez em quando o olhava, escondendo logo o olhar. Era linda. E assim ficaram, ambos esperando por Elisia. Aproveitou para escrever um poema e a presença daquela moça ajudou em sua inspiração. Quem sabe entregaria a ela?

Quando deu onze e trinta ela se aproximou, pediu licença e perguntou:

- Você é o namorado de Elisia?

Elisia não apareceu. A probabilidade de que ela aparecesse era infinitamente pequena. Mas a presença de Joana era real, incontestável...

Amar é...

*Amar é deixar despercebidas as razões
do sentimento
não ser feliz sem um momento
com quem se quer.*

*Amar é compartilhar a alegria que se sente
a emoção de gostar
dizer mais com o silêncio do olhar
que com o grito da palavra.*

*Amar é chorar escondido por ter brigado
e fazer as pazes
quantas vezes os que se amam forem capazes
de brigar.*

*Amar é enxergar em tudo que é bonito
a imagem que se adora
sentir toda desesperança ir embora
ao te abraçar.*

*Amar é sofrer a dor de sufocar no coração
o amor que se tem
se por acaso um dia isto for para o bem
de quem se ama.*

O escritor

Ela passou. Voltava da escola? De óculos, o que lhe dava um ar de biblioteca. A mochila, os cabelos curtos com mechas cobrindo parte do rosto. E um andar apressado, cronometrando seus compromissos. Tinha, certamente, coisas para fazer hoje ainda; iria namorar? O início, então, de uma estória. Até pensei em segui-la, saber aonde ia, onde morava. Mas não seria ético, sem que ela soubesse. Esperar, quem sabe outro dia.

Precisava de um nome para ela e esse mesmo para essa estória. Talvez seu nome real, uma homenagem, agradecimento por ter-me dado a inspiração. Decerto passará aqui novamente, interrogo-lhe o nome com a desculpa de um engano. Enquanto isto escrevo a recordação dessa passagem, de surpresa, algo tido e perdido em segundos. E a saudade de rever alguém que sequer havia conhecido.

Escrevi. Depois, como de hábito e método, voltei para reler, corrigir, amadurecer. Vi que o texto era outro. Algum vírus? Atualizei e passei o antivírus, nada foi intimado em suspeita. Nem devia, era um simples arquivo de texto. E a estória, a outra estória, ali estava, tinha coerência, mas eu não a havia escrito:

Ela vinha calmamente passeando, os cabelos lisos e longos, uma parte jogada para trás. Carregava uma bolsa bem pequena, mero enfeite. Tinha um fone de ouvido e com certeza ouvia alguma música, pois interferia na cadência de seu andar, às vezes um compasso de dança. Os lábios largos, destacados com um permanente sorriso. Usava uma sandália comum deixando ver que tinha os pés muito bonitos, certamente ela sabia disto e por isto usava esse tipo de calçado.

Ao passar, percebendo que eu a olhava, fez um gesto discreto de cumprimento, um sorriso disfarçado, cordial. Acompanhei-a com o olhar até que se perdesse na perspectiva da rua. Solitária silhueta. Passou.

De onde teria vindo? E aonde iria, tão calmamente? Os olhos escuros, o corpo magro e bem desenhado, os seios em discreta saliência.

Teria meu computador aberto uma licença remota? Quem disso entendia fez-me compreender que essa intimidade só era possível com a confiança de um comando. Abri um novo arquivo e reinventei minha estória. Dei o nome provisório de “*A estória de Carol*”. E a essa outra, cujo segredo ficaria para ser desvendado, renomeei como “*A estória de Leticia*”. Salvei a estória de Carol no *pen-drive*, para que ficasse indelével.

Fiquei na porta do bar: o copo, uma música no *player* e a espera curiosa. Quem passaria? Carol? Leticia?

Uma cerveja a mais, algumas conversas e a vigilância. E lá vem ela. Um capuz para proteger do vento, o ar acadêmico, os óculos. Desta vez a segui algumas quadras, comprometido em manter seu percurso em segredo. Carol em seu compromisso. Em certo momento a alcancei e caminhamos concomitantes. Ela admirava o chão, filosófica, e assim seguiu com seu objetivo, cidadã, inflexível em seu trajeto, seu livre ir. Só um brevíssimo olhar, por susto, mas logo confiou em minha presença compartilhando o seu caminho. Escrevi no devido arquivo. Perpetuei no *pen-drive*. Por curiosidade reiniciei o computador. A estória estava intacta, fiel ao que imaginei.

E Leticia? Que pensamento desnecessário! Haveria essa estória de ter seu curso, sem que alguém a redigisse? Teria eu tido uma amnésia, esquecido completamente de tê-la escrito? Melhor ir ver se isto se repetiu? Surpreendi-me nesse dilema, acreditando que a estória de Leticia se sucederia sozinha. Não custava. Lá estava o arquivo, como o havia deixado. Leticia não prorrogou sua vida. Poderia deletá-lo, que valor teria? Achei melhor deixá-lo, quem sabe seria útil para descobrir um dia de onde surgiu.

O bar. O *player*. *Torn* para inspirar. Queria, quando Carol passasse, estar ouvindo essa música, tinha a ver com ela. O ritmo de seu caminhar. Sua feminilidade. Até uma prepotência em seu modo de ser.

O horário, a silhueta ao longe, vindo. Menos apressada desta vez, o rosto semiescondido. Não iria namorar? Teria brigado? Veio. Entrou no bar. Assentou-se. Estava ali, plena, presente. Olhou ao redor e quando me surpreendeu em perplexa admiração esbocei sorriso, meio cumprimento, ao que ela correspondeu. Pediu um sanduíche. Morava sozinha? Enquanto comia escrevia em uma caderneta. De vez em quando riscava com energia, parecia estar desistindo do que escrevera. Por fim arrancou uma página e jogou-a no lixo. Parecia aborrecida e levou consigo descontentamento. Fui até a porta vê-la ir. Olhei-a com o semblante recolhido, demonstrando solidariedade com sua tristeza. Parece que ela entendeu, disse-me “Até amanhã”. Sinal de que voltaria? Sim, essa é sua passagem habitual e certamente já havia notado minha presença ali. Agora foi devagar, como se coisas tivessem ficado, esperando finalizar. Fui pegar o papel jogado no lixo.

Sem dúvida Carol é minha estória. Leticia? Engano inexplicado, findo. Compreendi que podia deletar a estória de Leticia. Antes, aproveitar algo que lá estava escrito, seu jeito sedutor, sua imaginária existência.

Fui ver.

Desta vez Leticia foi surpresa, de repente. Ali estava, e seus pés, apenas outra sandália. Chegou, viu-me e disse: “Oi!”. Já me conhecia, tão breve. Entrou. Olhou demorado para os cardápios nos cartazes. Voltou-me um olhar e não perdi o momento: “Aceita uma cerveja?”. “Ah...”. Sentamos. Leticia era linda. Os cabelos e um pouco deles jogados sobre os ombros, com um trejeito periódico. As mãos pequenas e finas tal qual os pés. Leticia quis saber, disse-lhe que era um escritor e vinha aqui procurar motivos. “E você?”. Ela gostava de falar de muitas coisas, pouco de si. Contive-me. Um casual encontro, não havia porque querer saber de intimidades. “Que música gosta?”. “Muitas, mas para lembrar-se de mim ouça Dead Flowers”. Despediu-se e agradeceu a cerveja e a companhia. Acompanhei-a até a porta, depois até a esquina. Foi. Já longe olhou para trás, queria ver se eu a olhava?

Como eu poderia ter escrito isto? Ou tive uma amnésia ou escrevi enquanto sonâmbulo. Se fosse amnésia, teria se repetido em outras situações, de que não tive notícia. Pode um sonâmbulo ter uma inspiração?

O papel que Carol jogou no lixo tinha artística caligrafia. As ideias eram indecisas, interrompidas. “Melhor que prorrogarmos nossas angústias”. Carol se despedia? “Foi feliz te ter”. Sim, há uma decisão definitiva. Carol terminou seu relacionamento. Por isto sua tristeza, sua reclusão. Eu tinha motivo para ampará-la, confessar que a queria.

Outra vez que ela passou arrisquei um cumprimento. Intimando, exigindo correspondência. Ela não teve surpresa, nossos olhares já se conheciam. Breves palavras nos comprometeram. Um dizer propiciava outro. Combinamos um encontro para nos conhecermos melhor.

Dia e hora. Carol sistemática, pontual. Veio. Enfeitou-se. Nem precisava, em seu cotidiano já era linda. Pôs brincos e um batom diferente. Reparei com olhar de escritor.

Carol retraída, ferida. Uma paixão há pouco terminada. Parecia querer um consolo, um apoio. Compreendi. Conversamos sobre outros assuntos para desviar dessas coisas de amor. Peguei em sua mão, ela aceitou, carente. Senti que deveria, por dever de coração, ter certeza que Carol não queria uma reconciliação. Provoquei. Ela foi definitiva, decisiva. Então a abracei demoradamente e assim ficamos sem qualquer conversa.

Carol não quis que eu a levasse, deixei-a na esquina e fiquei à espera de sua última silhueta.

Escrevi, floreei. Essa circunstância de emoção, de paixão desfeita, mais forte que o amor retribuído. A falta de objetivo, de sobrevivência, de alguém para compartilhar a genética, deixar a prole, os gens. De natureza interrompida. Um amor sem seu objeto, sem motivo para se manifestar e existir. E que mesmo assim ficaria para sempre, lembrança inexorável, por mais que se quisesse apagá-la.

Salvei. Antes de desligar o computador, já tarde, a inevitável curiosidade: Leticia. Não custava ver. Então percebi, por que não havia pensado nisto antes? O histórico das atualizações do arquivo. Lá estava, incontestável: 4:30 h. Essa estória devia então

ter seu curso, por que eu estaria a escrevê-la secretamente? Carol tão linda, tão próxima de mim, real, não me satisfazia? Quem era Leticia afinal, mera imaginação.

O bar era inevitável. Carol e Leticia eram a mesma pessoa, vista com diferentes olhos? Carol veio sem óculos, estava com lentes, queria parecer mais sensual? A cerveja, a conversa, só sobre nós. Quantas vezes é possível se apaixonar? A mecha cobrindo parte do rosto, artifício pedindo sua descoberta. Carol estava feliz, sua angústia compensou-se por encerrar uma amizade que não lhe convinha, não a satisfazia. Percebi que ela gostou de estar comigo pelo zelo que tive com ela, por abraça-la quando ela tanto precisava. E assim Carol tratou-me, desejou-me, foi mulher e fêmea, tudo o que queríamos e precisávamos.

Cheguei tarde. Resolvi escrever, pelo menos um esboço dessa noite tão feliz, amanhã completaria os detalhes. Mas fui ver primeiro “A Estória de Leticia”.

Veio dançando em seu andar. Eu na porta, o copo de cerveja, vigilante. Leticia passou a mão pelo meu peito, de cima para baixo e esse foi seu cumprimento. Sua intimidade. Que palavra isso representaria? Entrou. Leticia e seus cabelos. E o vestido com faixas sobre os seios, mostrando parte deles.

- Por que Dead Flowers, uma música já histórica e você tão jovem?

- Queria ter vivido essa época.

Vi uma aproximação, um convite, eu já não tão jovem, de conversarmos sobre aquele tempo. Falamos de nossas músicas preferidas, nossas vidas, cicatrizes de nossos amores. E nos surpreendemos em uma pausa em nossas paixões. Nossos olhares foram ficando mais fortes que nossas palavras. Leticia quis se defender: “Não quero me apaixonar por você”. Mas declarando essa sinceridade, essa decisão, mostrou que estava perdendo o controle de suas emoções. Respondi com um olhar demorado em seus olhos, às vezes desviando para sua boca e devo ter demonstrando com um sorriso que havia notado sua capitulação. Leticia com certeza percebeu, pois senti suas mãos apertarem as minhas um pouco mais.

Corri para dormir. Ainda teria tempo de, sonâmbulo, completar esse momento tão bom?

Leticia foi presença constante em meu pensamento, minha diversão preferida em cada manhã: ver no histórico do arquivo se havia atualizações. Eram assim, na madrugada, no momento do sono mais profundo. Leticia foi perdendo aos poucos sua resistência e por fim a tive como a queria e como ela queria que eu a quisesse.

O bar. Carol ia passar. Por um momento pensei em ir embora, precisava me preparar para revê-la. Leticia forte em meu pensamento, mais que isto, constatei que a amava. Mas Carol tão linda e nesse momento de sua história tão confiante em mim.

Esperei. Quem sabe tomaria uma decisão, faria uma confissão, uma escolha, não prolongaria essa situação.

Lá vinham elas. Logo vi, pelas silhuetas, quem era qual. Leticia com o mesmo cumprimento, o dedo desenhando em meu peito. Carol me abraçou e não queria terminar esse contato. Sentamos, pedi mais uma cerveja.

Elas, do outro lado da mesa, siamesas, Carol leu em voz alta o que eu havia escrito. Fiquei contemplando suas admirações. A estória parecia criar nelas aproximação ainda maior. Entendi. Mesmo satisfeitas com seus negócios como profissionais do sexo, não perderam as esperanças por uma dedicada e sincera paixão.

Leticia esticou as pernas sob a mesa e colocou os pés sobre meu colo. Seus pés, nus e delicados. Carol, em cada pausa da leitura, olhava para mim. Quando a estória já se encaminhava a seu final Leticia desassossejou-se, seus olhos merejaram. Carol a apertou em um abraço e se esforçou para ser mais forte. Deu-me a mão e com uma de minhas mãos a atendi e com a outra segurei o pé de Leticia sobre meu colo.

Essa noite fiquei com Leticia. E com seus pés. Leticia incorporou a personagem que criei para ela. Foi minha, muito mais que sempre foi. O quanto estivemos juntos, nos apaixonamos o tanto que pudemos.

Passei de carro em frente ao bar em minha rotina de volta do trabalho. Na porta estavam as duas que sempre vi ali e que achei bonitas. Devem ser grandes amigas. Uma delas olhou para mim e

sorriu. A de cabelos compridos que apelidei de Leticia. São profissionais do sexo, sem dúvida, por esse oferecimento. São lindas. Um dia desses vou parar nesse bar para conhecê-las e conversar com elas. Quem sabe nessa conversa, nesse contato pessoal, me inspiram a escrever outra estória.

Esse amor foi para sempre

Um jovem casal assentou-se ao lado. De frente um para o outro, de mãos dadas e assim ficaram olhando-se nos olhos. Depois o olhar de cada um percorreu o rosto do outro em demorada admiração. As mãos às vezes se largavam para se acariciarem, como se quisessem, com o tato, comprovar que o que viam era verdade. De vez em quando um beijo na boca e na face, com pouca sensualidade, mais como demonstração de intensa afeição. O garçom veio servi-los, só então pegaram o cardápio sobre a mesa e escolheram alguma coisa e esse gesto pareceu uma formalidade, como se cumprissem uma obrigação, para terem o direito de permanecerem ali. Abraçaram-se demoradamente, com os olhos fechados, enquanto suas mãos se tateavam, procurando a certeza dessa realidade.

Fausto lembrou-se de sua primeira paixão. A primeira correspondida, real, pois antes houve outras, meros experimentos de emoção, arroubos da adolescência. Nem percebidos pela pessoa pretendida. Sua paixão por Ana, que um tempo depois, por um motivo qualquer, um ciúme, orgulho dos dois não quererem confessar saudade, se desfez sem uma declaração, uma despedida, sem uma última conversa sincera. Cada um se indignou em esperar a decisão do outro, tendo cada qual o argumento do suposto desprezo que o outro tinha por seu amor. Um amor forte e tão intolerante ao imaginado significado de uma simples palavra. Um afeto, o maior que teve.

Estaria guardado com aquela intensidade em algum lugar de sua lembrança? Seria possível revivê-lo, mesmo que solitariamente, à distância de seu objeto? Nos dias que se seguiram essa ideia atormentou Fausto e ele acabou capitulando ao desejo dessa singular experiência.

Quem sabe começar revivendo coisas daquele tempo? Os lugares, as músicas, qualquer lembrança. Fez pausa em suas programações para rever essas coisas. Um descanso na rotina de noites e dias, como se fosse viver concomitantemente outra realidade. Havia um cinema aonde iam, onde passavam filmes “de arte”, famosos e antigos, há tempos saídos de cartaz.

O salão tinha a mesma ornamentação. Os sofás, embora reformados, lá estavam. Assistiu Morte em Veneza. Uma forte paixão, bom começo para Fausto na busca de suas reminiscências.

Fausto quis ler Thomas Mann, para resgatar ao máximo as emoções dessa estória e usá-las como combustível para a paixão que tentava recriar. Lembrou-se da biblioteca que frequentavam. Indagou à funcionária se poderia verificar, na ficha de Ana, se ela ainda ia lá. A funcionária informou não ser possível por regras de segurança. Levou o livro.

As cenas da praia de Veneza trouxeram-lhe à lembrança o parque aonde ia com Ana. Com certeza os lugares onde ficavam lhe trariam recordações. Levou o livro, aproveitando o tempo para terminar de lê-lo. Como na estória que lia, ali também era primavera e o parque estava enfeitado. O jasmim florido, o mesmo que ele e Ana iam cheirar as flores quando passavam ali, deliciando-se com o odor. Aproximou-se para sentir o perfume e este lhe trouxe uma lembrança imediata, o ritmo de seu coração acelerou, a respiração ficou profunda. Um feromônio de Ana?

Uma pessoa vinha sempre fazer caminhadas. Era jovem e bonita. Mesmo com o corpo leve e proporcional, tinha a vaidade de manter-se com exercícios disciplinados. Seguia um trajeto constante, reaparecendo repetidas vezes, completadas as voltas, usando um fone de ouvido. Por acaso se parecia com Ana. Fausto gostava de vê-la passar e percebeu que isto passou a ser motivação para lá voltar.

Aproveitou para caminhar pelo parque. Levou seu *player*. Cruzou com a mocinha, ela olhou-o fingindo um sorriso. Teria sido pela educação de cumprimentar alguém com quem se cruza solitariamente, ou ela teria percebido uma identidade, por ele estar também ouvindo música? Queria saber o que ele ouvia? A regularidade de suas idas ao parque e o transitar pelo roteiro das caminhadas fez com que se encontrassem outras vezes. Ela com a gentileza de um sorriso, agora franco, como se já se conhecessem há tempos. De fato se conheciam, por tantas trocas de olhares.

As tardes foram para Fausto os melhores momentos desses dias: caminhar, ouvir suas músicas e ver a menina passar. Os

segundos dessa presença, o sorriso. Ela era regular em seu horário, decerto ia lá após a escola. Completado seu passeio desaparecia; alguém vinha buscá-la? Era quase noite e ele ficava mais um pouco, até que não houvesse luz para ler, quando se ouvia o canto noturno de um sabiá.

Uma tarde ela de longe o viu e veio com seu discreto sorriso e quando passou olhou para frente e continuou sorrindo. Fausto pôde ver a singela silhueta de seu perfil. Tinha feições delicadas, o nariz pronunciado, denotando decisão. Ele tentou desenhá-la, implicou-se com aquelas curvas, queria saber se havia nelas alguma regularidade, uma lógica que justificasse essa perfeição.

Tal como Visconti foi à procura de Tadzio para ser objeto de um amor intenso, Fausto percebeu-se em busca dessa mocinha para que ela lhe desse o estímulo vivo, humano, para reinventar uma paixão passada e esquecida. Fazê-la renascer, ocupar seu pensamento, inspirá-lo a escrever um poema declarando seu amor. Deu à menina do parque o apelido de Aninha.

Poderia ter notícias de Ana procurando seu nome na internet. A busca pelo nome completo não indicou nenhuma página e pelo sobrenome resultaram centenas. Poderia todo dia ir vendo alguns endereços, quem sabe...

As azaleias se perfilavam em diversos lugares. E de onde ele ficava, à espera de Aninha, via à distância a touceira florida de um hibisco. Mesmo no canto dos olhos chamava a atenção, com o rosa das flores se destacando do verde da vegetação, convidando para ser vista. Pesava na paisagem. Um pintor teria que a contrapor no fundo e à direita, com um assunto maior e mais próximo, à esquerda. Aninha se aproximando? Com a graça de seu andar e rápidos traços fazendo imaginar a beleza de seu rosto. O caminho por onde ela vinha, sinuoso, se afastando e indo passar perto do hibisco. As duas belezas se uniriam, ao mesmo tempo se manteriam discretas, confrontantes, cada uma se expondo com sua graça e se contrapondo à beleza da outra.

O que será que Aninha ouvia? Gostaria das músicas de Fausto? E da única que ele ouvia nesses passeios, a que ele e Ana preferiam? Lá vinha ela. Usava um tênis branco, um *short* azul e uma camiseta branca, deixando ver os ombros e parte da cintura. No ventre, um brilho dourado. O boné com um emblema

discreto. O ritmo pouco mais rápido que um caminhar. Quando Fausto percebeu que ela já o tinha visto, tirou o fone de ouvido oferecendo-o a ela, apontando para ele com a outra mão, insinuando que sua música era melhor que a dela. Ela sorriu e tirou o seu, entregando-o a ele.

Ficaram próximos pela exiguidade dos fios, cada um com o fone do outro. Aninha olhava para baixo, envergonhada por essa situação inesperada. Logo que ouviu a música, olhou para ele com decisão, demonstrando surpresa. Como se a conhecesse e fosse importante para ela. A que tocava no *player* dela era *On My Mind* e parte da letra era adequada a essa situação: “*Give me the chance to love you, I’ll tell you the only reason why*”. Ele balançou o corpo, seguindo o compasso da música, mostrando que gostou dela. Tentou quebrar a seriedade de Aninha, algo que parecia incomodá-la, diferente de seus encontros prévios. Ela sorriu novamente e devolveram os fones, desfazendo esse rápido contato com um breve aceno de despedida, sem trocarem qualquer palavra.

A imagem de Aninha não o deixava. Nem ele esperava esse impulso de provocá-la e ter seu rosto tão exposto a sua admiração. Aninha era linda. Chegara há pouco ao término de seu estirão, adquirido um corpo adulto, mas com feições lembrando uma criança. Os seios demarcando seu espaço, os cabelos negros e discretamente ondulados, caídos até o peito. O rosto, em perfeitas simetrias, mostrava uma decisão forte, ao mesmo tempo uma suplicada dependência. E a cada segundo uma diferente nuance de expressão, reflexo da disposição de sua juventude. O que era mais bonito nesse rosto era perceber que ele era um projeto de algo ainda mais belo, esboço de um artista para sobre ele fazer sua definitiva arte. Como o botão de uma flor que ainda iria desabrochar.

Outra vez que ele foi ao parque ficou num banco ao lado do percurso da caminhada. Aninha veio e de longe o viu. Vinha olhando insistente e séria. Parece que o ver agora a perturbava. Fausto imaginou que ela estivesse pensando que ele a queria mais que nesses casuais encontros. E ele tinha dúvidas se a queria. Estava com o fone de ouvido e quando ela passou e o olhou, ele fez gestos acompanhando a música. De propósito ouvia

On My Mind e ela deve ter percebido, pois foram os mesmos gestos que ele fez aquele dia frente a ela. Ela sorriu lindamente, mais que ele já a tinha visto sorrir. Ficou feliz por saber que ela gostava de vê-lo ali.

A busca nas páginas do Google tornou-se uma diversão. Cada uma, uma surpresa. Havia coisas sugestivas, logo as evidências do engano. Então ele se deparou com o facebook da menina do parque. O rosto que ele bem conhecia. Uma foto no parque. Aninha parecia-se com Ana e tinha o mesmo sobrenome. Era filha de Ana?

Ele voltou ao parque, mas não viu Aninha. Estaria doente, decidiu não ir mais lá? Descobriria quem era Fausto? E por isto mudou o horário de seu passeio, para não o encontrar? Foi em outros horários. Visitou parques próximos. Quando se conformava com a perda de Aninha, percebeu: era tempo de férias. A ausência de Aninha mostrou que ele a amava, mesmo sabendo que esse amor não teria retribuição. Seria apenas a recriação de uma antiga emoção. No facebook Aninha deu notícias de suas férias. E anunciou ter em sua *play-list* mais uma música: a que ele mostrou a ela no parque.

- Eu te amo Aninha!

Mas que valor teria, que consequência? E se ela soubesse? Teria um desconforto. Precisava desistir de vê-la. De cultivar um sentimento que seria sempre desejo insatisfeito. Programou um último encontro, uma troca de olhares de despedida. Aninha cumpriu o papel de ajuda-lo a reencontrar os fragmentos das lembranças, remontar sua antiga paixão. Deixaria apenas uma demonstração de sua admiração, com um poema.

Semente de amor

*Desculpa invadir teu espaço
que culpa tenho estar na passagem
se ao passar você me olha
e ao me olhar
teus olhos me abraçam e teu sorriso me beija.*

Só sei que agora te amo

*e nem que seja uma breve emoção
mesmo assim valerá a pena
se ser breve não fosse bom
nenhuma flor precisaria florir nos campos.*

*Desculpa ser pedra no teu caminho
que culpa tenho se és sol na minha vida
e o sol toda tarde
ter seu brilho escondido
no abraço e no beijo de uma montanha.*

*Só sei que agora te quero
e não adianta cortar este bem pela raiz
sou semente de amor
que só precisa para crescer
de um pouquinho pequeno de tua luz.*

Havia densa neblina. Assentou-se no banco ao lado da trilha da caminhada, ouvindo *This Old Heart of Mine*. Quando vinham ao parque, ele e Ana compartilhavam o fone de ouvido, para ouvirem essa música, enquanto esperavam o entardecer. A luz do dia ia fugindo do lago e os reflexos das luzes artificiais dos prédios distantes tomavam seu lugar, com os brilhos multicoloridos. Isso era para eles um espetáculo, ali juntos, unidos por sua paixão. A música era uma sinfonia, enquanto a ouviam discutiam seu andamento: “É alegre... Agora é andante... Não, é moderato.”

Um vulto que parecia Aninha veio se aproximando. O andar leve, como se não pisasse de fato o chão e sim fosse levada nesse gracioso movimento em permanente levitação. Era ela, passou e com certeza, confundida pela neblina, não o reconheceu, certamente sorriria como sempre fez, principalmente agora, depois de bom tempo sem se verem. Fausto notou que ela descompôs o andar, reduzindo seu ritmo; queria vê-lo? Seguiu-a para entregar-lhe o poema. Adiantou os passos para alcançá-la, percebeu-se novamente dominado por essa paixão que não deveria existir e não teria sequência. Que causaria constrangimento, ele confessando, mesmo que por meio de um poema, sua paixão. Abreviou os passos e se distanciou. A

imagem de Aninha foi se perdendo na neblina. Andou mais depressa, queria ter por último essa oportunidade de vê-la.

Aninha olhou como se quisesse saber se ele continuava indo ao seu encontro. Ele teve certeza que Aninha queria sua aproximação, por curiosidade ou, quem sabe, por já saber da história. Ele queria correr ao encontro dela, entregar-lhe o poema e esperar que ela o lesse, aproveitando esse breve momento para admirar seu lindo rosto, vendo nele as expressões que o poema lhe causaria. Quem sabe dar-lhe um abraço demorado, o tempo dessa difícil despedida. Percebeu que sua paixão por Aninha criava esses argumentos, tentativas de tê-la por mais um instante. Tinha que se desiludir desse encantamento que nada mais era que uma paixão esquecida que deveria preservar seu objeto. Seu corpo, sujeito ao mesmo tempo a essas ordens contraditórias, foi se enfraquecendo.

Aninha se distanciou e se perdeu na neblina do parque.

A escritora

Uma moça sozinha chamava a atenção. Concentrada no que escrevia, quem sabe esperava o namorado e adiantava coisas da escola ou do trabalho. A noite foi se fazendo e ela permanecia. Rodrigo teve curiosidade de esperar que ela fosse embora e ela foi sem que a viessem buscar.

Ele procurava motivo para escrever e essa moça no bar, jovem e bonita, deu-lhe inspiração. Chamaria “A estória de Nicole” e começava com a personagem escrevendo uma carta para seu namorado, onde confessaria estar apaixonada por outro.

Passados uns dias lá estava a moça na mesa, escrevendo. Seria habito deixar tarefas para essa hora ou era também escritora? Pouco mais de trinta anos, o semblante calmo, um ar de inteligência. Também de maturidade, de emoções sob controle. Seu olhar percorria o ambiente e se fixava no papel em que escrevia. Seus pensamentos impunham esse movimento; quando olhava ao redor os olhos corriam perdidos, sem interesse pelo que via.

Rodrigo sentiu-se estimulado a dar sequência a sua estória, usou guardanapos de papel que estavam na mesa. Ela percebeu, os devaneios de seu olhar mostraram um interesse pela presença dele ali. Demorava mais a atenção e algumas vezes em que ele olhou para ela surpreendeu-a olhando para ele, quando voltava a concentrar-se em seu papel.

Ameaçava chover e um providencial vento jogou um dos papéis em que ela escrevia em direção à mesa dele. Com um reflexo ele o pegou. Ela ameaçou levantar-se, ele adiantou-se ao encontro dela. Ela agradeceu, teria perdido um grande trabalho. O papel tinha um longo texto com diversas correções. Ele disse que gostava de escrever e que havia escrito o início de uma estória ao vê-la ali outro dia e que em nova oportunidade iria mostrar-lhe, se ela quisesse. Chamava-se Raquel.

Na próxima vez em que Nicole se encontrou com seu namorado acabou contando tudo a ele: que havia se apaixonado por outro. E que esse outro não tinha participação, nem sabia desse amor e dessa decisão dela.

Disse que havia escrito uma carta explicando tudo, preferiu falar por ser mais sincero. E que gostava muito dele, mas não o podia iludir se não era por ele sua maior paixão. Jeferson pediu para ver a carta, ela insistiu que não havia mais motivo, ele argumentou que se foi escrita para este fim não havia porque guarda-la ou jogá-la fora. Ela cedeu e enquanto ele lia lágrimas escorreram em seu rosto. Ele não as enxugou, como se as quisesse ignorar. Nicole ficou desconcertada, percebeu que acabou criando uma situação mais difícil revelando essa carta, um artifício desnecessário para justificar o fim de seu romance. Tentou pegar o papel que estava sobre a mesa, ele pôs a mão sobre a mão dela e logo em seguida a retirou. Ela deixou o papel e ficou olhando para a carta, esperando que ele terminasse de ler. Um vento levou o papel, arrastando-o pelo chão. Os dois olharam até que ele se perdeu junto a outros que também voavam. Nenhum dos dois fez gesto de querer pegá-lo. De que serviria? Jeferson ficou mais um tempo ali quieto, olhando para o lugar da mesa em que estava a carta, em seguida levantou-se, deu um beijo no rosto dela, passou a mão em seus cabelos e se foi.

Quando Rodrigo foi de novo ao bar encontrou Raquel e mostrou o que havia escrito.

- Veja como me inspirou ter te conhecido!

Ela confessou ser escritora e que estava escrevendo uma estória, porém indecisa e precisando de motivação. Prometeu que traria para Rodrigo ver. Perguntou o dia de seu aniversário. Seria quatro de março. Não perguntou o motivo dessa curiosidade. Talvez ela quisesse dar-lhe um presente, já tinham amizade. Ou quem sabe quisesse conhecer sua personalidade por seu signo.

Apareceram uns amigos dela, bem mais jovens, que a cumprimentaram e combinaram de se encontrarem mais tarde em uma balada. Entre eles Daniel, bonito e educado e sua educação e bons modos aumentavam sua beleza, pois o faziam elegante e gentil. Tinha intimidade com Raquel, assentou-se ao lado dela e ela colocou a mão sobre sua perna. Ele a abraçou e fazia brincadeiras de apertar seu rosto junto ao dela pedindo que

tirassem uma foto. Quando chegou e quando foi embora, deu um beijo treinado no rosto dela, mais demorado que o comum.

Quando já ia, os amigos o seguiram. Estava sempre cercado por eles, como se disputassem um lugar ao seu lado. Rodrigo perguntou a Raquel como ela o conhecera. Fora por intermédio de uma amiga, mas Raquel não se interessou por esse assunto.

A estória de Raquel era “*Amores Casuais*”. Um rapaz tentava conquistar Stephanie. Ela, entretanto, não demonstrava interesse em deixar seu namorado. Conheceram-se no bar que frequentavam, onde de vez em quando trocavam olhares. Um dia o namorado dela demorava e a presença de Roberto a incomodava. Pediu ao garçom uma caneta e num guardanapo de papel escreveu um bilhete pedindo a ele para entregar ao namorado dela. Quando ela deu sinais de ir embora, pagando a conta e despedindo-se do garçom, Roberto aproximou-se desculpando-se e perguntou: “Posso saber o dia de teu aniversário?”. Ela ficou indecisa, coisas passaram por sua cabeça, concluiu que o melhor seria dizer a data e ir embora. “Quatro de março”.

Quando ela voltou ao bar, o garçom veio entregar-lhe um papel onde havia um poema.

Aniversariar em Março

*Que bom é esperar por Março, contar os dias para Março
chegar*

*Que bom ter sido dezembro, ter sido janeiro e fevereiro já
passar*

*Que bom já ser Março e em Março ter tempo para coisas te
contar*

*dizer que o ano foi curto para os afetos e abraços que queria
te dar*

*Que bom deve ser nascer em Março e em todo Março
comemorar*

*o outono das chuvas e a primavera do inverno gostoso de
namorar*

*Quantos Marçoos houver serão poucos para o que temos para
falar
de nossas emoções revividas por esses tantos Marçoos
relembrar*

*E se os Marçoos que juntos vivemos e que viveremos alguém
somar
se surpreenderá com a amizade e o amor que temos para
compartilhar
Quero ser o primeiro a te ver em Março, raio da manhã a te
despertar
o primeiro a te abraçar, a te dizer parabéns, só por Março
despontar*

*Que bom Março ter tantos dias, para em cada um deles de ti
lembrar
porque de ti é Março e de ti será o Março que em cada ano
retornar
Que bom se uma extraordinária força fizesse o tempo em
Março parar
para cada dia te abraçar e nesse infindável Março
eternamente te amar.*

- Gostou?

- Claro, para mim é uma homenagem adiantada de aniversário! Por que *Amores Casuais*?

- Porque gosto de escrever ouvindo música, para que a estória tenha um ritmo. Tento transferir a emoção que a música me causa, como se fosse uma trilha sonora. E essa estória estou escrevendo ao som de *Casual Conversations*.

Rodrigo percebeu que por tê-lo visto escrevendo em um guardanapo do bar ela inspirou-se a iniciar essa estória que prometia, pela força desse poema, ser o relato de uma intensa paixão.

Nicole ficou com Rafael. Era um rapaz muito bonito. Chamava a atenção até dos homens, quando estes percebiam que as mulheres o olhavam. Era discreto, não tinha soberba e ficava

sem jeito quando percebia que as pessoas o olhavam. Quando não estava com Nicole, Rafael acompanhava-se por amigos e amigas que o seguiam e mostravam ser ele o motivo principal de sua atenção, discípulos fiéis de sua agradável presença.

Mas a sedução de Rafael acabou sendo um problema para Nicole. Passado um tempo deste namoro, velhos e novos amigos e amigas voltaram a assediá-lo. E Rafael recebia-os com agrado, deixando-os à vontade. Eles faziam brincadeiras, as meninas elogiavam seus cabelos e passavam sobre eles as mãos. Ele gostava de ser alvo dessa fascinação, desde criança recebia adulações.

Nicole ficava sem graça, mas quando os amigos iam embora ele se dedicava a ela, abraçava-a e a beijava e confessava seu amor. Ela contemporizava e aceitava a forma como os amigos e amigas dele o tratavam, mesmo que tivessem com ela indiferença.

Rodrigo foi cedo ao bar. Esperou-a ouvindo músicas em seu *player*. Quando ela chegou ele foi buscá-la na porta. O garçom veio fazer a gentileza de puxar a cadeira para ela se assentar, Rodrigo se adiantou. Raquel se interessou por suas músicas. Quis saber qual música ele mais gostava.

- É difícil escolher uma, posso escolher algumas?

Raquel concordou e ele mostrou as que ouvia com mais frequência. Ela insistiu:

- Não ficou mais fácil escolher apenas uma?

Escolheu *Things Have Changed*, Raquel perguntou o motivo.

- Dá sensação de batalha sendo vencida, de pessoas caminhando enérgicas ao encontro de suas conquistas. Sensação de desembarque, de juventude, nascimento de uma vontade forte, decidida...

Avisou que faria uma viagem de trabalho e ficariam um tempo sem se verem. Ela demonstrou insatisfação por essa ausência.

Durante a viagem trocaram mensagens e telefonemas, ele avisava de todo lugar aonde chegava, passando impressões

deles. Raquel se interessava por detalhes, perguntava e ia acompanhando pela internet o percurso. Dizia que fazia com ele uma viagem virtual. Nunca estiveram tanto tempo sem se verem.

Ele a esperou na mesma mesa da calçada onde ela estava quando ele a viu pela primeira vez. Raquel veio com um vestido com faixas que se sobrepunham com diferentes tons de vermelho e deixava a descoberto suas costas até a cintura. Usava uma sandália com finas tiras de couro, apenas para mantê-la presa ao pé e um brinco artesanal em uma das orelhas. Os cabelos curtos, apenas até os ombros e um penteado revoltado. O sorriso sem nenhuma pintura. Então se abraçaram e assim ficaram, enquanto seus braços e suas mãos apertando e tateando seus corpos falaram por eles o que precisavam dizer.

Stephanie inventou motivo para não ficar naquele bar e foi esperar seu namorado em outro que ficava próximo. Roberto percebeu, os amigos vinham trazer-lhe notícias dela e ele de vez em quando podia vê-la, mesmo que apenas sua silhueta, que ele conhecia bem. Decidiu não ir lá, respeitar o desejo dela se afastar. Pediu a um amigo que fosse entregar a Stephanie outro poema:

Te esperar

*Te esperar é saber, é ter certeza
que de ti poderei ter um dia
alívio desta saudade*

*Te esperar é te ter nesta esperança
é sonhar cada noite com o momento
de tua chegada*

*Te querer faz sentir, faz prever
que a razão para de novo te ter
é este tanto te esperar*

Para te encontrar, para te saber, para te amar, te ter presente

*Te esperar é ouvir a música que você gosta
lembrar cada palavra que você disse
estar no lugar onde você passou*

*Te esperar é teimosia, é insistência
para conquistar mais uma vez
o que é bom e é bonito*

*Te querer é saber, é adivinhar
que só de ti poderei de novo ter
aqueles momentos*

*Para te abraçar, para te gostar, para nunca mais te ter
ausente.*

Logo apareceu Daniel e sua turma. Quando Daniel deu sinais de que já ia embora e beijou Raquel, eles se apressaram para terminar o que faziam, pagar a conta, ir ao banheiro, para segui-lo. Gritavam: “Daniel, espera!”. Daniel tinha os cabelos compridos e bem tratados, as unhas pareciam cuidadas por uma manicure. Tinha a voz agradável, um timbre de tenor, contrastando com seu jeito delicado.

Tratavam Raquel com afeto. Rodrigo ia ao banheiro e demorava um pouco conversando com os funcionários no balcão, deixando Raquel à vontade com seus amigos. Ela ia até o limite da calçada, eles a seguiam, fazia isto para facilitar que eles fossem embora. Rodrigo ficava admirando as demonstrações de amizade e carinho que tinham por ela.

Nicole encontrou-se com Jeferson que estava com uma menina, ele a apresentou como sua amiga. Iam ao cinema. Em outros encontros ela os viu juntos, sem interferências de amigos e amigas. Sentiu saudade dessa exclusividade. Continuava com Rafael e com os amigos e amigas dele. Ela foi ao banheiro e quando voltou, os amigos o tinham cercado com suas brincadeiras. Ela se viu sozinha e Jeferson, que estava perto, percebeu. Ela olhava para baixo com desconsolo e às vezes para Jeferson, como se confessasse

arrependimento. Ele apressou-se em ir embora com sua amiga, magoado por essa situação.

Nicole continuou sozinha. Tirou a agenda da bolsa e escreveu. Fazia um diário. Rafael com seus amigos e amigas. Viu a namorada escrevendo, achou que ela se divertia com alguma coisa. Nicole escreveu uma lamentação. Os amigos de Rafael de vez em quando olhavam para ela, mais por curiosidade que por zelo.

A frequência de seus encontros com Raquel, que se iniciaram casualmente e que tinham o objetivo de conversarem sobre literatura e estórias que escreviam, tornou-se necessidade e assim eles se apaixonaram. Descobriram que tinham coisas em comum. Seu amor construiu-se na necessidade que tinham um do outro para escreverem suas estórias.

Embora recebessem convites e tivessem curiosidade de conhecerem outros lugares, mantiveram por bom tempo fidelidade a esse bar, que era o cenário de suas estórias e de sua própria história. Divertiam-se com os frequentadores, procurando neles os que tinham a melhor identidade com suas personagens.

- Não vale dizer que o Daniel te inspirou a criar o Rafael! Até os nomes são parecidos!...

Assim passaram semanas tendo como atrativo de suas vidas sua ficção.

- Raquel, como pensa em terminar tua estória?

- Estou esperando você me dar um sinal de como deve ser!

Ele tinha esse sinal, com o desfecho de sua estória:

Jeferson percebeu que Nicole não estava feliz. E sucumbiu ao dilema entre a mágoa e o perdão. De vez em quando se olhavam, à distância, as expressões mudas, como se olhassem para algo inanimado.

Com os frequentes olhares e por Nicole estar muitas vezes sozinha no bar, Jeferson percebeu que o namoro dela não ia bem. Ele amadureceu seu orgulho, percebeu que por terem terminado o namoro não devia ficar alheio à presença dela,

não mostrava maturidade. Um dia passou perto dela, cumprimentou-a e deu-lhe um beijo no rosto, pondo a mão em sua cabeça e quando já seguia ela o chamou e disse que tinha uma coisa para mostrar a ele. Tirou da bolsa um papel onde passou a limpo o que escrevera em seu diário, falando de seu arrependimento e dos motivos porque queria refazer sua decisão. Ele assentou-se para ler e enquanto lia ela mantinha a mão segurando a borda do papel. Tinha medo que o vento de novo o levasse. Jeferson viu como vontade dela dar-lhe a mão. E enquanto lia de vez em quando olhava para a mão dela, delicada e bem cuidada, as unhas bem tratadas e pintadas com um discreto esmalte. Percebeu que ela não mais usava o anel de prata que passou a usar quando o conheceu, para sinalizar que estava comprometida. Quando finalizava a leitura colocou sua mão sobre a de Nicole e depois de um tempo a segurou de fato, apertando-a.

- Jeferson foi um vencedor pelas virtudes da paciência e da tolerância - Raquel comentou.

- Esse final merece uma apoteose. Que música você escolheria?

Rodrigo fez silêncio de dúvida. Fingida, pois havia aprendido com Raquel a escrever ouvindo músicas.

- Pode ser a apoteose de *On Every Street*. Essa música inteira representa bem a perseverança de Jeferson que soube esperar o decorrer das coisas, fazendo o jejum de Gandhi e repetindo para si próprio, todo esse tempo, o discurso de Jó.

Raquel passou uma mensagem dizendo que estava com influenza e que ia ficar em casa, não queria ser o veículo desse vírus por aí. Rodrigo foi ao bar no final de semana, pelo costume e lá se encontrou com Daniel que veio lhe perguntar de Raquel. Sabendo que ela estava doente ligou para ela, desejando-lhe melhora. Conversou com Rodrigo e disse que estava feliz por ver que Raquel estava acompanhada e que tinha carinho por ela, pois ela era grande conselheira. E sem que Rodrigo lhe fizesse qualquer pergunta revelou que Raquel era muito amiga de sua mãe, que morreria precocemente. Daniel era pré-adolescente e

nos meses que se seguiram Raquel ligava todo dia para ele para convidá-lo para conversar.

Rodrigo, por sua vez, contraiu influenza. Raquel ligou várias vezes para ele, que também preferiu não sair enquanto não se curasse. Ela dizia-se culpada por ter transmitido a ele a doença e que estava com muita saudade, pois completariam três semanas sem se verem.

Raquel havia terminado sua estória e queria mostrá-la para Rodrigo. Ele percebeu que seria um encontro especial, poderiam matar suas saudades e comemorar o epílogo de “*Conversas Casuais*”, escrita por Raquel ao mesmo tempo em que construíram seu próprio amor.

Ela veio sorrindo, como sempre chegava. Ele viu que tinha uma coisa diferente, ela estava feliz não só por vê-lo, mas também pela satisfação de uma tarefa cumprida.

Um dia Stephanie foi ao bar com umas amigas. Roberto estava lá e, como sempre, recebeu-a com um olhar carinhoso. As amigas perceberam o modo como Stephanie olhava para Roberto e olharam para ele e comentaram alguma coisa com ela.

Ela havia se convencido que para alguém escrever-lhe poemas com tanta emoção devia ter por ela verdadeira dedicação.

Daniel chegou. Raquel havia contado a ele que terminara a estória e ele se interessou por saber o final. Assentou-se ao lado dela que ficou entre Rodrigo e ele. Os amigos mantiveram discreta distância numa mesa próxima, mesmo ele os chamando para virem se assentar junto deles.

Raquel reiniciou a leitura e em certo momento Daniel deitou a cabeça sobre o ombro dela e ela curvou o braço para trás colocando a mão sobre a cabeça dele, ao mesmo tempo em que com a mão direita apertou a mão de Rodrigo, olhando-o de lado com um discreto sorriso.

Stephanie pediu o cardápio e lá havia um papel com um poema:

Tua Presença

*Tua presença é a seiva que me nutre
alento e vento que impulsionam meu coração.
Te ter ausente deu um desejo de te querer
e por um momento, de novo te ter.*

*Tua presença é bem que preciso, é respirar, é tudo
nem que seja num relance: tua silhueta na janela.
Um gesto, um olhar, qualquer lembrança
é bastante para dar de novo esperança.*

*De ti saber, de ti ouvir, de te lembrar, de te gostar.
Tua presença é qualquer notícia de você
de quem te viu, do que falou, sem mesmo te olhar.*

*Tua presença é te ter sempre nesse lugar
saber que aí está, perto de mim te imaginar
mesmo que estejas vivendo outras emoções
mas que não se esquecerás de nossas recordações.*

*Tua presença é festa, é carnaval, são alegrias
teu abraço são saudades e lembranças de outros dias
em que te tive perto de mim e vivemos sem saber
que um dia de novo tudo poderíamos reviver.*

*Tua presença inspira a te falar
o que tua ausência me fez acreditar
do quanto feliz eu poderia ser
por nesse breve instante te rever.*

O Sáforo

Larissa chegou em casa correndo, assustada, dizendo que tinha visto um monstro. A mãe trouxe um copo d'água com açúcar. Mesmo tendo tido essa desagradável visão, Larissa insistiu que a mãe a acompanhasse à estrada da mata para ver se encontravam a criatura. Seu medo não era um pavor, havia curiosidade de rever o que a tinha assustado, parecia até ter o desejo de um novo encontro, tendo agora a proteção da mãe. A estrada cortava a mata que havia atrás da cidade, dando acesso às lavouras nas vertentes das montanhas. Larissa tinha ido à mata colher folhas de plantas para um trabalho escolar. A mãe tentou convencê-la a ir na manhã do outro dia, ela mostrou-se muito nervosa, a mãe foi para acalmá-la. Percorreram a estrada diversas vezes e nada viram. Enquanto isso a mãe ia pedindo que ela descrevesse o monstro, imaginava que ela tivesse visto algum bicho que veio morar ali, essa mata era muito antiga e todos sabiam que ali não havia qualquer perigo, nem animais que pudessem atacar as pessoas, nem serpentes. Larissa insistia que era uma criatura verde, tinha os olhos compridos vindo até os lados da cabeça; os cabelos eram enormes, eriçados como as chamas de uma fogueira.

Os dias se passaram e ao contrário do que Diodora, a mãe de Larissa, esperava, a fantasia da criança não se desvaneceu. Resolveu pedir ajuda ao psicólogo que morava na cidade, que não exercia mais a profissão. Era filho de fazendeiro, há tempos tinha se formado, voltou para trabalhar na fazenda. Ele as recebeu com gentileza, decerto sentiu saudades de seus estudos daquela disciplina. Tinha guardadas as pranchas do teste de Rorschach e o aplicou em Larissa. Ela não viu qualquer entidade. Apenas borboletas, acúleos de plantas, carapaças de joaninhas. Às vezes o formato de uma folha que Larissa indicava com o nome técnico, pois o professor já havia ensinado esse assunto em classe.

Giovani pediu que Diodora trouxesse Larissa na próxima semana para avaliação.

Larissa comentou com naturalidade sobre o monstro com colegas da escola e amigos. Muitos se aproveitaram para brincar com ela, fazendo imitações, tentando assustá-la com máscaras de fantasmas. O professor Tadeu percebeu e passou a ter atenção especial por essas brincadeiras. Quando elas se iniciavam dentro da classe, ele tinha tolerância, deixando que os alunos a levassem a termo. Aproveitou para propor que fizessem pesquisas sobre as entidades mitológicas, queria amenizar a circunstância, reorientar as atenções, percebeu que as crianças tinham um interesse por essas fantasias. Colocava Larissa numa situação privilegiada, pois ela era autora dessa história atual, com a qual as lendas pesquisadas poderiam se comparar.

Larissa retornou muitas vezes à estrada da mata. Era uma floresta exuberante. Ficou protegida de qualquer dano há décadas. O avô do professor Tadeu era antigo fazendeiro da localidade e foi o articulador da emancipação do município. A mata estava em sua propriedade e ele, após a constituição do município, doou-a à municipalidade com a condição de que fosse perpetuamente protegida. Os documentos foram depositados em juízo. A cidade cresceu e a mata persistiu, formando uma barreira entre esta e as montanhas. Apenas a picada a percorria, dando passagem aos trabalhadores das lavouras e às colheitas.

Um dia Larissa voltou da mata excitada e foi dizer à mãe que havia visto de novo o Sáforo.

- Como você sabe que ele se chama assim? – a mãe perguntou assustada.

- Não sei, deve ser...

Giovani as recebeu com euforia:

- O Sáforo? Que nome bonito! - foi dizendo para conquistar a confiança de Larissa.

Pedi que ela continuasse a descrição dele. E que tentasse desenhá-lo. Não tinha os olhos estendidos ao lado da cabeça, eram riscos, como uma maquiagem exagerada. O corpo era recoberto por placas verdes que pareciam escamas de cobra. Os cabelos eram eriçados, os fios separados como se repelidos pela eletrostática. Giovani anotava tudo em seu caderno. Perguntou sobre outras coisas, sobre as amizades de Larissa, o que ela achava dos meninos, o que gostava de pensar, o que costumava sonhar.

O transtorno da menina logo se tornou conhecido na cidade. Os colegas de escola contaram para seus pais, que comentaram com colegas de trabalho, que contaram para os filhos. A cidade era pequena, não havia acontecimentos que valessem notícias próprias. Coisas que sobrepujassem a rotina do dia a dia. Aos que trabalhavam nas lavouras das montanhas e que todo dia percorriam a estrada da mata, os outros recomendavam, galhofando:

- Cuidado com o Sáforo!

Nos bares alguns já ensaiavam anedotas:

- Sabe qual é a diferença entre o Sáforo e o Quinzinho?

Alguns religiosos fervorosos, entretanto, começaram a especular a possibilidade de que o Sáforo fosse o demônio. Essa preocupação espalhou-se entre os devotos. Uma amiga de Diodora veio dizer a ela dessas conversas. Diodora e seu marido ficaram bastante aborrecidos, pois também eram católicos praticantes e Giovani lhes havia garantido que se tratava apenas de fantasias de Larissa que em breve cessariam, quando ela passasse a se ocupar com coisas da adolescência. Foram pedir conselhos ao padre Nicolau, a quem essas notícias já tinham chegado e ele as havia relevado, por compreender tratar-se de meras divagações infantis. O sacerdote concordou em conversar com Larissa, mas o fazia em uma confissão formal.

O professor Tadeu pediu aos alunos que fizessem uma redação com tema livre. Larissa escreveu sobre o Sáforo, referindo-se a ele de forma carinhosa, demonstrando a expectativa de que ele era inofensivo e bom. O Sáforo tinha agora a lãe cobrir o corpo, folhas vegetais, ao invés de escamas. Os cabelos não eram revoltos, mas como se tivessem sido cuidadosamente penteados, apontados para o alto. A pele que permanecia exposta, nas mãos, pés e cabeça, era suave como a pele humana. O Sáforo vagueava pela floresta, vigiando-a como um curupira. Conhecia cada planta e as socorria quando qualquer dano as afetasse. Era um vegetal humano. Tinha os sentimentos de ambos.

Tadeu apaixonou-se pela redação de Larissa e leu-a em classe. Os colegas da escola já não se implicavam com as conversas de Larissa sobre o Sáforo, não a aborreciam com brincadeiras, tratavam do assunto com naturalidade, como se acreditassem que o Sáforo existia de fato. Alguns vinham perguntar a Larissa se ela o tinha visto novamente. O professor levou a redação de Larissa ao diretor e o convenceu a publicá-la no jornal da escola. Os pais de alguns alunos, que supunham que o Sáforo era o demônio, se indignaram quando receberam de seus filhos o jornal. Diodora e seu marido correram para levar Larissa à confissão.

A solenidade da igreja inibia qualquer intenção de mentira. Vazia, parecia ter redobrada sua autoridade. As imagens dos santos olhavam para os que entravam, vivas. As colunas e os arcos, sustentando as cúpulas, pesavam. Apenas os olhares infantis dos anjos permitiam uma descontração. Uma leve brisa entrava pela porta frontal e pelas laterais, que durante o dia ficavam abertas. E pelas diversas portas que ficavam no alto, que se abriam a partir de uma galeria lateral, dando em balcões sustentados por mísulas muito ornamentadas, copiando os desenhos das grades de proteção. Correntes muito longas

desciam do teto sustentando os lustres que ficavam bem baixos, quase que na altura de um pé direito de casa. Larissa olhava com admiração por esses lustres estarem tão estáticos a despeito da brisa. Lembrou-se das árvores da mata: mesmo que nenhum vento se percebesse, as ramagens mostravam um leve balanço, como se cada planta tivesse seu propósito de movimento.

Diodora e João ficaram assentados no último banco e quando o padre apareceu e entrou no confessionário, disseram para Larissa ir. Ela foi e se ajoelhou. Estava apreensiva, temerosa de que o padre quisesse fazê-la esquecer-se do Sáforo, proibi-la de vê-lo, de falar dele, sequer de pensar nele. Teria que obedecer, o padre era a palavra de Deus. Os pais a olhavam fixo. Queriam estar ali presentes, os três ajoelhados frente ao padre, dizendo a ele que o demônio jamais se aproximaria de qualquer um deles, pois eram tementes a Deus e antagônicos a qualquer coisa que insultasse a imagem do Senhor. Viam Larissa gesticulando, ela descrevia o Sáforo. Depois falava de forma leve e descontraída, até levantou-se para ter seu rosto mais à altura da janela do confessionário e facilitar sua representação. Houve um momento em que permaneceu em silêncio, o padre falava com ela. Ajoelhou-se com as mãos postas rebaixando o rosto, subserviente. O padre saiu. Larissa demorou-se um pouco e veio ao encontro dos pais. O sacristão apareceu para dizer que o padre falaria com João. João voltou da sacristia com um sorriso de alívio. O padre disse-lhe que o Sáforo não era o demônio. Tinha feições humanas e delicadas. Seus pés eram como os pés de qualquer pessoa, não patas de uma besta. E sequer em algum momento manifestou-se com qualquer intenção de má fé, de concepções de inferno, de blasfêmia contra o Sagrado.

Mas as suposições sobre o demônio persistiram. Chegou aos ouvidos do padre Nicolau que alguns fiéis evitavam assentar-se próximo da família de Larissa na igreja. Então ele decidiu tratar do tema no sermão e assim pregou:

- Esse ser que a menina confessou existir, mesmo que de fato existisse, não seria nenhuma abnegação a Deus, pois não tem, nem no que dele qualquer coisa tenha sido dita, nem na descrição que a menina faz dele, qualquer motivo para suspeitar que não seja criatura da graça de Deus.

Passaram-se alguns dias e o padre foi chamado à sede do bispado para explicar-se, pois ao invés de negar a existência do Sáforo, deixar claro que se tratava de devaneios de uma criança, em seu sermão admitiu que o ser poderia existir, ao dizer que era criatura “da graça de Deus”. O padre convenceu seus inquisidores que usou linguagem de entendimento do povo. A imagem do Sáforo estava difundida na cidade, muitos acreditando em sua existência; negá-lo não seria a melhor orientação. Pareceria que o padre estava desviando-se da missão de exorcizá-lo. Ao dizer que era criatura da graça de Deus, expurgava a ideia do demônio, restituindo à sua imagem a inocência, deixando que o acreditar nele se desvanecesse com o tempo. Os autos foram redigidos e o padre dispensado.

Larissa ia à mata cotidianamente. Sem motivo a não ser o de ver o Sáforo. De lá vinha saltitante, como se cada pé, antes de dar o próximo passo, chutasse levemente o calcanhar oposto. A mãe vinha perguntar se ela tivera de novo a visão. Ela respondia que “sim... não...”. Giovani havia aconselhado Diodora a não interferir, não reprimir, nem estimular. Então Diodora se contentava em ver Larissa feliz.

A convocação do padre à Cúria foi imediatamente informada ao prefeito Quinzinho. Ele já ouvira falar do Sáforo e também já lhe tinham vindo dizer das piadas que relacionavam seu nome ao ser. Havia conversado com Giovani sobre esse assunto, o pai deste era antigo amigo do prefeito. Mas a convocação do padre era um fato político. O município não podia ter falha num ponto fundamental como o da fé. O patriarca da cidade, que tanto lutou pela emancipação, que doou em perpetuidade a mata, foi também

quem com mais empenho patrocinou a construção da igreja, propositalmente erguida ao lado da mata, dando-lhe as costas, como se a protegesse. A cidade cresceu com a fé, com a virtude da temperança.

O prefeito mandou convocar o diretor da escola. Determinaria que proibisse o professor Tadeu de estimular entre os alunos a crença nesse Sáforo. O diretor veio sabendo. Esperou cabisbaixo e quando a secretária já o vinha chamar para a audiência, o assessor chegou e pediu que ele aguardasse, pois tinha assunto urgente para tratar com o prefeito. Veio dizer a Quinzinho que os donos de hospedarias da cidade estavam exultantes, as reservas para o final de semana estavam esgotadas. A notícia do Sáforo chegou à capital regional e as pessoas queriam vir para conhecer o lugar do aparecimento do ser. Os artesãos já estavam trabalhando com réplicas do Sáforo, fiéis à descrição que a menina tinha feito dele. O diretor foi avisado que o prefeito estava muito ocupado e que devia aguardar o agendamento de nova audiência.

Larissa aperfeiçoava os desenhos do Sáforo. Ele ficava mais detalhado, como se ela o tivesse visto repetidas vezes.

Na semana seguinte espalhou-se na cidade a notícia de que o Sáforo existia de fato e que as autoridades escondiam essa informação do povo por qualquer motivo, pois o prefeito, que já fora caçador, foi visto percorrendo a mata com amigos e cachorros, à procura da aparição. O prefeito era um tipo picnico, arredondado, a barriga se demonstrando. Era calvo no topo da cabeça, apenas nas laterais os cabelos persistindo e deixados fartos, como compensação. As bochechas se salientavam, como uma criança rechonchuda.

Ele ficou furioso, tinha ido com disfarces e certamente a notícia vazou da própria administração. O assessor veio acalmá-lo, trazendo notícias de que os comerciantes estavam satisfeitos com o movimento de turistas no final de semana e que algumas

fazendas também estavam se preparando para hospedar pessoas.

Mas a paz no gabinete não durou mais que metade do dia. Um jornalista publicou no *Notícias da Região*, da capital regional, matéria dizendo que Boca da Mata se aproveitava de estória da imaginação de uma estudante, uma fantasiosa redação escolar, para atrair turistas para o município e que de lá voltavam sem ver nada, trazendo meros *souvenirs* da dita criatura. E que o prefeito nada fazia para desfazer esse desrespeito aos consumidores.

Quinzinho ameaçou demitir o professor a bem do serviço público e decretar a proibição da venda de réplicas do Sáforo na cidade. Ele tinha pretensões políticas mais além. Sua má imagem na região prejudicaria sua ambição ao posto de deputado. O assessor convenceu o prefeito que essas medidas não tinham apoio legal. O professor era bom profissional, além de ser neto do fundador do município. E o trabalho dos artesãos era um direito de manifestação, garantido pela Constituição. Quinzinho concordou com o encaminhamento de uma nota ao *Notícias da Região*, manifestando que a municipalidade tinha conhecimento do assunto do Sáforo e que se mantinha alheia a ele, por tratar-se de movimento cultural popular e que os princípios democráticos aos quais o prefeito se mantinha fiel não recomendavam qualquer intervenção. Alguns artesãos foram convocados às pressas ao gabinete para tirarem fotos mostrando réplicas do Sáforo ao prefeito.

Larissa quis usar batons. E outras pinturas. Diodora achou precoce. Giovani a convenceu a temporizar. E a conversar com ela com mais intimidade. Falar-lhe da fisiologia feminina. Explicar-lhe sobre os inevitáveis desejos.

A cidade aniversariaria seu cinquentenário. Todos se prepararam. Cada ano era escolhido um tema para comemorar a data e esse ano o tema foi o futuro da cidade. As classes da escola representariam as diferentes aspirações do povo. A classe

de Larissa escolheu o tema da mata, a mata perpetuada. Motivo do nome do município. Cada criança se vestiria como um diferente vegetal, com réplicas das folhas a lhes cobrir o corpo. Os diversos tipos, que elas bem conheciam.

As classes se preparavam para o desfile na rua de trás da igreja, que margeava a mata, separando-a da cidade. Dali vinham para contornar a praça de frente à igreja, retornando à Rua da Mata, se dispersando. As arquibancadas ficavam aos lados da praça, ocupando parte da rua por onde passaria o desfile. Do lado oposto ao da igreja, olhando para ela, ficava o palanque das autoridades. O desfile ocorria ao entardecer, fiel ao horário em que a emancipação do município foi votada e aprovada.

A banda deu início à festa. A classe de Larissa teve sua vez. Quando iniciou o desfile, entrando na praça, onde era ainda escuro, pois na Rua da Mata não havia iluminação para evitar interferências da luz artificial na noite da floresta, Larissa gritou:

- O Sáforo!

O Sáforo saiu da escuridão e entrou no meio dos alunos. Muitas crianças também gritaram:

- É o Sáforo!...

Outras tentavam enxergá-lo. Diversas pessoas se aproximaram curiosas, as crianças formavam uma barreira, mantendo o Sáforo em seu meio, protegido. Havia um brilho, certamente as iridescências das folhas que recobriam seu corpo. Era exatamente como Larissa o descrevera. Era belo. Os fios dos cabelos apontavam para o alto, como fios rígidos. Dos olhos saía uma maquiagem que se estendia para as têmporas e em diversos lugares do rosto havia cores diversas. As mãos descobertas eram delicadas e os dedos compridos e neles se via brilhos de anéis.

As pessoas nas arquibancadas balançavam o corpo procurando um melhor ângulo para ver o Sáforo. Alguns diziam que não o estavam vendo e os que estavam ao seu lado

apontavam e o descreviam, até que os outros também o enxergassem.

Quando Larissa gritou anunciando o Sáforo e houve a movimentação das pessoas, a banda parou de tocar, os músicos se esforçavam para ver a aparição. Houve um silêncio de pasmo. Expressões de espanto e de admiração. Até que alguém da arquibancada gritou:

- Viva o Sáforo!

E outros reponderam:

- Viva!

O Sáforo resplandecia. A classe caminhava em direção ao palanque.

Antes que ali chegasse, o assessor, que estava com repórteres no meio da praça, veio correndo ao palanque e ofegante disse ao prefeito:

- O Sáforo existe! O povo o está vendo desfilando junto com uma classe.

A banda já havia voltado a tocar animada, os músicos tinham uma disposição para fazê-lo, como se também se tivessem contagiado com a inesperada presença. O maestro, de descendência balcã, deixou as marchas dos eventos oficiais e pôlos a tocar Malahageasca. As crianças acompanhavam saltitantes o prestíssimo compasso. A exaltação das pessoas nas arquibancadas vinha crescendo em direção ao palanque à medida em que a classe de Larissa se aproximava. Quando conseguiram ver a luz e os coloridos reluzentes do Sáforo as pessoas manifestavam sua surpresa:

- É o Sáforo!

O assessor convenceu o prefeito a pronunciar-se e ele retirou o chapéu que usava para amenizar a calvície, abanou-o quando a classe passou e gritou:

- Viva o Sáforo de Boca da Mata!

Os repórteres correram para acompanhar, os *flashes* iluminando.

A classe completou o percurso e retornou à penumbra, onde os alunos se dispersaram. Uma multidão acompanhou por trás da arquibancada, para ver a chegada das crianças, mas o Sáforo desapareceu da mesma forma que surgiu, na escuridão.

Os fotógrafos correram para o palanque para mostrar as fotos ao prefeito. O Sáforo não estava nelas, havia apenas um espaço vazio em meio às crianças. O prefeito enfureceu-se. As bochechas palpitavam. Chamou o assessor para que ele redigisse ali mesmo, no palanque, a portaria de sua própria demissão. E ordenou ao diretor da escola que ainda nesse dia mandasse avisar ao professor Tadeu que o assunto do Sáforo não mais deveria ser tratado em classe. E que o pai de Larissa, que era funcionário da prefeitura, deveria ser avisado para que proibisse a menina de fazer qualquer manifestação pública sobre suas visões. Por fim, que os fiscais saíssem no dia seguinte bem cedo para avisar aos artesãos que as réplicas do Sáforo não mais deveriam ser expostas e vendidas no município, sob pena de serem recolhidas com base “nos direitos do consumidor”.

Quando Larissa chegou em casa com a mãe, o pai já havia recebido o comunicado. Assentou-se com a criança e explicou que se fosse demitido, teria que mudar-se para o sítio que tinha em amizade com seu irmão em outra cidade e ali ficarem, até que ele conseguisse outro emprego. Larissa fazia sinais de asserção, compreendendo.

No dia seguinte o professor Tadeu cumprimentou os alunos pelo desfile, dizendo que mereciam ter recebido a distinção de melhor apresentação. O diretor, para evitar novos problemas, determinou que a escolha da melhor apresentação não fosse feita. Para encerrarem o estudo das folhas, Tadeu pediu que trouxessem uma folha de planta, para serem guardadas no

herbário da escola. No final das aulas Larissa foi para a mata colher sua folha e de lá voltou com sua alegre coreografia.

Os alunos iam entregando as folhas e falavam sobre elas: a planta de onde as tinham retirado, seu tipo morfológico, se tinham flores, se tinham perfume. Foi se ajuntando extensa diversidade: lanceoladas, sagitadas, lobadas, orbiculares, ovaladas, espatuladas, cuneiformes... A folha de Larissa era diferente. Tinha muitos tons de verde que mudavam conforme o ângulo em que era olhada. Seu formato não se classificava em nenhum dos que haviam aprendido. As bordas do limbo tinham semicírculos sucessivos, maiores junto ao pecíolo e diminuindo de tamanho até o ápice da folha, formado também por pequeno arco. A face superior mostrava pelos delicados, dando ao tato uma sensação aveludada. Os alunos ficaram curiosos para vê-la e tocá-la. Larissa disse que a havia achado no chão da floresta e que por mais que procurou não encontrou a planta de onde ela havia caído.

O professor olhou para Larissa com admiração:

- Nunca vi essa folha na mata, não temos dela na coleção! Parabéns por tê-la conseguido.

Larissa percebeu que havia nele também a imposição do silêncio. Respondeu com um sorriso que ninguém percebeu, pois foi um sorriso escondido de propósito, reprimido, manifesto só pelo brilho de seus olhos. Como se estivesse pela primeira vez apaixonada...

Conquistando Barbara

Rômulo era um cinquentão. Fora casado, os filhos eram adultos e independentes. Acomodou-se com a vida de solteiro, o livre arbítrio. Adolescência revivida. Nos finais de semana tinha seus destinos de diversão, gostava de procurar lugares, novidades da noite. Conheceu uma avenida com casas noturnas e lá cruzou com uma moça que o atraiu. Seguiu-a e ela entrou em uma das casas.

Voltou ao lugar onde a tinha encontrado e esperou em um bar. Ela passou. Ele foi conhecer a casa e descobriu que ela trabalhava na recepção.

Na próxima vez abordou-a para conversar, com o argumento de querer informações sobre a boate. Ela, gentil, respondeu e permaneceu frente a ele até que ele se mostrasse satisfeito e a agradecesse.

Quando vinha para o trabalho às vezes ela entrava no bar para comprar alguma coisa e na madrugada ia lá comer um lanche. Rômulo a esperava. Ficaram conhecidos, cumprimentavam-se e ele aproveitava para conversar. Ela cordial, mas os contatos eram rápidos, despedia-se ou se entretinha com amigos que vinham beijá-la no rosto.

Depois de assumir o trabalho, de vez em quando saía na calçada para conversar. Rômulo estava lá, ela veio dar-lhe um beijo, trocaram breves palavras e ela se foi.

Barbara tinha delicadeza. Rômulo julgou que fosse imposição profissional, ela fazia o papel de *hostess* da casa. Era a personalidade dela, tratava da mesma forma os amigos e amigas. A voz calma, mais ouvia que falava. Quando se despedia de Rômulo dava-lhe um conselho: “Se cuida!”. Rômulo via um carinho, desejo de vê-lo bem. Seus cabelos eram compridos e ela gostava de mantê-los presos num rabo-de-cavalo. Vestia-se de modo simples: tênis, calças jeans e camiseta.

Desde os primeiros encontros Rômulo trazia-lhe chocolates, escolhidos com dedicação. Quis saber a data do aniversário dela. Seria naquele mês. Ia dar-lhe um presente e queria saber o que ela queria ganhar. Ela respondeu que não precisava. Outro dia Rômulo voltou ao assunto. Disse que aprendeu com um morumbixaba que quando alguém fazia uma promessa, tinha a obrigação de cumpri-la, independente de qualquer cobrança ou recusa. Barbara achou graça do argumento e cedeu, dizendo que aceitaria um perfume.

Ela percebeu o interesse de Rômulo e sem que ele tivesse perguntado, disse que tinha arranjado um namorado. Ele ressentiu-se, mas desejou que o namoro desse certo e que ela fosse feliz. Percebeu que ela queria prevenir suas ilusões. Acreditou tratar-se de uma relação fugaz e continuou a ter por ela a mesma devoção.

O encantamento aumentava e ele percebeu que estava apaixonado. A presença dela em seus pensamentos, o descontentamento com a notícia do namorado. Queria ter um tempo com ela. Convidou-a para jantar, ela explicou que jantava no outro emprego de onde vinha direto para a casa noturna. Rômulo sentiu resistência. Escreveu-lhe um poema.

Teu tempo

*Horas por segundos de tua presença
Ver-te passar, dar um beijo, te fazer sorrir
Se não há pressa: um minuto de conversa.*

*Precioso tempo de te ter comigo
Coisas bonitas para te contar
E no momento só o que faço é te admirar.*

Instantes que compensam tua ausência

*Imaginar como esse minuto aproveitar
Um presente, abraço apertado, eu te amo!*

*Não demorar para tomar a decisão
Convencer, dar motivo para você acreditar
Neste amor, tanto bem, guardados para te dar.*

Barbara o leu demoradamente. Teria lido várias vezes? Rômulo aproveitou para contemplar seu rosto de perto. Ela não manifestava alteração de expressão, o semblante calmo e delicado. Guardou o poema na bolsa, ele perguntou se ela gostou.

- Gostei!

Mas com entonação sincera, com ternura. Ele preferiu acreditar que ela não quis confessar o sentimento que essa surpresa lhe causou.

Essas breves oportunidades aumentavam a paixão de Rômulo. Pela dificuldade de tê-la, o desafio de conquistá-la, fazer que ela sentisse falta dele.

Na calçada ela aparecia em sua rotina. Vinha dar-lhe o beijo. Num reflexo ele a abraçou, encostando seu rosto no dela. Queria aproveitar o exíguo tempo, sentir seu calor, o contato dos corpos, ter a sensação de possuí-la. Barbara não resistiu, afastou-se com delicadeza e foi cumprimentar outras pessoas. Com outros ela demorou-se mais. Rômulo sentiu-se desprezado. Mesmo sendo apenas amigo, ela devia dar-lhe mais atenção, por sua dedicação, seu amor, o poema, os chocolates. Foi para o bar. Percebeu que ela o olhava, admirada dele ter ido, ele nunca se distanciava enquanto Barbara estivesse na calçada.

Rômulo foi para casa com o sabor amargo da paixão não correspondida e o odor gostoso do perfume de Barbara que impregnou seu rosto. Um aperto no peito, desilusão por qualquer coisa senão pela aprovação da pessoa amada. Dormiu com sobressaltos, em diversos momentos acordou recordando-se do

acontecido. Pela manhã teve decisão: Barbara tinha muitos amigos, precisava atender a todos e se demorou-se com alguns foi porque eram mais antigos. Afinal ela veio cumprimenta-lo quando o viu.

Madrugada do domingo. Barbara apareceu e veio beijá-lo, parando à sua frente, ao contrário do habitual, quando após esse cumprimento se distanciava. Esperava que ele dissesse o que o afligiu na véspera. Ela usava uma aliança de prata na mão direita. Queria demonstrar comprometimento, para diminuir os assédios que recebia? Inclusive de Rômulo?

- Você está feliz?

Ela disse que sim, achando graça da pergunta.

- E você, está bem? Tem uma coisa que queria me dizer, não é?

Rômulo falou-lhe de um filme que o fez lembrar-se dela. Um filme de amor. Tudo de bonito que via, que causasse emoção, fazia-o lembrar-se de sua amada. Não tinha como admirar qualquer coisa, ter uma felicidade, sem relaciona-las com Barbara. Não era do filme que ele queria falar. E sim do sentimento que este lhe causou, confessar sua paixão, mais uma vez.

Romulo sabia que sua idade era uma barreira. Podia ser pai dela. Quis parecer mais jovem, mascarar a diferença. Fez um programa alimentar e caminhadas. Pediu ajuda ao filho na escolha de óculos mais jovens. Foi treinar dançar. Quando Barbara fosse à pista para sua rápida dança, queria estar ao lado dela. Consultou seu cabeleireiro sobre os cabelos grisalhos. Seu amor por Barbara o fazia sentir-se jovem, mesmo tendo passado dos cinquenta. Demonstrou essa disposição, com outro poema.

Eletrônica

*Saber teu e-mail, no facebook te convidar
On line digitar o que ficou para te dizer*

*Com um dowload, no mural teu rosto piratear
E todo tempo num papel de parede te admirar.*

*Escrever breve tweet para te lembrar
Das coisas que mudaram ao te conhecer
Megabits de mensagens para te comunicar:
Esperarei o tempo que essa espera demorar.*

*Eletrônica para tua ausência compensar
Fazendo upload do que programei viver
No YouTube uma declaração de amor postar
Quem sabe pelo Google possas encontrar.*

*Na tinta do poema escrito para te dar
Escondi um chip, e quando você o reler
Um Whatsapp para meu celular ele irá enviar
Para saber que atenção tua poderei esperar.*

- Leia depois com tempo - Rômulo insistiu.

Queria aproveitar para conversar, se ela lesse depois o poema teria um efeito melhor. No outro dia Barbara passou e veio beijar Rômulo, que estava na porta do bar com o copo na mão.

- Se cuida!

Barbara tinha dito onde morava. Uma noite, após ter bebido um pouco mais, Rômulo foi à avenida e gritou várias vezes o nome dela, queria que ela chegasse à janela. Pessoas apareceram curiosas. Outro dia perguntou a ela em que andar morava. Atenciosa, disse até onde ficava a janela de seu quarto, sem perguntar o motivo. Ele passava lá nos dias em que Barbara não estava na casa noturna para ver a luz do quarto acesa e confortar-se por ela estar em casa. Ele se aliviava e esperava um tempo para vê-la aparecer na janela.

Barbara e seu beijo. Rômulo e seu chocolate. Havia uma permanente aflição. Ele tinha pressa de terminar o que fazia para concentrar sua atenção na lembrança de Barbara. Como se isso garantisse que ele a tivesse. Distraído, objetos deixados sobre a mesa para serem levados ali ficavam. Pensava nela alheio ao que acontecia, na fila do supermercado, na conversa com um colega de trabalho e precisava ser advertido para retornar à realidade:

- Senhor!

- Rômulo, você está bem?

Esses lapsos o preocuparam, ele entendeu que era por pensar tanto em Barbara. Sua consciência tinha que cuidar de duas coisas ao mesmo tempo.

Para aliviar-se Rômulo foi assistir a uma retrospectiva de filmes. Mas cada cena trazia de volta a imagem dela. Em *L'Enfant Sauvage* a rudeza do menino era a resistência de Barbara a sua aproximação. Por fim o menino retornou e subindo a escada para seu aposento, olhou para seu cuidador com carinho. Para Rômulo era Barbara afrouxando sua distância, aceitando-o em seu coração. Ao sair do cinema a conjunção da lua com um planeta a mostrava de braços abertos querendo abraçar o planeta. De novo Barbara, sempre.

- Você está feliz?

Rômulo queria saber o dia a dia dela. Quem sabe ela lhe confessaria ter terminado o namoro. Que tinha uma preocupação, uma dificuldade, então ele se ofereceria para confortá-la, tomá-la em seus braços.

Quando se preparava para ir ao bar alegrava-se como se fosse passar uma noite inteira com ela. Tinha certeza que ela um dia aceitaria seu amor, de tão forte e sincero, pelo tanto bem que ele queria fazer por ela.

Rômulo adiantou-se para encontrá-la, beijou-a, fez o ensaio de um abraço, provocou conversa. Entregou-lhe o chocolate.

Barbara solícita em sua breve parada, o tempo possível de sua pressa.

Algumas vezes a seguiu quando ela saía da boate, para ter certeza que ela ia para casa. A luz do quarto acesa o confortava.

O beijo de Barbara. Rômulo não teve tempo de comprar o chocolate. Passou um vendedor ambulante, pediu que ele fosse à recepção levar um chocolate para ela. Quando voltou disse que ela agradeceu com um sorriso. Ela se divertia com os artifícios de Rômulo.

No espelho conversava com ela. Treinava gestos, expressões de como olhá-la. Ficava deitado olhando o teto e repetia diálogos, frases prontas para dizer, perguntas para fazer, respostas para dar. Esses devaneios fingiam ter Barbara à sua frente, afastando a aflição de esquecê-la. Embalava-se no sono pensando nela. Imaginava situações, encontros, histórias vividas com ela. O poder de conduzi-las o tranquilizava, facilitava que adormecesse.

- Se cuida!

Em frente à casa noturna Romulo podia ver, pela porta semiaberta, a recepção. Era tarde. Barbara estava no balcão e do outro lado um rapaz, os dois com uma das mãos dadas e com a outra trocavam carinhos. Barbara respondia com um sorriso, satisfeita com sua companhia. Era premeditado, ela avisou que tinha um namorado. O amor de Romulo estava construído, sólido nas entranhas, retirá-lo dali exigiria dor. Rômulo sentiu o peso do ciúme, como se Barbara o tivesse traído. Foi embora decidido a acabar com sua obsessão.

Coisas para te dizer

*Preciso um tempo para te confessar
Armei encontros para beijos receber
Como detetive caminhos fui investigar
Para nesse espiar, mais de ti poder ter.*

*Ver-te com outro foi castigo pela intromissão
Instrumento medieval a me torturar
Tento agora convencer meu coração:
Assim sofrer, só quem pode tanto te amar.*

*Devo esquecer esta paixão
Este gostar não correspondido
Largar pedras preciosas pelo chão
E levar, deste sacrifício, o coração ferido.*

*O tempo deste poema basta me ouvir
Para te convencer a acreditar
Nos sonhos que poderíamos juntos curtir
Que de tanto te querer, não cansarei de sonhar.*

Não entregaria o poema, o manteria sempre consigo.

Rômulo era para si como um amigo compadecido. Assistia a sua íntima batalha. Pela manhã vinha o desejo de retornar para seu amor, relevando qualquer circunstância.

O raciocínio argumentava que Barbara não merecia dedicação, nem agrados, por não corresponder a eles. Uma distração e o desejo ocupava a consciência com fantasias onde Rômulo se reencontrava com Barbara. Logo a razão percebia e repreendia esses devaneios. A emoção e a razão se equilibravam em disputa. Cada decisão que uma impunha, a outra contradizia com igual força.

Precisava fazer Barbara crer que ele se esqueceria dela. Caso prezasse sua amizade, ela se aproximaria. Esperaria uma manifestação dela. Sentia desespero ao imaginar que Barbara nem perceberia sua ausência. O desprezo doeria mais que o ciúme.

O coração oprimia-se. De repente, um choro sentido, criança desapontada a quem se prometeu coisa não cumprida. Um choro que trazia de volta a convicção do amor por Barbara, resistência a não se afastar dela, liberdade de manifestar-se, gritar que a amava, pelo prazer que esse amor trazia. As atormentações por mágica desapareciam, exorcizadas. Quando acreditava que ela sentia falta dele, aliviava-se. Barbara estava ao seu lado sempre, ouvindo-o, muda.

A luz estava acesa. Rômulo queria gritar por ela, para que ela aparecesse na janela, ele balançaria os braços para que ela o visse e descesse. Esperou pela silhueta de Barbara.

Com a decisão de não se aproximar dela, voltava à avenida e ficava distante, para vê-la passar. Tinha esperanças que ela se colocaria frente a ele. Entregaria o poema. Pediria que ela o lesse depois. Ela perguntaria se ele estava bem. Responderia que não. Com sua amabilidade ela perguntaria o motivo. Ele diria que se apaixonou por ela e que se feriu dolorosamente. E que estava se cuidando, seguindo o conselho que ela sempre lhe deu. Ela diria que avisou que estava comprometida. Ele diria que ela não tinha culpa, foi honesta, mas ele se ressentia por ela não lhe ter dado um espaço em sua vida, não pretendia ser o primeiro nas atenções dela. Que merecia a amizade dela por sua afeição, pelo que programou de bem para ela. Barbara compreenderia e eles combinariam seu primeiro passeio.

Ou quando Barbara chegasse e o beijasse e ao perguntar se estava bem ele lhe entregaria o poema. Observaria suas expressões. Ela não se emocionaria? Não perceberia que o sofrimento de Rômulo ao escrevê-lo dependia, para ser mitigado, de um só gesto dela? Lágrimas escorreriam no rosto dele, mostrando o sentimento que o poema não conseguiu expressar.

De longe reconheceu Barbara, com seu rabo-de-cavalo. Estava linda. Na madrugada foi ver a janela. A luz estava apagada

e Rômulo gritou o nome dela que ecoou em meio aos edifícios. Havia o barulho dos carros. Ninguém apareceu para ver.

Qualquer coisa o emocionava. Uma música, lembranças dos momentos com Barbara, coisa bonita que visse, um elogio que recebesse, pelo motivo mais banal. Queria que o elogio fosse de Barbara.

Nos devaneios conversava. Barbara mais ouvia que falava. Quando falava, era o desejo dele impondo-se na voz dela. Barbara lembrava-se dos chocolates, sentia falta deles? Quando comia um ou via-os na prateleira do supermercado, lembrava-se de Rômulo?

De longe via a casa noturna. Queria poder voltar a ter os contatos casuais com ela, sem outra expectativa. Contentar-se-ia com os breves encontros, como sempre foi. Gostar dela, sem episódios de ciúme. O sentimento que lhe dava ânimo, perspectiva de juventude. Precisava testar sua paixão. Uma reaproximação cuidadosa, para que ele pudesse refugiar-se se preciso. O coração e a mente fizeram um acordo, as reivindicações de um foram aceitas pelo outro, com condições estritas, como num contrato.

Rômulo viu Barbara com cabelos soltos, vestido e saltos altos. Seu coração palpitou. Decerto ela havia também se maquiado. Mesmo à distância já a percebia linda. Estaria usando o perfume que ele a presenteou? Devia ter tido uma promoção e agora fazia de fato a recepção dos frequentadores. Rômulo queria vê-la de perto. Por que não como um freguês da casa? Mas a lembrança dela com o namorado doeu como se o coração parasse por um instante. E se ele estivesse lá? E se eles trocassem carinhos? Rômulo tinha medo da tortura do ciúme, da realidade cruel.

O bar tocava músicas e Tracy Chapman cantou *Open Arms*. Rômulo se emocionou, a música sugeria o convite de Barbara para um abraço. Chorou, com o sentimento aflorando sem

contestação, como se o orgulho soubesse que chorar era uma catarse que o ajudaria a conformar-se. Rômulo percebeu que apesar dos esforços para controlar seu amor por Barbara, ele ainda estava vigoroso. Não poderia se aproximar dela, voltar à rotina dos encontros. Não suportaria não tê-la.

Sentado à mesa olhou para baixo com as mãos na testa, fazendo-se de aba de um boné, para esconder suas lágrimas.

Admitiu que perdera Barbara. O coração acuado tentou salvar sua paixão: não seria melhor suportar o ciúme que lutar contra o amor que tinha por ela? A dor não seria menor? O que Rômulo tinha de mais feliz, a perspectiva de vida que Barbara lhe trouxe, a juventude, tudo teria que ser extirpado e jogado no esquecimento.

Somente Barbara poderia salvar esse amor. Com uma palavra confirmando que o aceitava como amigo. Ele escreveu às pressas outro poema, libelo para que ela o libertasse da agonia de desistir de amá-la. Agora tocava *Do You Remember*. A música despertou seus amores antigos que vieram ajudar para que a paixão por Barbara não acabasse, como se pudessem, juntando-se a essa paixão, revivescerem.

Coisas para te perguntar

*Posso ser o clarear de tua manhã
Ocupar atenção o tempo de teu despertar?
Objeto que gosta e deixou na gaveta
Vez ou outra você olha e volta a guardar?*

*Posso ser o perfume que usa num segundo
Ou teu batom para num minuto te beijar?
Depois ficar dias esquecido do mundo
Esperando para de novo te enfeitar?*

Posso ser relampejo de uma lembrança

*Que vez em quando vem tua atenção ocupar?
E logo você esquece por ter a confiança
De que estou esperando para te amar?*

*Posso ser a coisa bonita que você viu
Que por pressa não teve tempo de admirar?
Mas levou contigo a emoção que sentiu
Só por tê-la visto em teu breve passar?*

*Se um dia houver contradições a te afligir
Posso ser pai e com palavras te aconselhar?
Por desventuras os caminhos não te fizerem sorrir
Posso esperar e com um abraço te consolar?*

À medida que escrevia, suas lágrimas caíam sobre o papel, borrando as letras e o poema foi se desfazendo.

Sentiu uma mão repousando sobre seu ombro. Não olhou de imediato para ver quem era, quis enxugar as lágrimas, recompor-se desse estado. Então a mão mudou para o outro lado, como se o abraçasse. Rômulo respirou com um suspiro. E antes de virar-se para dar atenção a essa pessoa que ternamente o consolava, percebeu o quanto a mão que o acariciava era delicada, apenas em um dos dedos havia um ponto rígido e frio, como um anel de prata...

Campeiro

despertou com o estampido. E como remoía pesadelos, saiu em disparada, meteu a cabeça no pé da mesinha, derrubou pratos de louça e tampas de panelas. Alguns pratos quebraram. Buluca, que cuidava da cozinha e tinha zelo por tudo que existia ali, chegou alvoroçada:

— Passa! Passa!

A cancela estava tramelada. Outro jeito não teve senão se aventurar casa adentro para escapulir pela porta da frente. Não mediu tempo. Soergueu pó, de pressa. A galinha branca vinha pelo corredor e quase se atropela, desafinando o tom pela janela, nevando penugens no quintal.

Zacarias disparou o tiro próximo da cozinha, estava de tocaia na casa do forno, espreitando macacos que vinham roubar frutos no pomar.

Pretinho, velho, estava na cozinha e ficou, de susto, fotografado. Visto assim, nem quis saber de querer fugir, fez expressão de desculpado, ganiu choroso, recolheu o rabo. A cancela rangeu a tranca. Não esperou outro sinal.

Mariinha estava no jardim podando roseiras, quando Campeiro passou com essa aflição. Ela o chamou. Ele parou um instante, teve intuito de voltar ao encontro dela.

Quando Mariinha era criança afetou-se com uma doença que a manteve bom tempo no leito. Para agradá-la um vizinho da fazenda trouxe um filhotinho de cachorro. A mãe o pariu no campo, depois de dias encontraram a ninhada. Mariinha deu-lhe o nome de Campeiro e ficava com ele horas na cama e ele, crescido, vinha pular sobre o leito dela, para compartilhar companhia.

Buluca apareceu na porta com o chicote, estalando-o na pedra da soleira. Da porteira do curral ainda teve gente para insultar:

— Cachorrinho atoa!

Houve um espanto longe da galinhada. Pretinho foi se espojar na casa do monjolo, onde a gata dera cria. A galinha branca se acomodou ciscando qualquer lugar. Campeiro fugiu distante.

Passou. Correu. Descansou. Correu...

Mas correu tanto porque quis, achou alegre, erguendo bandos inteiros de pássaros-pretos. Passou pasto, a porteira da estrada, passou o milharal do colono, tomou rumo do rio. O rio-represa, que a gente não sabe para que lado vai, foi enchendo, vez por vez, e chegou. No de lá, o curral inteiro do gado movendo manso, lesmando, no caminho de volta. E extensos morros obtusos, coloridos de incontáveis tons de verde.

De repente pareceu que ia entardecer. O rio-represa abriu caminho de sangue. Paturis fizeram voos altos a caminho de casa. Maritacas cruzaram aos pares, contando estórias. Depois houve um momento em que nada aconteceu. Tudo morreu o assomo da tarde. O mundo pensou.

Campeiro lembrou a história do sonho. O capinador com a foice, interrogando. Nenhum outro cachorro podia entrar no curral, fechado e limpo de qualquer bicho. Experimentou fugir pela frincha do chiqueiro, mas o capinador estava no chiqueiro, querendo capinar. Agora era hora: pula cocho, corre cerca, vira tombo, tomba e volta. Quebra curva, corre em roda, puxa o rabo, sobe banco, banco embaixo. E o foiceiro sempre esperto e mais perto. A foice capinando terra. Depois subiu e começou a descer, pesando.

Campeiro coçou as orelhas, lambeu pelos e pulou de susto. Era o Zacarias, que ficou de tocaia na roça do mato, esperando macacos querendo prejudicar o milho e agora, porque ele mora deste lado, chegou beirando o rio para espreitar um irerê retardado. O estouro nasceu aqui, atravessou o rio, subiu o morro do outro lado, adentrou o mato e depois voltou uma porção de vezes, sumindo devagar. Todo bicho que morava até onde foi o barulho, falou qualquer coisa, querendo saber. Pareceu que era manhã.

Quando voltou, anoitava. A coruja do cupim da beira da estrada fez que fez, fingindo que ia voar. Ralhou. Adejou longo até o cupim da aroeira, desenhando uma curva parabólica, igualzinho o arame bambo de um varal. Agourou.

A noite pesou.

Campeiro chegou e a cachorrada veio receber, podia ser bicho saído do mato, bicho-lobo, coisa assim. O alarido fez abrir a

janela da cozinha e Paioto apareceu mostrando o lampião. Não precisou mais nada para espalhar a cachorrada, tanta sombra se mexendo, parecendo assombração. Cada um se desfez para seu lado, indo rondar algum lugar.

Campeiro sentiu saudade de comer. A barriga emagreceu. Por isso a noite demorou. Queria ser o gatão rajado e quando assim, virar onça, varejar o mato e voltar com a barriga pesada para dormir a sesta. Campeiro não resistiu e ganiu de tristeza. Baixinho, só ele ouviu. E foi tão triste que sem querer soltou um uivo pesado, distante, vindo do fim do mundo.

Outra janela se abriu, a luz discreta da lamparina vinda de algum lugar do quarto desenhou a silhueta de Mariinha. Conforme a chama oscilava com a brisa, a silhueta acompanhava esse movimento. Campeiro distraiu-se com esse artesanal cinema que o consolava. Lembrou-se de quando Mariinha ia passear com ele pelos campos. Alternavam-se em corridas de perseguição, ora de um, ora de outro. Por fim paravam para descansar no alto do morro, de onde tinham visão ampla da fazenda. Ficavam contemplando a paisagem. Depois voltavam, Campeiro na frente vasculhando e farejando tudo, vendo se havia no caminho algum perigo, antes que Mariinha por ali passasse.

A primeira pessoa que surgiu, tão logo havia um pouquinho de manhã, foi a mesma que toda tarde vai e volta tangendo as vacas para o curral, para estarem prontas para a ordenha. O primeiro barulho humano do dia é a voz dele, falando a linguagem delas, aconselhando-as.

É esperar e a porta da cozinha range os gonzos, aparecendo Marieta - sempre - capaz de lavar e cuidar dos latões que vão levar o leite. Melhor hora de entrar e ver se sobrou, de ontem, qualquer de comer.

Por isso, com fome reservada e o resto da cachorrada vindo atrás, nenhum querendo ser o último a chegar, mordeu o primeiro pedaço que viu, para depois, babando espuma, descobrir.

Já Marieta vinha trazendo de volta as latas da bica e Campeiro passou desabalado. Atrás dele, quintal abaixo, os latões largados, rolando. Vendo Campeiro naquele estado, a boca espumando feito cachorro com doença nos neurônios, Marieta teve o que dizer:

— Ói ele aqui, gente!... Cadê o Zacarias?... Ói ele indo ali!... Tá doído mesmo, gente!...

Que responderam de dentro:

— Cuidado c'o'ele Marieta!... Grita o Zacarias, qu'ele já deve tá na boca do mato!... É prá lá que o diabo vai!... Fala prá tocaia na passage do corgo!...

Mariinha veio correndo ver, não acreditava que Campeiro oferecesse perigo. Era a única que tinha carinho com os cachorros. Cuidava deles, socorria quando chegavam com o focinho repleto de espinhos do ouriço-cacheiro. Os demais os consideravam por sua utilidade, por vigiarem os arredores do casarão, intimidando bichos que viessem molestar as criações, ou por acuarem serpentes, até que as viessem matar.

Campeiro, não sabia o porquê de tanta descombinação, mas por instinto e experiência sabia que não era hora para meditação. Toca a correr para o fundo do quintal, transpassa a passagem do córrego e ao invés de seguir reto pelo trilho da roça, que ia ao encontro de Zacarias, quebrou a curva, se enfurnando no espesso do mato, sumindo.

Ouviu o vozerio na fazenda, que se atenuou pouco a pouco. O gosto de sabão de cinza na boca devagarzinho foi desaparecendo. E depois que uma seriema gargalhou muito longe, quase mentira de tão distante, é que Campeiro pôde ouvir o silêncio do mato. Dentro do mato é sempre assim. Vez por ser é que cai algum galho ou aparece um bicho maior para fazer o mundo acordar. Mesmo nisso, o ruído é abafado, vegetal. Muito sempre, o que denuncia que ele chegou é o crepitar dos gravetos secos quebrando, onde ele pisa e se é passarinho, as folhas que caem dos galhos balangados. Raramente o alarido da passarada, bando que passa vozeando, um grito de alarme pela iminência de um gavião.

Sendo assim, Campeiro achou melhor. Mesmo tendo que enjoar a vontade de comer, comendo à vontade os mamões do mato desperdiçados no chão.

De tarde, dormitando para esperar entardecer e anoitar - hora em que é preciso estar acordado para nada acontecer sem ser visto e escutado - Campeiro acordou diferente. Não viu se foi

latido ou um estouro, a macacada veio contar, passando pequenininhos pelas grimpas, guinchando, o que queria dizer que o Zacarias vinha atrás, com pensamento de alcançar.

No dia seguinte, descansando ao lado dos pés de jaracatiás, percebeu que uns ratinhos vinham se deliciar com a polpa. Ficou na espreita. Mas os reflexos para essa captura estavam adormecidos, eram reminiscências de instintos desnecessários. A comida todo dia na lata não exigia mais acrobacias. Correu atrás de vários deles, até que um, perdido de seu destino, escondeu-se em um amontoado de serapilheira. Campeiro pulou sobre o monte e pôs-se a cavá-lo, farejando. Uma névoa negra de mamangabas furiosas elevou-se do monturo. Campeiro não esperou. Vieram atrás, querendo desforra. Algumas o pegaram nas ancas e nas pernas.

A terceira vez que amanheceu, aquerenciado e manco pelas picadas, achou de voltar. Porque pressentiu que o ódio também, do mesmo modo que o amor, tinha o poder de virar saudade.

Estavam em conferência no curral. O gado passando, um por um, pelo tronco, enquanto uma pessoa de avental ia tratando as bicheiras deles, aplicando injeções, examinando a óculos. A cachorrada, como sempre, veio saber de Campeiro, vaziúdo, voltando para casa. Todos pararam o que estavam fazendo para ver Campeiro cruzando pelo canto do curral em direção ao quintal. Perfilaram-se perquisitivos, como novilhos ao se precaverem com a chegada de um estranho no pasto. O doutor adiantou-se no olhar. Segurou o queixo, ostentando dúvida. Mariinha, vendo Campeiro naquele estado, como se as pernas não o obedecessem, o pelo despenteado e repleto de carrapichos, quis ir ao seu encontro, então a contiveram.

Vendo o que viu, Campeiro achou prudente seguir e aproveitar que estavam lá fora para procurar alguma comida na cozinha.

Ouviu um ruído vindo da porta da frente. Desceu frenético a escada, deparou-se com Zacarias ao lado do jirau apoiando a espingarda. É voltar e refazer o percurso, pelo corredor. Tentou. Mas por ali vinha o resto das pessoas, armados de paus, fazendo visagens de quem viu assombração. Sem escolha, teve que sair pelo quintal, ganindo de medo, mudando súbito a reta de corrida

para esconder da chuva de chumbo que pipoqueou. Zacarias insistiu, rearmado, em perseguição.

Campeiro ouviu Mariinha repreendendo Zacarias, ordenando que ele não atirasse. Quis olhar, não teve tempo. Decidiu: trilhar o caminho da roça, escapar para o mato, morar lá sempre, para nunca mais.

Mariinha o chamava, vindo atrás. Titubeou em voltar ao encontro dela, refugiar-se em seu colo, ali com certeza estaria seguro, como quando era pequeno e ao assustar-se corria e pulava sobre sua cama. Cruzou pelo monjolo, onde o riacho formava uma cachoeira e Mariinha vinha nas tardes quentes se refrescar, antes que as sombras do pomar fossem suspeitas de perigos. Campeiro a seguia e permanecia vigilante. De repente um susto, eram mangas que caíam e rolavam desperdiçadas.

A chumbada passou rente. Campeiro correu para o fundo do quintal, seguiu pelo trilho da pinguela, passou com dois pulos e quando assomou do lado de lá, derreou e estacou, tremulando de terror. O capinador com a foice na mão, interrogando. E a foice subiu e desceu, brilhando o reflexo do sol, cortando o ar...



A acompanhante

Regina apresentava-se discreta em seu *blog*, não fazia menção a suas intenções. Apenas suas fotos e o número de seu celular. Deixava a oportunidade de alguém um dia ligar para ela e convida-la para um encontro e, quem sabe, pedi-la em namoro.

Roberval visitou o *blog* diversas vezes. Raramente Regina postava uma nova foto, com aquela mesma intenção: bem vestida, sozinha, às vezes escondendo o rosto com uma mecha de cabelo. Ou seu perfil admirando a paisagem do alto de uma sacada. Mesmo com esse silêncio Regina falava. De sua discrição, sua disposição para ouvir, para agradecer quem estivesse com ela.

Mais de uma vez Roberval ligou para ela, quando ela atendia ele desligava. Esperava que ela retornasse. Ela não teria curiosidade de saber quem ligava? Compreendeu que Regina não o faria, por ética profissional.

- Alô!... Alô!... Está me ouvindo?... Deve ter algum problema na ligação, ligue novamente, por favor.

A voz de Regina era delicada, combinava com sua imagem. Era calma, falava baixo e pausadamente, como se sussurrasse próximo de um ouvido. Tinha sensualidade.

Uma nova foto a mostrou olhando para baixo, denotando tristeza, convidando uma companhia. Alguém que a acolhesse, que a convencesse que ela podia ser feliz.

- Alô...

- É Regina?

- Sim.

- Você...

Decorreu um tempo. Roberval tinha pensado em várias coisas para dizer a ela. Conversar apenas, como se tivesse ligado por engano. Dizer que viu as fotos dela e achou-a parecida com

uma amiga dele. Que era um curioso da internet e interessou-se pelo *blog* de Regina.

- Senhor!...

Roberval percebeu que havia respeito, educação. Ele não demonstrava em sua voz ter mais idade que ela.

- Estava vendo o teu *blog*. Está muito bonito. É você mesma que o faz?

- Ah, sim. É fácil, já tem um formato pronto, é só ir colocando as fotos.

- Sei, mas o modo como as coloca lá parece que está contando uma história.

- Ah! Não tinha reparado, vou olhar. E a história é bonita?

- Sim, como você.

- Obrigada.

- Mas tem uns momentos que parecem tristes.

Regina descansou por um momento seu falar. Preferia que Roberval continuasse.

- Todo mundo tem seus momentos de tristeza, não é?

- Claro, achei bonito você mostrar esse teu lado também.

- Hum...

Roberval ouvia a respiração de Regina nos momentos de silêncio.

- Bom, só queria conversar um pouco com você. Te ligo outra hora, pode ser?

- Claro, quando quiser.

Passados uns dias Roberval ligou.

- Regina, é Roberval, liguei para você um dia desses.

- Oi, anjo!

- Você vai fazer alguma coisa na quinta-feira?

- Tinha um compromisso, não é nada importante, posso desmarcar.

- Queria te convidar para jantar.

Encontraram-se. Admiraram-se. Como em suas fotos ela mostrava o hábito de poucos enfeites. A pele e o desenho de seus olhos e de sua boca não exigiam qualquer correção. Vista de perto essa nudez de pinturas sugeria uma intimidade. Roberval também não se importava de querer amenizar o grisalho de seus cabelos. Regina viu neles sinal de que ele tinha sentimentos mais permanentes, não o desejo de aventuras passageiras.

- Me julgava mais jovem, não é?

- Gosto de homens maduros.

Roberval levou-a a um restaurante caro. Regina parecia não estar acostumada com essas gentilezas. Olhava insistente ao redor, curiosa e seguidamente em Roberval, sorrindo.

- Gostou daqui?

- Nunca tinha vindo. É muito bonito.

- Teus amigos não te levam a esses lugares?

- Não, preferem bares mais discretos.

Roberval disse a Regina que a queria por toda uma noite, como companhia, não por alguns momentos em um motel. Para o que desse e viesse, como amigos se divertindo na noite.

- Pode ser?

Regina mostrou-se sem jeito de dizer quanto cobraria por isso, Roberval nem lhe perguntara o valor.

- Bom...

Estava gostando da situação, do namoro fingido, desejado. Roberval era mais velho, tratava-a com cortesias, como se ela fosse para ele muito mais que uma profissional do sexo.

- Que horas pretende ir embora?

- Não sei. A noite termina quando nasce o dia, não é?

- Tá bom. Claro, posso ficar com você.

Roberval propôs que fossem a uma boate, queria dançar. Regina aceitou com animação. Não falou nada de quanto cobraria por sua companhia.

Roberval tinha intimidade com a boate, foi pedir ao DJ que tocasse uma música que ele gostava. Dançaram. Depois se assentaram em um sofá no mezanino. Regina disse:

- Você dança muito bem!
- Apenas acompanhei teus movimentos.

Para que se ouvissem em meio ao barulho da boate aproximaram os rostos, olhando-se bem perto nos olhos. Depois passearam seus olhares por suas bocas. Roberval percebeu que o beijo de Regina tinha um desejo, não era só o cumprimento de um favor.

- Quer fazer amor comigo?

Regina admirou-se. Ela era dele essa noite, haviam combinado. Roberval queria ter certeza que Regina se agradaria com a intimidade dele.

Regina despiu-se, ficou só com as roupas íntimas. Recostou-se na cama e cobriu-se até a cintura. Roberval também tirou a roupa, ficando apenas com a cueca. Deitou-se ao lado dela, colocando a cabeça sobre seu colo. Regina esboçou um riso. Roberval perguntou do que ela estava rindo.

- Nada, é que você é diferente.
- Como assim?
- Os homens chegam apressados...
- Ah... Tenho tempo... Talvez seja porque eles te contratam por apenas uma hora, não é?

- Não, é por tesão mesmo – disse Regina rindo.

- Prefiro dar um tempo. É bom estar com você. Também porque tomei um comprimido, tenho que esperar fazer efeito.

- Ah, sei... Não tem problema. Estou gostando de ficar com você.

Regina ligou a televisão. Estava passando um vídeo de pornografia.

- Posso colocar uma música? – Roberval perguntou.

Tinha trazido uma caixinha de som e ligou-a em seu celular. Regina desligou a televisão e ficou olhando para o espelho no teto, ouvindo a música com atenção. Começou a balançar o corpo suavemente, acompanhando o ritmo. Depois olhou para Roberval, passando a mão em seu rosto e seus cabelos.

- Você é romântico!
- Estar com você é romântico.
- Você acha? Mesmo eu sendo uma profissional?
- Por que não? Somos um homem e uma mulher, não somos?

Regina curvou-se para beijar a boca de Roberval. Pegou o celular dele para ver o nome da música.

- Sei que “iú” é você e que “bec” é atrás. “Atrás de você”?
- “Bec” pode ser “de volta”. De volta para você: *Back to You*.
- Você tem jeito que já teve grandes paixões.
- Sim, mas isso foi há mais tempo. Depois vieram só desilusões. Cansei de me apaixonar.

Regina percebeu que Roberval vivia a mesma situação que ela. Que bom se ele se interessasse por ela. Talvez a chamasse para sair de novo. O desinteresse dele por apenas fazer sexo mostrava que ele gostava da companhia dela. Será que queria conquistá-la? Tinha receio de dizer-lhe, por ela ser uma profissional do sexo? Medo que ela não o aceitasse, que fosse mais uma desilusão em sua vida?

- Regina.
 - Oi, amor.
 - Então, como te contratei por toda a noite tem mais uma coisa que preciso que você faça.
 - Desde que não seja penetração sem camisinha! – Regina comentou rindo.
 - Está vendo aquele envelope no bolso de meu paletó?
- Regina olhou procurando.
- Sim, estou.

- Lá está escrito tudo o que você terá que fazer.
- Há-há-há... É algum fetiche? Que você tem vergonha de dizer?

- Bom, pode até ser.
- Quer que eu vá pegar?
- Não, temos tempo... Depois.
- Me deixou curiosa!
- Você vai ter tempo para ler.
- Vou nada, lindo, já viu que horas são?
- Pode ler amanhã.
- Mas combinamos de ficarmos juntos até o amanhecer, se lembra?

- Sim, vou cumprir.
Regina levava na brincadeira e agora ficou séria. Achou que pudesse ser coisa de mau gosto.

- Amor, você não está me fazendo de boba, está?
- Não, meu amor! Inclusive o dinheiro que te devo está dentro do envelope também.

- Como você sabe quanto é? Nem te disse ainda!
Regina percebeu que era a oportunidade de dizer a Roberval que gostou dele.

- Talvez até nem te cobrasse...
- Então lá tem muito mais que precisaria. E também para pagar outras despesas que terá depois que eu for embora.

- Só vou precisar ir para casa, você não vai me levar?

Regina ficou apreensiva. Roberval a deixaria ali? Ela teria que chamar um taxi para ir para casa? Ele não faria a gentileza de leva-la? Desagradou-o em alguma coisa? Será que não gostou do corpo dela? Ela era elogiada por ter um corpo e um rosto lindos. Roberval não respondeu. Regina olhou para o teto, desiludida. Não repetiria a pergunta, deixaria que ele a respondesse se quisesse.

Começou a tocar *Belief*. Regina olhou para ele perguntando o que significava “beliefe” e ele estava de olhos fechados.

- Paixão, está dormindo?!

Roberval abriu os olhos com dificuldade, como se estivesse embriagado. Regina não entendia como ele havia ficado sonolento tão depressa, ele não havia bebido nada desde que se encontrou com ela. Roberval fez um esforço para olhá-la e para falar com ela.

- Biii...liii...fff...

- Amor! – Regina bateu a mão com energia no rosto de Roberval, ele insistia em dormir.

- Paixão, que remédio foi que você tomou?

A música parecia ter aumentado de volume sozinha. As frases repetidas com nervosismo, que Regina não entendia, aumentavam sua angústia. Roberval transpirava. Regina batia em seu rosto. Beliscou-o. Abriu seus olhos. Estavam turvos. Ela o sacudiu. Depois o abraçou, apertou-o. Olhou para o envelope. Quem sabe ali estava a explicação. Mas não quis levantar-se para busca-lo. Roberval precisava dela a seu lado. A música fazia perguntas. Uma atrás da outra, sem esperar pela resposta, como se a quisesse torturar com esse interrogatório. Como se Regina tivesse culpa por nada ter feito para evitar que Roberval tomasse aquele remédio.

Regina teve um impulso de pegar o interfone que estava ao alcance de seu braço e ligar para a recepção, para que chamassem um socorro. Conteve-se, lembrou-se de seus momentos de aflições. De suas tristezas, das paixões, do abandono pelas pessoas que tanto amou. Compreendeu que Roberval a contratou para ampará-lo nesse momento de sua decisão.

A música acusava, impiedosa. O ritmo ficando mais enérgico, como se o compasso marcasse um tempo prestes a se esgotar.

Roberval, que até então tinha um semblante constrangido, agora mostrava uma feição tranquila, rejuvenescida. Regina passou a mão por seu rosto, notou que ele havia se barbeado com capricho.

- Anjo!

Regina ainda achava que pudesse ser uma brincadeira dele. Mas ele estava lívido e seu calor já se esmaecia. Ela o acariciou e admirou-se por percebê-lo mais bonito.

Agora tocava *Perfectly Lonely*.

Perfectly devia ser “perfeitamente”. O que seria *lonely*? Regina olhava para Roberval, acariciando-o, queria dele apenas mais essa resposta.

Depois pegou o interfone e pediu à recepção que chamasse a polícia. Enquanto os policiais não chegaram e bateram na porta, Regina continuou abraçada a Roberval, compadecida dele e de si, admirando-o e amparando-o em seu colo como uma Pietá.

A gaiola vazia

Era uma gaiola artesanal. O bisavô de Paloma a fez, sabia que ela teria esse destino. Que permaneceria na casa o tempo em que lá permanecessem suas descendências. Por isso a fez bonita, gastou trabalho, fê-la para ser enfeite e não prisão. Paloma gostava de brincar com ela, mas nunca quis prender nela um passarinho de verdade, apenas o seu passarinho imaginário, com muita convicção de que ele existia de fato. Colocava para ele comida e água, como se faz no real. Que cor teria? Cada dia o pintava de novo, da cor que quisesse. Conversava com ele. Fazia desenhos dele, misturando passarinhos que tinha visto com outros de sua imaginação. Hoje era um passarinho azul. Um saí-azul?

A gaiola ficava pendurada na varanda, mero enfeite. Ela vinha pegá-la, colocava-a sobre a mesa e brincava com ela e com o passarinho. A porta da gaiola ficava aberta, de propósito, o passarinho estava lá porque queria, poderia ir embora quando quisesse, a porta aberta o convidava. Hoje ele era verde, um gaturamo-bandeira?

A infância de Paloma foi se completando. Ela não quis mais ser criança. Não mais imaginar coisas impossíveis de um dia serem reais. A gaiola estava aberta e o passarinho fugiu, foi desfazer suas cores na neblina da imaginação que o criou.

Paloma às vezes vinha cuidar da gaiola, limpá-la. Um dia resolveu envernizá-la, percebeu que ela tinha esse destino de permanência. Outro dia num passeio viu um passarinho de madeira. Trouxe-o para colocar na gaiola. O passarinho e a gaiola juntaram-se em seus enfeites. De vez em quando ela mostrava reprises da infância. A gaiola com suas cúpulas, como uma catedral. O bisavô era fervoroso. A réplica de passarinho era azul, o preferido da imaginação de Paloma. Mas a gaiola continuava aberta, mesmo esse passarinho de madeira não sendo capaz de voar.

Paloma agora tinha suas atenções nela própria. Em seu corpo em transformação, os seios se avolumando, as nádegas sobressaindo. Sua imaginação era a realidade do espelho. Queria saber do sabor do beijo, do sentimento do abraço, do que duas mãos dadas conversavam. Olhava os meninos com outros olhos. Havia um que a incomodava. Um menino muito bonito. Ela o via passar subindo em uma rua próxima, provavelmente morava um pouco mais acima. Paloma preferiu um caminho mais distante para ir à escola, para ter a oportunidade de ver o menino. Esperou assentada no ponto do ônibus. Não teve coragem de olhá-lo de frente, o coração a atropelou. Depois que ele passou olhou-o por trás, rapidamente, tinha medo que ele se virasse para olhá-la.

Uma manhã acordou com um canto diferente em seu jardim. Não o tinha ouvido ainda e nunca o tinha imaginado. Não era nenhum dos que às vezes ali cantavam, ela os conhecia de cor. Foi ver. O passarinho estava na gaiola! Junto com o passarinho azul imaginado na madeira. Teria entrado lá em busca de comida? Era muito bonito, tinha muitas cores. Uma saíra-sete-cores? Paloma o soltou. Ele voou para a árvore, misturando suas tintas.

Na outra manhã de novo a voz. Lá estava ele no poleiro. Paloma colocou comida e água para ele. Ele ficou, as cores sobrando de fartas. Paloma compreendeu que era passarinho escapado de gaiola. Não sabia mais ser livre.

O menino lá vinha. Paloma mudou de calçada. Queria muito olhá-lo de perto, mas temia esse momento, estar tão próxima dele, não saberia o que dizer se ele lhe dissesse qualquer coisa, nem como lhe sorrir, se ele sorrisse para ela. O menino era lindo. Tinha os cabelos compridos até o pescoço, amplos, dourados e cacheados. Ele passou e ela o olhou recurvando os olhos, depois o pescoço, aproveitando cada instante desse passar.

O passarinho insistiu em sua reclusão, desperdiçando cores. Paloma não o queria ali, embora tanto o tivesse assim imaginado. Preferia que ele fugisse, criasse coragem para voar solto,

perdesse essa timidez, fosse se encontrar com quem ele também tanto amava. Decidiu não colocar a comida na gaiola e sim sobre a mesa. Ele vinha ali comer, logo voltava para seu poleiro. As cúpulas. O passarinho azul de madeira apenas observava. Paloma foi levando o alimento para mais longe no jardim. E a gaiola foi pendurá-la numa árvore. A porta aberta, convidando a sair para entrar.

Numa manhã Paloma não ouviu o canto. As cores voltaram a ser mera imaginação. Ela se preocupou. Queria que a saíra tivesse sua liberdade, mas que permanecesse por perto. No dia seguinte ela voltou e comia os frutos no comedouro. Em outros dias desapareceu novamente, depois retornou. A gaiola voltou para seu lugar na varanda, eterna.

O menino. Paloma seguiu de cabeça baixa na mesma calçada. Sentiu que ele se aproximava, sua respiração ofegou. Deflectiu-se ainda mais. Viu apenas seus pés. Um tênis bonito, vermelho. Será que ele a olhou? Será que ele gostava dela?

Aonde será que a saíra ia nesses dias em que desaparecia? Domingo pela manhã ela foi andar pelas ruas próximas para ver se ouvia o canto. Numa rua a ouviu em um jardim. Olhou pela fresta do portão da casa e viu que na varanda tinha uma gaiola vazia pendurada, uma gaiola comum e sua porta estava fechada. A saíra cantava. De repente viu o menino e ele assoviava imitando a saíra e ela voava sobre ele, revolteando, como se quisesse pousar sobre sua cabeça. O menino estava sem camisa, seu peito nu sem nenhum pelo, magro, os mamilos, os cabelos cacheados. Paloma desabalou-se em corrida, alguém a teria visto ali bisbilhotando pela fresta do portão o seu amor?

A saíra cantou pela manhã. Paloma levantou-se às pressas para vê-la. Queria ver o menino? Lá estava ela, comendo os frutos no comedouro. Suas cores colorindo as frutas. Paloma foi se aproximando. A saíra, mansa, esperou. As cores resplandecendo. Poderia pegá-la se quisesse, respeitou. Ela seria capaz de levar

uma mensagem, como um pombo correio? Paloma conversou com ela. Perguntou se ela poderia levar um recado para sua paixão.

Num domingo a saíra cantava no alto de uma árvore. Era primavera, as amoreiras e outras fruteiras estavam carregadas, ela vinha menos vezes ao comedouro de frutas, satisfeita com as frutificações. Paloma ficou observando-a. Suas cores tinham um novo lustro, o sol ajudava a refletir. Decerto já fizera a muda, preparando-se para namorar. A campainha tocou, Paloma foi atender. Era o menino! Ela quase desabou. Ficou muda, não conseguiria falar, se falasse balbuciaría como uma criancinha aprendendo a conversar. Não precisou. O menino, mostrando também surpresa por vê-la, começou explicando o motivo de estar ali. Queria saber se ela havia visto um passarinho que tinha tal e qual colorido, que era dele e ele resolveu soltá-lo um dia para que voltasse a viver livre, que retornava à sua casa e há vários dias tinha desaparecido e ele queria saber se o passarinho estava pelas redondezas...

A cabeça dela reclinada insistia em olhar o chão, apenas os olhos se elevavam em rápidas fugas, para contemplar o semblante dele e ela quase não conseguia prestar atenção no que ele dizia; via sua boca se movimentando graciosamente, os lábios, seus olhos olhando-a como se tivesse com ela uma longa intimidade. Estava descalça e isso era como se estivesse inteira nua. Um pé tentava fazer-se de veste para o outro. Seus pés eram lindos e elogiados e isto a fazia achar que eles eram como outras partes do corpo que deviam ser escondidas por pudor. Uma rosa desabrochou em suas faces. Usava um colar de prata e nele um penduricalho em coração, uma pedra vermelha envolvida pela prata. O menino abaixou seus olhos para olhá-lo. A camiseta de Paloma, um tanto apertada, deixava perceber o querer ser de seus seios. Seu rosto queimou em fogo fátuo. O menino visto de perto era ainda mais lindo, primoroso, nenhum pormenor nele

causava desagrado. O baixo ventre de Paloma ardeu, queimando, não era a regra, era uma sensação diferente, desconhecida, nunca sentida. E enquanto o menino dava suas explicações, ela teve tempo para que seu coração interrompesse o galopeio e para que pudesse treinar uma resposta, lembrar-se da gramática correta, das boas regras da pontuação:

- Sim, tua saíra está no meu jardim... Se quiser pode entrar para vê-la...

Uma estória extraordinária

Fernando ia subindo a serra na velocidade autorizada. Com seu habitual mérito, precavido das curvas e precipícios. Nesse momento nem poderia ser mais veloz, querer chegar antecipado, pois à sua frente um carro vermelho fazia-lhe a escolta, normatizando seu ritmo, dissuadindo-o de qualquer pressa. E assim foram por longo tempo, solidários na solidão da estrada.

Embora essa paisagem fosse-lhe tão semanal, Fernando a admirava toda vez, pois nunca conseguiria decorá-la completa. Quando achava que a paisagem poderia ser tédio, surgiam novas cores sazonais. A estrada com seus enfeites se contrapunha à avenida interrompida em trânsito. Por isso Fernando optou por essa circunstância.

Foi que, num instante, um caminhão que vinha descendo descontrolou-se em seus pesos, a gravidade o reclamou e ele teve que ceder a essa lei pétrea. Cruzou a estrada, vindo para a contramão, na contra-hora e no contragosto e levou consigo para a altura do precipício o carro vermelho.

Fernando nem freou, estava com suas distrações nos dosséis, os segundos que demoraria esse reflexo foram suficientes para a passagem da tragédia, deixando-lhe a estrada vazia, sem o vermelho que o acompanhava, fazendo-se de cor diametral desse tanto verde das florestas.

Logo outros que vinham atrás pararam para reivindicar socorro. Ele veio à beira constatar a vertigem da altura. Lá embaixo, nenhum vermelho, apenas as cores do clímax da mata.

Fernando cumpriu seu destino, como sempre na velocidade aconselhada, com a apreensão de querer saber o porquê da demora desses segundos que o salvaram de ter sido a cor a ser levada, nesse salto definitivo. Quando voltou, parou ali novamente, vários dias, em condolências.

Que tempo teria sido? Implicou-se. Comprou um cronômetro, preciso o tanto quanto possível, para medir milimetricamente. E toda vez que lá passava, media. Um, dois, três, quatro, cinco... Às vezes uma pequena demora, outras vezes certa pressa. Tirou a média, o tempo provável. Seus anos de vida valeram esses poucos segundos. Onde teria ele em sua viagem gasto esses momentos para se atrasar da iminência de ter sido sua a despedida? Que providencial demora, que oportuno compromisso.

Em suas ascensões ao planalto ia refazendo a memória, acreditava que havia um momento fixo, predestinado, que o fez retroceder esse tanto ínfimo, o tempo de seu renascer. O cronômetro ia conferindo, o desacelerar das lombadas, o acelerar de uma reta.

Sua viagem até então tão renovada, tornou-se uma repetição insistente. As mesmas paradas, o mesmo local do almoço, até o uso fingido e cronometrado do sanitário.

A garçonete veio servi-lo. Já havia percebido que ela era linda. Agora essa beleza tinha outra dimensão: a da probabilidade. Ela era amável, servil. Fernando a olhou insistente, ela respondeu discreta, preferiu ser profissional: “Mais alguma coisa senhor?”. A elegância do respeito, pois eram bastante contemporâneos. Ela o servira aquele dia. Podia ser o motivo do tempo circunscrito. Fernando cronometrou seu sorriso, suas gentilezas, até sua reserva circunspecta.

Na volta parou para rememorar. O vermelho deve ter descido imergindo na neblina, tornando-se pálido e rosa, como a rosa que depois lhe seria posta e que também se descoraria, sofrendo por saudade.

Na rotina necessária, cronometrada, parou no café. Também artesanatos. Coisas comuns, vulgares, mas primazes por serem únicas. Nenhuma igual à outra, tal qual as pessoas. A senhora veio atendê-lo. A mesma. Mais que funcionária, parecendo ser família. Nesse dia estava reservada, poupou sorrisos. Não foi

assim sempre. Da outra vez veio com agrados, com afagos. Devia estar dirimindo problemas. Fernando não teve o que cronometrar.

A moça era mesmo linda. A simplicidade dos trajés e os modos do trabalho escondiam. Como não tinha antes se admirado? Ela devia receber muitas propostas. E ali se mantinha correta. Serviu-o com gentileza, como devia.

Antes de sair Fernando considerou que o banheiro é que devia conter o tempo incógnito. Um olhar-se sem nenhum motivo no espelho? Os reflexos foram cronometrados. A inconclusão persistiu.

A senhora parecia recebê-lo com mais disposição, repetidas suas paradas, como se já o conhecesse no íntimo. Fê-lo lembrar-se de sua avó. Tal qual. A mesma intenção, a mão no ombro intimando um carinho. Parecia haver nela essa necessidade, essa sublimação. Perguntou se ela se lembrava daquele dia. E o que haviam conversado e se tinham demorado por algum motivo inútil. Ela se interessou. Por que naquele dia? Era uma senhora de anos acumulados. Esse trabalho era por diversão, aposentada de qualquer compromisso. Fernando disse-lhe claramente o motivo. Do carro vermelho, dos segundos fatais. Ela assentou-se, pedindo amparo. Seu neto estava lá, foi testemunha do acontecido, do princípio ao fim. Voou o voo eterno, rumo ao dossel. Fernando sentiu-se culpado por provocar essa conversa, esse desagrado. Quem sabe poderia consolá-la por ter estado tão presente, ter sido companhia, ter sido quem esteve por último tão perto. Ela abraçou-o fraterna, avó. Então aquele dia eles ali se viram? Suas saídas para a altitude foram concomitantes? Fernando tentou lembrar-se. A senhora trouxe-lhe um retrato. Vagas saudades. Alguma coisa estava ali sim, em sua memória esquecida.

O resgate dos veículos deixou cicatrizes na floresta. Fernando parava lá para ver como as cores se recompunham, a paleta se regenerava, com os brancos prateados das embaúbas tomando conta do resto de tela nua.

Uma garçonete veio servi-lo. Ele fez-se de indeciso, pediu tempo. Queria que a outra viesse. Quando a viu acenou despedida. Ela, atenciosa e linda. Fernando queria ter tempo de indaga-la, saber de sua vida, de tudo o que lhe aconteceu até ali estar. Mas não teria tempo, em seus compromissos. Contentou-se em ir lembrando-se dela, mesmo que ela não lhe tivesse dado nenhum intervalo para ser medido, nem demora em seu olhar.

Na outra manhã lembrou-se, súbito. O rapaz, o neto, estava com a avó e ela chamou Fernando quando ele já saía e lhe disse alguma coisa por qualquer motivo. Foi o tempo dele se virar para ouvi-la para que o outro tomasse a dianteira, rumo à montanha.

Precisava saber desses segundos. Os números probatórios, o tempo decisivo. Cumpriu sua rotina, por último. Já tinha certo que era esse o motivo. Os segundos que transgrediram a ordem em que as cores subiram a serra. De quem seria acompanhante e quem companhia.

Parou no restaurante, por compromisso. Ele a chamou pelo nome. Suzana veio, bela. Já sabia que ele a preferia? Ela fez sorrisos. Esse tanto se verem criou intimidade. Mesmo assim, ela profissionalmente distante. Parecia querer. Eram contemporâneos e sua beleza não podia ficar sem ser admirada. Entenderam-se no cardápio. Fernando estava ansioso para ter o tempo a ser medido, cronometrado. Era imperativo, precisava ir, até ficaria um pouco mais só para ver Suzana em seus intervalos entre uma mesa e outra.

E nesse sobressalto foi. E quando saía ela veio atrás, no estacionamento: “Senhor!... O seu boné!...”. “É a segunda vez que o esquece!”

Tinha sido naquele dia. Fernando pediu que ela repetisse esse gesto, esse falar, seu caminhar em direção a ele. Suzana obedecia constrangida, desperdiçando assim o tempo de seu patrão. Mas mostrou-se ainda mais bela, com o rosto aborrecido.

Foi e voltou: “Senhor!... O seu boné!... O senhor o esqueceu pendurado na cadeira...”.

E Fernando cronometrava e tirava a média: um, dois, três, quatro, cinco!

Estevão e a estética

Estevão sabe que o violão está sobre o sofá, em equilíbrio, porque Mariana o deixou assim, como se quisesse mostrar sua presença, não para criar recordação ou saudade, sim por sua maneira de sempre tratar as coisas, inclusive o violão.

Lembra-se dela na sala esperando-o, exercitando os dedos nas cordas ou contemplando em atitude mística o quadro inexplicável na parede. Dizia: “Não é necessário saber explicar, basta sentir”. Estevão aceitava como explicação. Era alegre encontrá-la esperando-o para acolher sua saudade, seu vazio.

Mas agora só está o violão na sala e um violão sozinho não tem vida. Estevão quis pegá-lo e tocar, talvez assim se libertasse da angústia desse instante, mas não devia, não saberia recolocá-lo da maneira em que estava, combinando com a sala. Somente Mariana seria capaz. É o que ficou dela, devia conservar.

Está presente na lembrança o primeiro encontro. Ela bateu-lhe à porta. Fazia tapetes. Tecia-os consoante a casa e os moradores. Estevão mostrou-lhe os cômodos e o jardim, queria que os tapetes o trouxessem para dentro da casa. Não se contentava em viver rodeado por ele, queria viver dentro. Ela vinha fazer medidas, experimentar as partes que ficavam prontas, consultá-lo sobre detalhes. Assim tiveram tempo de sentir-se, reconhecer qualidades e aspirações. Estevão abriu-lhe a alma, sabia que disso dependia a perfeição do trabalho. E enquanto ela tecia ele fazia confidências sobre seu cotidiano. Morava só. Às vezes tinha companhia: um amigo, uma mulher compartilhando amor. Frequentemente viajava e voltava doído de saudade. “O homem é como uma árvore” – dizia – “Está preso ao seu chão”. E sentia-se grande dentro da casa, tão pequena dentro do mundo. Mariana julgou-o um solitário. Ele explicou: “O amor não tem valor senão enquanto se manifesta independente de um compromisso definitivo, de uma necessidade. Não tem sentido pessoas se jurarem amantes para sempre, isto é como trair a liberdade”. E via o tapete se consolidando, sabia que no fundo ele o tecia, dava-lhe forma, motivo.

No princípio uma clareira na floresta. E dela saíam caminhos que se prolongavam para os cantos da sala. Estevão sentiu-se

recompensado. Era assim que sentia a vida: com múltiplos destinos, múltiplas opções.

Agora ele está ali, no meio da clareira, tendo por companhia o violão mudo. Mariana partiu com decisão. E a clareira que era ponto de partida da felicidade que construíram, hoje é angustiante labirinto. Descobriu que os caminhos não tinham finalidade, terminavam como fundos-cegos no meio da floresta, debaixo dos móveis. Mariana deixou-lhe aberto apenas o caminho que seguia pelo corredor e o levava à sala de música.

Estevão sente-se abandonado. Mariana não devia tê-lo deixado, ele que a acolheu, amou-a conforme ela própria queria: “Amar uma pessoa é cercá-la de arte”. Por isso comprou o violão, o quadro, derrubou paredes, recompôs a casa e, conseqüentemente, a si. Mas não pôde impedi-la de partir. Seria como negar-lhe a felicidade, dizer que ela deveria seguir um caminho que não o da liberdade.

Agora ele está perdido em arrependimento. Existe o caminho por onde foge, procurando a negação do presente. Na verdade não é ele que o faz, o caminho o leva. Na sala de música a trilha oprimente se liberta da espessa floresta e se abre na planície, as sombras e as pedras do caminho dão lugar à infinitude de flores. Estevão deita-se no meio delas que o mantêm magicamente suspenso.

Mariana ao seu lado, terminando de ajustar o tapete. Os dois comemorando também se completariam, percorreriam o estreito caminho, saíam da floresta e iriam se refugiar nesse pequeno mundo: às vezes florida planície, outras vezes um tapete colorido.

Estevão compreendeu que Mariana fazia parte de sua existência. Mostrou-lhe que se sentiria feliz convivendo com ela em sua casa e sua alma. Prometeu não lhe diminuir a liberdade e pediu que ela fizesse o mesmo com ele. Precisava dela, ao mesmo tempo temia que fosse um sentimento acidental, queria que ela compreendesse que um dia essa mútua necessidade poderia se desvanecer, por corriqueira ou inconsequente.

Isso agora pesa na lembrança de Estevão. A ausência de Mariana está presente na casa, e ele não pode se esconder dessa percepção. Não tem modo de desprezá-la, sabe que a liberdade

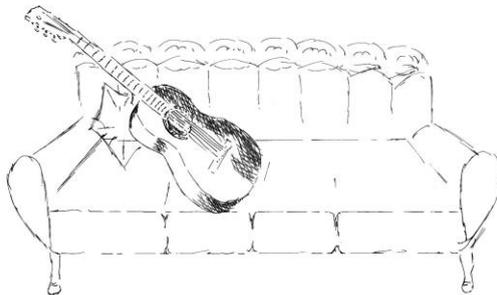
de Mariana a levou, tornou-a inexistente. Então Estevão sofre os próprios pensamentos.

A sala de música dá para o jardim. Está separada dele por um vidro que se abre dando ampla passagem. Era uma parede comum, Mariana sugeriu fazê-la assim. Ele chegava e encontrava-a no tapete com o violão. Sentava-se na grama e esperava. Sabia como era importante para ela a arte e respeitava minuciosamente, não queria perturbá-la nem mesmo quando ela tocava por passatempo. Ela o via, sorria, punha de lado o violão e esperava para envolvê-lo. E o tapete os envolvia e os dois se perdiam nele.

Agora Estevão está ali sobre o tapete com o fantasma de Mariana. Ele compreende subitamente: Mariana construiu esta planície para aprisioná-lo nela. Não cumpriu o combinado, roubando-lhe a liberdade, aprisionando-o em sua própria paixão.

O violão. Corre até a sala, pega-o e bate-o contra o mármore da mesa. A madeira rachando, cordas se arrebetando, enchem o ar de ruídos, quebrando o silêncio da casa. As partes se espalham pelo chão. Depois o quadro, o incompreensível quadro, se transformando em trapos. Só então, ofegante, entre pedaços de arte, o barulho ecoando nos ouvidos, pôde perceber o significado de tudo: de ser capaz de desfazer-se das coisas que amava, por sentir-se aprisionado nesse seu amor. Por isso Mariana o deixou, para restituir-lhe liberdade, sua maneira de ser.

Agora Estevão está ali sentado, sentindo sobre si esse desamparo, como se fosse ele próprio, o violão deixado sobre o sofá.



A Capital

Manhãzinha. O tal de João-da-canoa - conhecido assim por ser dono da melhor canoa que tinha por ali e que todo mundo, uma vez ou duas, já tinha precisado dela emprestada - morador da barranca do rio, chegou cedinho na estrada. Achou melhor ir, aproveitar que não era lua para ficar abrindo rede no rio. E foi.

O caminhão chegou no horário. A mulher do João, quando passou a sacola, lembrou-o de não se esquecer das calças dos meninos e dos anzóis. O Zé-da-venda vinha na boleia, reservada desde ontem. No caminho, estrada mansa, aproveitando o varjão do rio, tiveram tempo para conversar.

O caminhão leiteiro, gentil, deixou-os na rodoviária. De tardinha chegaram os dois na Capital. Aí cada um viu que tinha errado um pouco, de ter vindo com tanta pressa e fora de hora. O João-da-canoa - que pouca gente sabe do jeito que ele sabe, segurar o piau um tempão, até ele se entregar de cansaço e sem deixar escapulir - foi o primeiro a querer se desculpar:

- Eu já vi falar do sete-de-setembro. Mas nunca vi falar que por causa disso ia atrapalhar a gente arranjar o documento. Mas o que é, de verdade, o sete-de-setembro?

O Zé-da-venda, escutador da conversa de todo tipo de pessoa, quis saber explicar:

- O sete-de-setembro é quando um país deixa de ficar sendo do outro.

- ?

- É igual quando o filho não fica mais precisando do pai. Aí o pai também não tem mais direito de mandar na vontade do filho e o filho fica sendo dono dele mesmo.

- E depois o filho não tem mais que ficar respeitando o pai?

- Tem, se achar que precisa.

O João-da-canoa, que por enquanto quis ser chamado só de João, sô João, Sr. João, foi alargando o conhecido, com devagar, para não se perder. Primeiro, o cinema em frente ao hotel. Antes, estudou, conheceu. Depois foi. E quando saiu, saiu atônito. Mais do que tinha ficado quando chegou de repente na cidade e viu o tamanho dos prédios, os automóveis, o tanto de gente. Lá no cinema era ainda maior. Saiu sem ter compreendido direito,

porque as pessoas falavam de um jeito diferente, não dava para entender palavra. Embaixo vinha escrito do jeito que ele sabia, mas era muito depressa para um menino de só até o quarto ano do grupo.

- E até onde vai, Zé-da-venda, o país?

O Zé-da-venda aproveitou a resposta prontinha que tinha ouvido um viajante falar:

- É tão grande, que todo o tempo que a gente já viveu e que vai viver, andando por ele, ainda não dá para chegar.

- É, Zé-da-venda, olha pro lado de lá que já vem vindo qualquer novidade.

E veio. Só era coisa boba, sem importância. O de verdade, o bom de ver e não esquecer mais, seria amanhã. Aquilo agora, de repente, era ensaio de colégio, com um pouquinho de gente sem-nada-pra-fazer olhando. Mesmo-mesmo, amanhã é que será.

Deveras. E tudo parecendo a história da vida de uma porção de gente, crescendo e envelhecendo. Primeiro os meninos do grupo. Quantos! Depois, colégios e colégios, em marcha compassada, com meninas na frente levando bandeiras, fazendo evoluções. E soldados, armados para a guerra, compondo palavras, fazendo a gente imaginar um rio verde e reto, deslizando pachorro no meio do povo. Choveram papéis. Passaram bandas tocando dobrados, com um cachorrinho enfeitado no meio dos músicos, sabendo bem se esquivar dos passos deles, só não sabendo como sair dali. Mas de tudo, o mais bonito foram os cavalos: asseados, ajazados.

- Que beleza!

Por fim, o povo comum também enrabichou por trás da última banda, quebrando a harmonia das fileiras, multicolorindo a rua. Foi rio revoltado que escoou e secou, quando o sol era meio-dia. Muito bonito.

Manhãzinha. A família do João-da-canoa, sobreavisada, veio esperar. A mulher, o menino pequeno, a menina do meio e o menino maior. No caminho, acompanhando o passo da mulinha bagageira, conversaram:

- Precisava ver, filho, o passarinho que eu vi... Mais de um... Uma porção... Quis trazer...

O menino menor correu na frente para espantar o João-de-barro que amontoava barro no tronco sul da mangabeira da porteira.

- Trouxe um presente, filhinha, uma boneca que sabe chorar.

Na porta da casa esperava um comício de capiaus que queriam porque queriam ver o João-da-canoa chegadinho da Capital.

- Pois então, João-da-canoa, de que jeito é a Capital?

O João-da-canoa esperou para pensar. Olhou os meandros do rio, que ia e voltava, querendo ilhar um pedaço do chão. Depois, imensos campos pardos e aqui e ali, pontos esverdeados de brejos e cerradões. Só muito longe é que apareciam os primeiros morros, um, dois, até chegar no azul nevado dos contrafortes da Babilônia. Para baixo, o rio ia e ia, muito tempo, até sumir de distância. E aí dentro, que tanto de peixe era capaz de ter? Só depois de ter pensado isto é que o João-da-canoa resolveu falar.

- A capital é um pedacinho do outro país, dentro do país da gente.

O rio riu, e o mundo se estendeu, até ficar nunca mais...

Papéis de embrulho

Teria que ser um presente especial, algo que Juliana nunca tivesse imaginado ganhar. Não devia ser dispendioso, para não dar a impressão que ele o valorizava por esse empenho. Tinha que ser algo que a contentasse por mostrar que Dante sabia que Juliana tinha afeição pelo presente, demonstrando que ele se preocupava em conhecer os desejos dela.

Juliana tinha fartura de amigos. E os tratava com o mesmo tanto de atenção. Causava admiração ver sua disposição para esse dedicado cuidar. Atendia com agrado às intenções dos que queriam dela se aproximar. Era bela e tinha uma personalidade convidativa, agradável em seu estar, sorria a um simples olhar para ela, ameaçando dizer-lhe alguma coisa.

Dante memorizou vitrines. Precisou de olhos femininos para ver detalhes. Marisa o socorreu e fez uma lista mais restrita, ajuda inestimável. Selecionaram três. Aí divergiram, ele foi indelicado com a disposição de ajuda de Marisa. Abraçou-a e beijou-a num sincero agradecimento. Disse a ela que deixaria fermentar a decisão.

Enquanto Juliana não chegava, parecia que todos a esperavam para começar a diversão. Dante sempre se assentava onde houvesse uma cadeira vazia ao lado, quem sabe ela viesse assentar-se ali. Quando ela aparecia, vinha por trás de cada um, inclinando-se para beijá-lo no rosto e afagar sua cabeça e aí demorava um pouco, com uma breve conversa. Ele levantou-se para beijá-la. Ela colocou as duas mãos em seu rosto, uma de cada lado, contemplando-o e sorrindo e disse-lhe algumas coisas carinhosas.

Um dos presentes que haviam selecionado era excessivamente pequeno, ficaria perdido no meio dos outros. Outro era grande e pesado e daria um embrulho disforme. O terceiro era o melhor, ficaria bem acomodado em um caixa de tamanho médio, geométrica.

Na véspera de seu aniversário Juliana ligou para enfatizar o convite. Marisa disse a Dante que Juliana aceitaria namorar alguém do grupo e decidiria isso na comemoração de seus anos.

Marisa era a amiga de Juliana que mais se aproximava das intimidades dela.

Juliana completaria vinte e cinco anos. Dizia que seriam suas bodas de prata com a vida. Uma característica dela é que criava essas situações inesperadas, diferentes do cotidiano de todos. Era um ponto para os que a admiravam, ela não se afetava por modismos, comportamentos padrões. Tinha suas próprias situações, como se inventasse permanentemente sua vida. Suas dedicatórias a seus amigos em sua rede social eram infrequentes e quando o fazia todos queriam saber do que se tratava, o que ela havia dito.

Dante confiou a Marisa a tarefa de fazer o embrulho. Mas escolheu um papel com listras azuis sobre um fundo laranja. Queria que as cores complementares causassem uma atração, já fazendo admitir nessa primeira impressão a singularidade desse presente. Ao mesmo tempo, na complementação dessas cores, seu encontro. Marisa confidenciou a Dante que Juliana deixaria para abrir por último o presente de seu escolhido, mais um cerimonial de seus caprichos.

O modo gentil como Juliana tratava os amigos não deixava perceber por quem ela dedicava interesse. Dante procurava observar e comparar suas gentilezas. Com cada um ela manifestava um jeito particular de agrado. Gabriel era o único que impunha a Dante ciúmes de Juliana. Ele tinha os cabelos revoltos e ela gostava de passar as mãos sobre eles, como se quisesse amenizá-los. Gabriel a tratava com comédias, fazendo-a rir. Dante preferia agradá-la com conversas que a convidavam à reflexão.

Uma fita branca amarrando o papel de presente seria melhor que fita adesiva, assim o papel não precisaria ser rasgado na hora de abrir. Por fim ele deixou no presente um pouco do perfume que usaria no aniversário, sabia que Juliana gostava desse odor. Queria que ela levasse a companhia desse cheiro para a intimidade de seu quarto.

Juliana veio abrir-lhe a porta. Ela o abraçou e ele correspondeu com o braço direito apenas, pois com o outro segurava o presente, ainda meio escondido. E enquanto sentia a suavidade de seu rosto se apertando junto ao seu, de um jeito novo, mais forte, observou que havia sobre a mesa entre os

outros presentes, uma caixa de tamanho médio, embrulhada com um papel laranja com listras azuis, amarrado com uma fita branca.

Quando lhe entregou o embrulho, ela percebeu a equidade. Colocou-o mais atrás na mesa, escondido entre os outros e o que lá estava ficou mais à frente. Queria diferenciá-los?

Essa coincidência era improvável, desafiava a matemática. Havia nela uma intenção, um zelo programado. Marisa era a única que sabia, pois foi quem embrulhou o presente, deu o laço final. Sem dúvida havia um feminino interesse, uma tentativa de desenhar o final desta estória. Queria saber se Juliana tinha certeza em sua decisão? Entre seus pretendentes preferidos? E por isto quis confundi-la com os presentes aparentemente iguais?

A irmã de Juliana, no poente da infância, rodeava os presentes. Revivia sua criancice, a mágica surpresa que cada um desses agrados trazia. Percebeu os embrulhos gêmeos e mostrou-os a Juliana:

- Ju, tem dois iguais!

Juliana veio fingindo não ter percebido a semelhança. A menina brincou com ela, escondendo atrás do corpo os embrulhos e pedindo que Juliana escolhesse a mão em que cada um estava.

Juliana escolhia. Por fim teve os dois em suas mãos. Dante a observava. Percebeu que Marisa também. Ela, como ele, queria saber se Juliana conseguiria diferenciar as caixas e deixa-las na ordem em que deveriam ser abertas. Ou, se estivesse ainda em dúvida em sua escolha, deixaria que o acaso desenhasse seu destino.

Juliana aproximou cada um dos presentes ao seu rosto, dando-lhes um beijo, demonstrando prazer em fazer isto, pois até fechava os olhos quando beijava as caixas, com carinho. Depois colocou-as sobre a mesa, não juntas, e sim reservando uma distância.

Certa hora Juliana diminuiu o volume da música e sua mãe veio despedir-se dos convidados. Prepararam-se para sair. Juliana foi à mesa onde estavam os presentes, abrindo-os e agradecendo com seus afagos, em seu ritual.

Pegou um dos embrulhos laranja com listras azuis. Desatou o laço. Não era o presente de Dante. Era o de Gabriel. Ela colocou as mãos em seu rosto, uma em cada face, como fazia,

subjugando o outro ao seu olhar, ao seu carinho. Marisa olhava para Dante com um arremedo de sorriso. A irmã de Juliana se divertia com os papéis de embrulho que iam sobrando dessa cerimônia. Ia dobrando-os, como se quisesse aproveitá-los em outro momento.

Juliana com sua graça, se despedindo e já propondo um novo encontro. A mesa foi se descolorindo e o laranja listrado de azul foi se impondo. Marisa e Gabriel ficaram ali um pouco, esperando Dante, por cortesia. Juliana abriu o embrulho com cuidado, desatando o laço, beijou o presente e disse:

- Obrigada, Dante, é lindo. Tem até o teu perfume!

E o abraçou. Ele sentiu a consideração. *Even a Fool Can See* começou a tocar, Juliana gostava dessa música. Teria programado para que ela tocasse exatamente nesse momento?

Enquanto Juliana o abraçava, Dante viu que Marisa e Gabriel saíam, para deixa-los a sós. Enquanto iam, percebeu nas mãos de Marisa e de Gabriel um tímido desejo de se tocarem...



A metamorfose

- Marcel!!!

Marcel acordou assustado com a mãe na porta do quarto gritando seu nome e percebeu que tinha se transformado em mulher. O vestido curto, as meias calça semitransparentes, mais parecendo uma delicada tatuagem, as unhas dos pés e das mãos pintadas de esmalte, os seios salientes, mesmo que em sua maior parte postigos. O mais que conseguiu foi levantar um pouco a cabeça para constatar-se nessa situação.

Beatriz pegou a chave que estava do lado de dentro da porta e fechou-a por fora. Marcel a ouviu chorando compulsivamente perto da porta, afastando-se em seguida.

Ele chegou de madrugada, tinha bebido muito na véspera. Alcoolizado, perdeu o sentido do caminho, veio para casa ao invés de ir para a quitinete de sua amiga, para onde ia quando estava montado de mulher.

Marcel olhou para o quarto, queria ter certeza que estava nele. Quando acordou teve a impressão de estar sonhando com a mãe, chamando-o e batendo na porta de seu quarto. O álcool não tinha se depurado de seu sangue. Não teve disposição de levantar. A cabeça doía, o estômago enjoava. Olhou para si, não acreditava que pudesse estar assim. Os pés ardiam, por ter dançado com os sapatos de saltos altos que ele sequer havia tirado para dormir. Com algum esforço conseguiu tirá-los, um pé ajudando o outro.

O choro da mãe voltou para perto da porta, o quarto de Marcel dava para a sala de jantar. Ouviu a voz do pai. Ele estava nervoso por Beatriz não querer lhe dizer o motivo de seu choro. Dizia a ela que não iria trabalhar, que ficaria ali até que ela lhe falasse. Ligia, a irmã, veio se ajuntar ao pai nessa curiosidade e interrogatório da mãe. Pôs de lado sua mochila e disse que também não iria para a escola. Beatriz tentou convencê-los

dizendo que depois conversaria com calma, que era coisa da idade, da menopausa, quem sabe uma depressão. Não acreditaram. Essas coisas não aconteciam tão subitamente. Beatriz não resistiu à tortura. A imagem de Marcel a machucava e cada palavra do marido e da filha traziam de volta essa lembrança. Não havia também porque esconder coisa que cedo ou tarde eles saberiam. Então contou a eles, chorando, o que viu.

- Seu filho da puta, abre esta porta! – o pai enfurecido chutava e batia com o ombro na porta do quarto de Marcel.

Marcel estremeceu. Nem se lembrava que tinha trancado o quarto, nunca o fazia, todos na casa respeitavam a intimidade dos demais, anunciando-se antes de entrarem. Marcel nunca tinha apanhado do pai. Não dera motivo. Foi um menino respeitoso e obediente. Nem com outros meninos brigava. Quando um amigo vinha brincar fingindo esmurrá-lo, ele se protegia com os braços ao lado da cabeça, não se posicionava anunciando revide.

- Filho da puta, abre esta porta!...

A porta resistia. Era de madeira maciça, a casa era antiga. Beatriz suplicava para que Durval se acalmasse, que deviam conversar, que bater em Marcel não resolveria o problema. Durval foi chutar outras coisas da casa.

- E se algum vizinho viu ele entrar?

- Ele chegou de madrugada. Se alguém viu deve ter pensado ser Ligia – a mãe tentou amenizar.

- Ele vai aprender! Ah, vai! Quem foi que ensinou isso a ele? Em nossa família não tem nenhuma bicha.

- Nem lésbica – completou Ligia.

Danilo, o irmão mais velho, desceu a escada correndo.

- Que aconteceu, mãe?

O pai não esperou que Beatriz dissesse qualquer coisa:

- Você já sabia, não é? Por que não nos contou, seu bosta!

Os passos do pai foram em direção onde estava Danilo.

- Durval! – Beatriz advertiu.

- Cara, por que você não contou para nós? – a voz do pai tinha agora um tom suplicante, não mais de intimação e sim de subserviência.

- Mãe, o que ele está falando?

- Que teu irmãozinho é um traveco – adiantou-se Ligia – e que você já sabia disso, eu também acho que sabia sim.

Marcel ia imaginando as cenas. A porta de seu quarto tinha uma bandeira que estava aberta. O som de fora podia ser ouvido com facilidade. Marcel percebia a distância de onde vinha cada voz, até conseguia saber de quem eram os passos, embora nunca tivesse prestado atenção nisso. Nos momentos de silêncio, vislumbrava a perplexidade deles. Com certeza olhavam para o chão, desconsolados.

- Mãe, já perguntou ao Marcel se ele foi a alguma balada de fantasia, de *drag queen*? Se foi alguma brincadeira?

- Que merda é essa?! Filho meu não se veste de mulher nem de brincadeira! Vai me dizer que você também já fez dessas coisas?

De novo as vozes se silenciaram. Ouvia-se apenas um tilintar de talheres, a porta da geladeira abriu-se e se fechou, veio um cheiro de café.

- Vamos resolver isto Durval – a mãe estava ao lado da janela, não era ela quem preparava o café – deve ser coisa da idade, logo ele vai ficar adulto e esquecer disso.

- Que merda, nunca imaginei que teria um boiola em casa! – o pai estava mais distante, talvez no sofá da sala.

Ligia havia subido a escada, estava com seus sapatos de meio salto. O ritmo era próprio dela. Então era Danilo que tomava o café, seguindo sua rotina da manhã, indiferente à tempestade. Era oito anos mais velho que Marcel, carregou-o no colo como um filho. Tratava-o com o zelo da proteção desde pequenino e depois porque tudo Marcel vinha pedir sua opinião. Como se pedisse autorização para fazer isto ou aquilo. Coisas que nem perguntava

ao pai ou à mãe. Danilo sabia sim que Marcel tinha uma delicadeza, uma afeição pela feminilidade. Compreendeu que essa decisão era peremptória, Danilo tinha alguns amigos gays. Não o repreendia, apenas demonstrava de forma velada que percebia sua inclinação:

- Ê... Marcel!

Danilo levou as coisas para a pia. Subiu a escada correndo e em minutos voltou. Deve ter vindo beijar a mãe que continuava ao lado da janela, Marcel sentiu o exagero de seu perfume.

A porta da sala se abriu.

- Mãe, se precisar de alguma coisa me liga.

Os sapatos de Ligia desceram a escada.

- Vai, minha filha!

Os sapatos vieram até a porta do quarto de Marcel.

- Marcel, viu o que você fez? Está satisfeito? Por que você não vem aqui ver como está o pai?

Nem precisava. Marcel conhecia o jeito do pai quando ele estava aborrecido. Quando o time perdia um jogo importante, quando um filho estava doente. E quando Marcel ainda era bem pequeno e pedia ao pai um brinquedo caro que o pai não poderia comprar. Também se lembrava de seu jeito feliz, quando iam passear com ele, quando ele os levou pela primeira vez na fazenda da tia Augusta e quis que eles aproveitassem tudo que poderiam ali fazer: andar a cavalo, passear de barco, nadar na represa.

Ligia foi para perto da mãe e sussurrou algumas coisas. Marcel esforçou-se para ouvir o que ela dizia, só entendeu frases dispersas, sem sequência: “Meu sapato...” “Sei o jeito que guardo minhas roupas...” “Pensava que fosse a senhora...” Ligia teria percebido que Marcel mexia em suas roupas? Quando Marcel estava sozinho em casa ia ao quarto de Ligia e vestia as roupas dela para admirar-se no espelho. Queria ver-se com todas elas.

- Vai Ligia, vai perder a aula!

Ligia se foi.

- Você mimou demais seu filho, Beatriz!

- Durval, quem é que queria brigar com o pai do menino que um dia bateu no Marcel na rua? Criamos Marcel e Danilo do mesmo jeito, então por que Marcel...

O telefone tocou. Beatriz foi atender. A pessoa que ligou foi gentil com ela, ela agradeceu mais de uma vez.

- Durval, é Nestor.

Nestor era o chefe de Durval. Queria saber o motivo do atraso dele no trabalho. Durval era bom funcionário, era simpático e vestia-se bem, o chefe contava com ele para contatos com clientes. E nesse dia tinham tarefas agendadas inadiáveis.

- Não, meus filhos estão bem! Não tenho problemas com eles não...

O sangue de Durval ferveu. Veio em direção ao quarto de Marcel.

O corpo inteiro de Marcel doía. Qualquer tentativa de movimento o torturava. O simples pensar em mexer-se antevia a dor. Não era normal. Já tivera muitas ressacas e apenas a cabeça doía. Marcel estava muito tenso com o que se passava, os músculos contraídos, decerto por isso doíam tanto. Não conseguia relaxar-se. Se o pai entrasse e batesse nele aí sim é que doeria de verdade. Marcel antevia e sofria precipitado.

Beatriz correu para conter Durval. Ela também não queria que a porta se abrisse. Se Durval entrasse ela teria que ficar entre ele e Marcel, e do modo que ele estava enfurecido, como ela nunca o tinha visto, bateria nela também.

- Você também já sabia, não é, Beatriz? Ele já veio aqui desse jeito, não foi? Por que o Nestor me perguntou se eu estava tendo problemas com meus filhos? Tem gente aqui da rua que trabalha na empresa, foi isso?

Beatriz passa mal e assenta-se no chão. Só assim Durval se conteve para ampará-la, levando-a para o sofá da sala. A talha

verteu água. Houve um silêncio. Os dois deviam estar lado a lado. Ele falava com ela, a voz vinha distante. Estavam os dois lá no sofá.

- Que merda!

- Vai, Durval!

Os passos do pai voltaram em direção ao quarto. Agora era uma marcha. Uma marcha militar. Parecia que propositalmente ele batia os pés no chão, descarregando sua raiva. Marcel imaginou um soldado se aproximando, decidido em guerra. As botas pesadas, os joelhos se levantando alto antes de darem o próximo passo. Os braços em riste, as mãos fechadas apertando fortemente os dedos.

Marcel puxou a colcha por sobre a cabeça. Encolheu-se em posição fetal. Fosse o que Deus quisesse. Apenas imaginava o quanto pesava a mão do pai.

- Marcel, ou você vira homem ou vai embora dessa casa! Não quero viado morando aqui. Está me ouvindo? Está me ouvindo Marcel?

Marcel achou que não seria capaz de falar pelo tanto que seus músculos estavam contraídos. Que nenhuma voz sairia, por mais que se esforçasse, ou que sairia apenas um ruído estranho, o grunhido de um bicho, não a enunciação de qualquer palavra.

- Está me ouvindo, Marcel?

- Tô...

O pai se foi.

Marcel sentiu o tremor da porta da sala se fechando. Aliviou-se. Boa parte da dor do corpo foi-se embora com o pai. O silêncio veio demorado. Marcel se preocupou com a mãe e fez um novo esforço para levantar-se. Sentia-se um pouco melhor, mas ainda havia um desejo grande de ficar ali imóvel. Ouviu um barulho na cozinha. A mãe estava preparando o café.

Ainda estava com sono. Quem sabe se dormisse mais um pouco ficaria melhor. O pai só voltaria no final da tarde. Lembrou-

se da boate. Queria entender por que veio para casa. Teria brigado com a amiga?

Marcel e sua amiga se montaram juntas. E se ajudaram com a maquiagem. A amiga resolveu abrir um uísque, para já irem se animando para a balada. Estavam felizes porque tinham renovado com a boate sua participação nos *shows*. Lembrou-se de ter colocado para tocar *Drive By*, uma música que ele gostava de dançar. Na boate pediram outras bebidas, Marcel não se lembrava do que eram e quantos *drinks* haviam tomado. A última coisa que recordou foi do momento em que avisaram que ele devia entrar para dançar, depois disto apenas *flashes* de lembranças: as pessoas que o abordavam para dizer alguma coisa ou fazer uma *selfie*, um rosto sorrindo, um beijo.

Beatriz veio à porta do quarto:

- Marcel, você já se vestiu?

- Estou vestido, mãe!

Ele não tinha ainda acumulado forças para trocar-se.

A mãe abriu a porta, encostou-se no batente e ficou um tempo olhando admirada para Marcel. Como se ele fosse um estranho na casa. Fez gestos de que queria chorar.

- Para, mãe!

Beatriz veio assentar-se no pé da cama. E ali ficou mais um tempo quieta observando Marcel. Seus pés com as unhas pintadas e bem cuidadas. Percebeu que ele devia frequentar a manicure. As pernas depiladas. No umbigo havia um *piercing*. Beatriz nunca o tinha visto. Marcel, ao contrário de Danilo, nunca andava sem camisa em casa. Os seios ressaltados pelo acolchoado postiço, Beatriz já adivinhou que ele estava tomando hormônios. O batom, a pintura sobre parte das sobrancelhas, tentando amenizá-las. Ensaiou falar algumas vezes. A voz não se apresentou, ficou contida. Adiantaria perguntar? Beatriz admirou-se, mesmo em meio a essa tristeza, do quanto seu filho era bonito.

- Por que você não me disse, Marcel, podia ter te levado para um aconselhamento.

- Mãe, não é nada disso, não estou precisando de ajuda. Não quis te preocupar, ia te dizer quando eu tivesse um emprego e fosse morar sozinho, assim o pai nem precisava saber.

- Cuidei de você com todo cuidado. Fiz alguma coisa errada? Pode me dizer. Logo você vai ser independente, eu não vou decidir mais nada por você. A última coisa que queria fazer por você é te ajudar.

- Não estou precisando de ajuda, mãe. Nunca estive tão bem. Não é nada do que você está pensando, tenho amigas que já passaram por isto e elas me contaram que depois tudo foi se acertando com os pais delas. Se quiser pode conversar com a mãe de uma amiga minha.

- São essas companhias, Marcel! Você devia se afastar dessas pessoas, procurar outros amigos. Se quiser peço para tia Augusta para você ficar com ela um tempo.

Tia Augusta morava no interior. Numa cidade pequena. Marcel quando criança adorava ir lá na fazenda, ver coisas que nunca tinha visto, o carro-de-boi, a porca com uma penca de porquinhos. E as frutas que comia colhendo-as direto do pé, onde só por subir nas árvores já era uma grande diversão. Como iria, agora que cresceu, se divertir naquele lugar? Lá nem tinha boate. E conhecer pessoas como ele? Tinha amigas que vieram para a capital por não terem em suas cidades a liberdade de manifestarem sua preferência.

- Mãe, já tenho minha vida aqui. Não é isso que vai me mudar.

- Vem tomar o café.

- Vou descansar mais um pouco, ainda não estou bem.

Beatriz trouxe umas coisas para Marcel na bandeja. Ele se recostou e aceitou o lanche.

- Marcel, quando você acabar de comer tira essa roupa.

Antes do entardecer Marcel preparou-se para ir. Levou uma mochila. Disse à mãe que depois voltaria para pegar outras coisas. Quando saiu, a mãe estava assentada no sofá da sala, contemplativa. Marcel a beijou. Ela apenas fletiu a cabeça para receber o beijo e voltou à sua desilusão. Quando Marcel abriu a porta da sala ela começou a chorar. Marcel voltou e assentou-se ao lado dela.

- Mãe, não estou indo embora para sempre, vou voltar muitas vezes para te ver, tá bom?

Beatriz fez um sinal de asserção, colocou a mão sobre a perna de Marcel.

- Promete que vem?

Marcel se foi.

Foi morar com sua amiga. Ela já lhe havia oferecido esse abrigo. Sabia por experiência que isso era inevitável, que Marcel um dia seria forçado a esse exílio. Marcel protelava por carinho com a mãe, principalmente. Beatriz veio visita-lo muitas vezes. Trazia coisas. Era discreta e breve. Evitava perguntar sobre a vida social de Marcel. E Marcel ia também ver a mãe em sua casa, no horário de trabalho do pai. Aí sim Beatriz perguntava muitas coisas a ele, se ele continuava indo ao médico para tomar os hormônios femininos, se exigia que seus parceiros usassem a camisinha, se evitava frequentar lugares perigosos, se bebia com prudência...

Marcel aproveitava para rever seu quarto. O quarto permanecia. O quarto de Marcel. Ninguém teve a precipitação de sugerir o que fazer dele, a volta de Marcel era constante possibilidade. O quarto era a permanência dele ali, como se não tivesse ido embora. No dia dos pais, Beatriz, ao descer a escada, surpreendeu Durval saindo do quarto de Marcel. Ela nunca o tinha visto lá. Durval mostrou-se sem jeito, passou por ela cabisbaixo e subiu a escada em direção a seu aposento.

Além de tia Augusta, Beatriz tinha outra irmã, Elizabeth, bem mais jovem que ela. Tinha quase a idade de Danilo. Beth gostava de sair à noite, era solteira. Beatriz pediu a ela que fosse vigiar Marcel. Temia que ele se tornasse um profissional do sexo e nunca teve coragem de conversar esse assunto com ele. Marcel gostava muito de Beth e facilitava que ela entrasse em boates que ele frequentava e na que trabalhava como dançarino. Beth insistiu para Ligia ir com ela ver Marcel fazer sua performance na boate. Ele dançava junto aos rapazes no palco. Ligia concordou, mas disse que preferia que Marcel não soubesse. Elas ficaram no mezanino e quando o *show* de Marcel com os *boys* começou ela ficava balançando a cabeça em sinal de negação. Não era por reprovação a Marcel, e sim por admiração de vê-lo nessa representação tão perfeita de uma mulher. Beth foi contar a Beatriz que Marcel adotara o nome de Renata e que na boate o conheciam por esse nome.

Passaram-se dois anos. Seria o aniversário de Marcel, a mãe insistiu que ele fosse comemorar em casa.

- E o pai?

- Ele não vai falar nada com você.

Marcel foi comprar roupas masculinas. Só tinha roupas de mulher, mesmo as calças jeans e as camisetas tinham denunciados toques femininos. Experimentou uma camisa social. Sentiu-se ridículo. Decidiu ir com uma calça jeans convencional, camiseta e tênis. Os cabelos, que estavam compridos, ele os esconderia debaixo da camiseta, colocando a aba do boné para trás, por sobre a nuca. A sobrancelha poderia ser pintada, para ficar um pouco mais grossa. Marcel e suas amigas se divertiram com essa “montagem” de homem.

A mãe fez o bolo que Marcel gostava, repleto de morangos. Marcel veio um pouco mais tarde, a irmã chegaria da faculdade e o irmão viria com a namorada, que também trabalhava até o início

da noite. Ficou conversando com a mãe na sala e quando os outros chegaram foram para a sala de jantar.

- E papai?

Beatriz disse que ele já havia jantado e estava no quarto. Mas sua voz denunciou seu sentimento, mostrou que ela pretendia chorar. Ela se levantou e foi à cozinha dizendo que já ia buscar os salgados. Perceberam que ela enxugava as lágrimas. Ligia levantou-se e veio por trás da cadeira de Marcel e o abraçou, dizendo:

- Parabéns, maninha!

Danilo e a namorada riram. Ligia permaneceu abraçada a Marcel, colocando seu queixo sobre a cabeça dele. Beatriz voltou à mesa trazendo uns pratos. Danilo brincou, fingindo dar murros no braço dela e dizendo:

- Vai, dona Beatriz, se defenda!

Beatriz se animou e sorriu.

Danilo veio mostrar para Marcel em seu *notebook* fotos suas e da namorada, de uma viagem que haviam feito recentemente. Conversaram sobre amizades antigas comuns e Danilo deu-lhe notícias de como eles estavam.

- Vamos logo com essa festa que ainda vou sair com minha gata! – disse Danilo. A namorada de Danilo estava na sala conversando com Ligia.

Não cantaram os parabéns. Marcel cortou o bolo. Deu o primeiro pedaço para Beatriz. Ligia, que estava ao lado dela, pegou o prato e o levou, subindo a escada. O sapato que ela usava era muito bonito. Marcel o tinha visto em uma loja. Até pensou em comprá-lo. Admirava o gosto da irmã com suas roupas.

Os quatro permaneceram em silêncio vendo Ligia subir os degraus. A porta do quarto dos pais se abriu. Ligia falou alguma coisa. Esforçaram-se para ouvir o que ela dizia. Ela falava com determinação. A porta se fechou. E os sapatos vieram descendo a

escada, elegantes. Eles olhavam para ela, apreensivos. Ligia não trazia de volta o bolo. Logo percebeu que olhavam para ela.

- Que foi?!

- Aê... Marcell...

Beatriz insistiu para que Marcel dormisse lá. Ele aproveitou para admirar seu quarto. Sentia saudades dele. Vivia mudando de endereço à mercê dos valores dos aluguéis e das vontades das amigas com quem dividia as despesas. Ali era seu verdadeiro quarto, embora o ocupasse apenas com sua ausência.

- Marcel!

Marcel acordou assustado com o pai na porta do quarto chamando-o. Num reflexo colocou as mãos no peito. Achou que estava descoberto. A colcha cobria os seios que já passavam do tamanho da metade de uma laranja. Marcel percebeu-se com o pudor feminino, preocupado em esconder o corpo do pai. Será que ele queria conversar sobre sua decisão? Ainda queria bater nele?

- Pode entrar, pai.

- Você está bem?

Marcel demorou a responder. Estaria sonhando? Não acreditava que era o pai que falava com ele.

- Tô...

Uma nova demora. O pai parado na porta do quarto olhava para o chão e de vez em quando olhava para Marcel rapidamente, retornando o olhar para baixo. Decerto quis dizer algumas coisas. Deve tê-las dito em silêncio.

- Estou indo trabalhar... Tiau...

- Tiau, pai.

A porta do quarto se fechou. Os passos foram se distanciando em direção à sala. Agora eram passos de um soldado cansado, voltando de uma batalha. Duas vezes ele parou, como se recuperasse as forças. A passagem era desimpedida, não havia nada que o obrigasse a parar. Deve ter parado por alguma

indecisão, desejou voltar? Para falar para Marcel as coisas que falou apenas para si?

Renata sentiu o peso desses anos se desvanecer. Sendo levado embora pelo pai. Retirou a coberta e ficou admirando seus seios. Em breve poderia colocar o silicone. Antes falaria com a mãe. Ela sofreria. Mas aproveitaria para falar com ela sobre o cirurgião, Beatriz certa vez queixou-se de alguma coisa em seus seios. Quem sabe ela iria consultá-lo também. Seria melhor esconderem do pai por mais alguns anos. Escolheria uma prótese pequena, Renata era franzina, não ficaria bem com peitos muito grandes. Poderia escondê-los usando uma camiseta folgada e um casaco, quando viesse em casa e o pai pudesse vê-la.

Ao dançar, mostraria os seios em meia lua, criando expectativa. Renata fingiu com a colcha, como se fosse seu vestido. Um vestido negro com adornos vermelhos. Os holofotes sobre ela, brilhando suas joias. Os *boys* assediando-a, ela indiferente a esses agrados, interessada apenas na admiração que via nos rostos dos frequentadores da casa, pelos movimentos graciosos de seu corpo.

E o ritmo interminável: tum-tum, tum-tum-tum... tum-tum, tum-tum-tum...

A estória de Rita

A professora queria que contassem estórias, não escrevessem, sim as declamassem na frente da classe. Queria treiná-los com a oratória e para que alguns perdessem a timidez de ficarem assim expostos, no centro das atenções.

- Quem quer começar?

Houve um silêncio de entreolhares. Kaique apontou para a colega do lado:

- Rita!

Ela olhou para os outros, que olhavam para ela, aprovando a sugestão. Rita abaixou o olhar para o caderno em sua mesa, constrangida.

- Rita!... Rita!... Rita!... – todos gritaram. Alguns se levantaram e faziam gestos, elevando e abaixando os braços, para darem força a sua manifestação.

A professora levantou-se, pedindo ordem.

- Esse exercício não é obrigatório. Quem achar que não está preparado não precisa falar hoje. Pode esperar outros falarem para ver como é fácil.

Kaique olhava para Rita, implorando. Ela agora olhava só para ele, admirada com esse desejo dele ouvi-la contar uma estória. Conversavam muito no recreio e se assentavam lado a lado.

A avó de Rita, de quem ela herdou o nome, era escritora.

- Se precisar eu conto o jogo do Corinthians...

Era John Lenon, brincalhão, mas todos sabiam que ele não contaria uma estória interessante.

- Eh, logo esse time! – alguém protestou.

A classe se agitou. Um menino ainda não tinha uniforme e veio com a camisa do São Paulo e mostrou o peito, ostentando-a.

A professora levantou-se. Foi suficiente sinal.

- O Kaique sugeriu a Rita e outros concordaram. Vamos esperar ela nos dizer se quer contar alguma estória?

Assentou-se, Rita caminhou para a frente da classe. Os alunos festejaram, gritando o nome dela, alguns subiram nas cadeiras. O cachorro de Alan, que até então estava deitado ao lado dele, levantou-se e latiu, assustado com essa agitação.

A professora enfureceu-se. Veio à frente, ao lado de Rita, esbravejando:

- Silêncio! Eu vou anotar esse comportamento. Vão à diretoria agora mesmo!

O cachorro deitou-se, encostando as orelhas e o focinho no chão; conhecia aquele tom de voz.

Houve um intervalo. Rita respirou. Kaique a olhou fixo, dando-lhe ânimo.

- Tinha uma menina que já era moça...

Após cada frase, Rita desviava o olhar para Kaique. Ele a olhava com admiração. Sabia que ela fazia interrupções para ver se a estória estava agradando, não por não saber dar-lhe sequência.

- E ela era bonita? – Diogo levantou-se para perguntar.

Todos riram. A professora levantou-se.

- Ela se chamava...

- Rita! – Mateus adiantou-se.

- Não, Rita não.

- Giovana! – propôs Gustavo. Era uma menina de outra classe, de quem ele gostava.

- Pode ser. Então ela se chamava Giovana.

- Ela era muito bonita, era a mais bonita da rua.

A professora levantou-se, por prevenção, antevendo que os alunos se manifestariam após cada frase de Rita.

- Alessandro e Giovana gostavam de voar...

Os alunos se alvoroçaram. Nicolas subiu na carteira e ficou abanando os braços fingindo que ia voar. Isaias saiu correndo de

sua carteira, passou por trás de Rita e entrou pelo outro corredor, com o corpo abaixado e as mãos espalmadas, imitando as asas de um avião. O cachorro latiu aderindo à folia dos alunos. A professora ruborizou-se. Andou de um lado para outro, na frente da classe, esbravejando:

- O que está acontecendo aqui hoje? Eu vou perder a paciência. Isaias, volta para o teu lugar!

Isaias foi, cabisbaixo.

- Alan, se o Ferrugem não se comportar, não vou permitir que o traga mais na escola.

Ferrugem percebeu a menção de seu nome, mas sabia que não era pelo desejo de fazer-lhe um agrado.

Os alunos amenizaram o tom de voz. Para eles fazer silêncio era apenas não gritar.

Rita continuou:

- Gostavam de voar de *para-paint*. Mas Giovana tinha medo de ir sozinha, então ia com Alessandro, agarradinha nele.

- Aí, um dia, os dois estavam conversando. Giovana gostava muito de Alessandro. Gostava muito, muito, muito...

Kaique admirava. Rita teria o mesmo sentimento que ele, já sabia o que era gostar?

- Ela não contou a Alessandro que gostava tanto dele.

A classe se aquietou. A professora olhava, vigilante. Teve orgulho por ter tido a ideia dessa atividade. Percebeu que a estória os comovia. Despertava neles o interesse pela ficção.

- Giovana diria a Alessandro que o amava muito, no dia do aniversário dele. Mas Alessandro também tinha uma coisa para dizer a ela. Ele conhecera outra menina. Ela também gostava de voar.

A professora, admirada, veio à frente elogiar Rita pela correta conjugação verbal, lembrando aos alunos das possibilidades do pretérito.

Rita tinha os olhos grandes. Ressaltavam. Eram redondos, castanhos. Os cabelos desfilavam lisos por sobre suas costas, contidos em um rabo-de-cavalo.

Kaique agora tinha o olhar preocupado. Rita também o olhava, insistente. Tê-lo ali era a ajuda que ela precisava.

- Giovana disse a Alessandro: “Eu entendo”. “Obrigada por ter me ensinado a voar”. Depois ela foi embora e ficou muito triste. Muito, muito, muito...

Kaique fez sinal para Rita olhar o relógio que estava atrás dela na parede. A aula já ia se encerrar. Rita entendeu que a estória precisava caminhar para seu desfecho. Ela aprendeu com a avó que uma estória tinha que ter um final surpreendente, inesperado, que só fosse revelado com as últimas palavras.

- No dia seguinte Giovana voltou sozinha lá na montanha. Queria voar. Ficou um tempo assentada lá, olhando a altura do precipício. Era muito fundo, muito, muito, muito fundo. Quem caísse ali, até chegar lá embaixo teria ainda tempo de pensar...

Os alunos ficaram em completo silêncio, fotografados em seu espanto, curiosos com o que Giovana iria fazer. A professora olhou apreensiva para Rita. Anotou alguma coisa em seu caderno.

Ferrugem ficou de pé, levantou as orelhas, olhou ao redor, assustado com esse súbito silêncio.

- Então o celular dela tocou. Era uma pessoa que precisava muito conversar com ela.

A sirene tocou. Todos riram pela coincidência. Correram para arrumar suas coisas. A professora ia guardando tudo em sua bolsa.

Ferrugem sabia que depois desse apito ninguém viria adverti-lo, dizer para ele se assentar. Correu pela classe, colocando os pés nos quadris dos meninos e das meninas, provocando-os a brincarem com ele, como se tivesse nesse instante se libertado de um jugo.

Muitos se acercaram de Rita, querendo saber como a estória continuaria. Kaique conhecia as estórias dela e ele mesmo respondia:

- A estória acabou! Não tem mais nada! É assim mesmo! Podem imaginar o que quiserem...

A rua vestiu-se com a cor dos uniformes.

A vida das coisas

Na prateleira ficavam esses objetos. Não estavam ali para serem vistos por outros, a estante ficava em seu quarto, onde Vicente mantinha também seus livros preferidos que ele guardava sabendo que deveria relê-los em outro momento de sua vida.

Apenas pessoas que tinham com ele intimidade, a mesma que ele tinha com os objetos, entravam em seu quarto e os viam e perguntavam alguma coisa sobre eles. Mesmo assim Vicente não se estendia nas explicações, a exposição das coisas era para sua própria contemplação, como se quisesse ter a história delas presente em seu cotidiano. Queria um dia reviver essas histórias ou, quem sabe, dar termo a alguma que não tinha encerrado seu curso.

O frasco de perfume veio ocupar parte do espaço que era amplo. Vicente o deixara assim sabendo que sua vida exigiria a guarda de muitos testemunhos. O perfume não fora aberto, Vicente tinha a memória do odor desde o dia em que experimentou a amostra.

Em outro frasco, também bem vedado, estava o termômetro quebrado, que mesmo assim media, feita a correção do mercúrio que dele havia escorrido e a pressão da atmosfera particular desse refúgio, a exata temperatura. Vicente e um amigo de adolescência foram passar o final de semana na serra, desafiando o furor do inverno. A altitude mostrou seu temperamento. Precisaram refugiar-se numa gruta e ali fazer uma fogueira. A neblina havia molhado tudo. Antonio ajoelhou-se e foi ajuntando uns gravetos menores que um palito de fósforo, que ele primeiro secou apertando-os em um pano e depois os foi aquecendo com os fósforos riscados. Os restos desses também foram se ajuntando à fogueira liliputiana até que um relâmpago de vagalume se acendeu e os gravetos cada vez maiores foram esquentando e entrando no ciclo da combustão. Assim eles se

aqueceram. E tiveram coragem de ir até o mirante e ali ficar um tempo, o corpo inclinado contra o vento que os mantinha e lhes dava uma sensação de falta de gravidade. Por fim voaram, estáticos.

O termômetro sobre uma saliência da rocha, comprovando. Um vento veio e o termômetro caiu, quebrando em torno dos vinte graus. O mercúrio estava retraído em seu refúgio. Vicente o colocou em um frasco, sabia que quando descessem a serra, o mercúrio sangraria.

O perfume, hermético, exalava intolerância ao tempo. A impaciência de seu destino. Clarisse o teria recebido não fosse por algumas palavras que para Vicente foram extenso depoimento. Ficou desmerecido, lembrança de uma ingratidão.

A amizade deles florescia. Não haviam ainda prometido cumplicidade. Vicente queria declarar-se a ela, confessar que a amava. Mas sutilmente, apenas demonstrando-lhe a intenção. O perfume o ajudaria a provocar em Clarisse a transparência da disposição dela em recebê-lo. De ter por ele mais que o desejo dessas simples circunstâncias. Queria entrega-lo num momento premeditado, quando o tempo os favorecesse para suas conversações, onde houvesse privacidade para que pudessem exibir seus sentimentos. Vicente a convidou para um jantar, Clarisse aceitou, mas disse-lhe que não poderia demorar. Talvez Clarisse tivesse um compromisso, não se estendeu em explicações. Poderia ter proposto outra data, demonstrado que esse jantar a interessava. Vicente sentiu-se desmerecido e depois passou uma mensagem para Clarisse dizendo que como ela não poderia demorar, melhor deixarem para outro dia.

Na prateleira estava também o origami. Liliane um dia veio com ele, com as mãos para trás segurando-o escondido e perguntou a Vicente:

- Adivinha o que tenho aqui?

Vicente, alguns anos mais velho, desdenhou da criança de Liliane:

- Um sapo cururu!

Liliane não percebeu o deboche, ouviu como uma brincadeira, uma disposição de Vicente dar-lhe atenção, brincar com ela. Vicente queria ser maior, ser adolescente. Os mais velhos, de quem Vicente queria se aproximar, o segregavam: “Vai brincar com a Liliane”. Por isso às vezes ele a evitava, embora gostasse dela, um amor de espera, de imaginá-la com seios, com os lábios pintados de batom.

Liliane se divertia:

- Se adivinhar pode escolher um desejo.

- Que você vá morar no Japão!

O desprezo de Vicente por Liliane tinha um carinho. Ela percebia que ele a insultava com amor. Sua voz era meiga, era uma queixa por ela ser tão menina. Embora ele a tratasse assim, não a deixava só, queria sua presença.

- É um origami, seu bobo!

- E o quê eu quero com isso?

- Pode escolher o que quiser, pode adivinhar com quem vai casar...

Clarisse percebeu o desencanto de Vicente. Mas não se dispôs a qualquer iniciativa, embora tivesse entendido que suas palavras foram deselegantes, secas. Admirou-se pela sensibilidade de Vicente, sua afetação por meras palavras.

O perfume permanecia. Poderia, se aberto, ser um bálsamo para a mágoa de Vicente? Um sedativo para sua ferida? Ou se exauriria com a mesma indiferença de Clarisse, à surpresa que Vicente insinuara fazer para ela?

Clarice percebeu que a intolerância de Vicente ao suposto sentido negativo de uma frase era sinal de que ele a amava. E que tinha criado esse amor em sua solidão, na esperança de tê-la, quem sabe, para ela ser o desfecho das histórias por ele vividas e

que tinham ficado inconclusas. Quando se encontravam se beijavam e trocavam mensagens sobre as novidades do dia a dia. Os dois sabiam que a frase de Clarisse interrompera sua aproximação. Clarisse tinha seu motivo: o compromisso de um trabalho escolar atrasado. E para Vicente um momento programado com afeto e assim desfeito, desprezado.

Vicente colocou o frasco perto do origami. A cor e o odor. Pudesse cada cor ter seu perfume.

Liliane manipulava o origami. As cores se alternando. Todas as cores possíveis. Os desejos imaginados.

- Se adivinhar que cores vão aparecer pode pedir alguma coisa.

Liliane intimava. Vicente percebeu e decidiu inverter a brincadeira.

- Eu abro e você escolhe o que quer.

Liliane fingiu pensar. Olhou para os lados e para cima, com a mão na boca.

- Então tá, vou querer um beijo...

Vicente já imaginava.

- Na boca...

Vicente nunca havia beijado. Embora gostasse muito de Liliane nunca lhe pediria um beijo, por vê-la como uma criança.

- Espera um pouco!

Liliane voltou-se de costas para Vicente enquanto manipulava o origami. Depois entregou-o a ele como se quisesse que ele o pegasse daquele mesmo jeito. Com cuidado, como se fosse um objeto de grande fragilidade. Vicente pegou-o e o manteve na mesma posição.

- Fala as cores.

- Vermelho e azul.

Vicente abriu o origami. Liliane sorriu. Ele tomou a decisão de aproximar-se dela e suas bocas se tocaram. Apenas o sabor dos

lábios, as bocas fechadas, muito mais a satisfação de terem, enfim, dado seu primeiro beijo.

Os livros representavam partes da vida de Vicente e estavam por isso em ordem cronológica. Eram instrumentos de sua memória. Um dia ele percebeu que coisas que havia esquecido lhe eram reapresentadas, revividas, com a releitura dos livros. Suas memórias impressas. A surpresa de uma poesia, a identidade com um personagem. Cada livro podia desencadear a lembrança da emoção vivida naquele tempo de sua vida.

Antonio vinha visitar Vicente. A amizade preservada, seus reencontros eram mais pela rememoração do que juntos tinham vivido que por novas vivências. Antonio se casara e tinha um filho. Quando adolescente tinha a aflição pelo livre arbítrio dos caminhos, das experiências, e Vicente, que o acompanhava nesses exercícios de liberdade, nunca imaginou que Antonio se acomodaria tão cedo ao convívio doméstico, do amor comprometido e da procriação. Clarisse o conheceu e foi ele quem disse a ela que Vicente tinha em seu quarto aquela estante.

Clarisse propositalmente puxava assunto de literatura com Vicente, mas ele nunca lhe disse que tinha esses livros. Tinha-os como coisas de sua intimidade, alguns rememoravam seus amores, como os objetos da estante. Por isto não conversava sobre eles com Clarisse, não queria dar a ela a impressão de que seu relacionamento com ela poderia ser, como os outros, um dia finalizado.

Mas Clarisse queria quebrar essa resistência. Fazer que ele lhe falasse de suas paixões e oferecer-se para ser, quem sabe, a sequência delas.

Em meio a essas coisas estava o HD. Inservível ou prestativo como um cibernético enfeite. Os dados corrompidos, fragmentados. Nele estava o poema que Vicente terminava de escrever para Josiana. O poema que seria sua declaração de amor por ela. A memória de Vicente não o tinha decorado. Se ele

tivesse decidido declama-lo e não o entregar para que ela o lesse, não o teria perdido. Um modo de segurança, um *explorer* em *slave*, e nenhuma lembrança. Os dados esquecidos, perdidos. Um amigo de Vicente era hábil técnico de informática. Abriu-se um caminho, como um passeio no tempo, no passado remoto, em outra dimensão. Lá estavam os fragmentos dos pensamentos, das emoções, como um tempo revivido; palavras dispersas, estrelas num universo imenso desafiando para com elas remontar as constelações.

O poema se chamaria “Tuas palavras”. Vicente queria homenagear Josiana pela delicadeza de seu modo de falar, como se ela fizesse de seu jeito de conversar uma poesia. Ela gostava de literatura e um dia decidiu ler todo o dicionário. As palavras de Josiana eram ternas, teria sido por isso que Vicente se aborrecera com as palavras de Clarisse?

Vicente ia se lembrando, com custo, das palavras do poema. E o reescrevia.

Liliane veio dizer a Vicente que ia mudar-se e brincou:

- Não vou para o Japão!

Mas foi para distante. Anos depois ele recebeu uma carta dela e o convite para seu aniversário de quinze anos. Ele respondeu que não poderia ir, pelos compromissos com o serviço militar. Na verdade estava encantado com as palavras de Josiana.

Vicente recebeu a trágica notícia. Josiana não lhe pronunciaria mais qualquer palavra. Um acidente na estrada. Ele decidiu mesmo assim finalizar o poema, como lembrança dela, homenagem e saudade.

Quando ele fez aniversário convidou os amigos. Por fim foram saindo e ficaram Antonio, a esposa, o filho e Clarisse. Antonio deu a desculpa de que precisava ir porque esquecera o remédio do menino e insistiu para que Clarisse ficasse. Ao despedir-se sugeriu a Vicente:

- Clarisse gosta de leituras, mostra a ela teus livros!

Clarisse lembrou-se do dia em que disse a Vicente que não poderia demorar e quis demonstrar que ficaria o tempo necessário. Vicente compreendeu que deixar de atender à sugestão de Antonio seria deselegante. Antonio queria que Vicente o acompanhasse em seu percurso de vida.

Pela janela do quarto entrava uma brisa fresca de fim de inverno. E o suave odor de alguma flor que já se adiantava à primavera. Vicente assentou-se com Clarisse em sua cama, em frente à estante. E foi pegando os livros e contando lembranças do tempo em que os leu, dando menos importância a seus conteúdos. Clarisse havia lido muitos deles. Ela viu a prateleira das coisas e demorou sobre elas seu olhar. Vicente não esperou que ela perguntasse, disse que eram lembranças de momentos de sua vida e de pessoas com quem tivera uma agradável convivência. Nunca tinha exposto essas coisas para alguém. Falou do poema de Josiana. Não ocultou detalhes de suas coisas. Nem a mágoa pelas palavras de Clarisse. Ela explicou que aquele dia tinha um importante compromisso. A conversa sobre esse assunto demorou estreitas frases. Clarisse agradeceu o perfume e respingou-o atrás das orelhas. O odor se impôs, deixando despercebido o cheiro daquela flor. A conversa foi se transformando em trocas de interjeições e de olhares demorados. Por fim gestos, afagos e beijos.

Na prateleira estavam os caracóis. Os dois. Esther os trouxe da praia dizendo que era um casal. Tinham semelhança no colorido, além dos revolteios do corpo. Mas eram espécies distintas. Talvez Esther quisesse representar com eles a si e a Vicente, mostrando que havia entre eles uma diferença.

Antonio organizou o passeio à ilha, como sempre fazia. Nessa época já namorava Ana Maria. Foram os três. De tarde caiu uma forte chuva. As barracas, bem amarradas, resistiram. A chuva foi atormentar o mar e o céu azul se manifestou. Vicente viu que uma moça pendurava coisas num varal. Eram o colchonete e as roupas

de cama. A barraca dela não resistiu à ventania, rompendo-se. Estava tudo ensopado. Não teria tempo de secar até a noite. Vicente foi ajudá-la. Esther veio sozinha. Desentendera-se com o namorado e veio distrair-se solitária desse desconforto. Vicente ofereceu-lhe a barraca para ela dormir.

- E você?

- Tenho um saco de dormir, fico sob a coberta do pátio.

- Tua barraca é grande, cabe nós dois...

Antonio olhava com satisfação Esther arrumando suas coisas na barraca de Vicente.

O poema ia se lembrando. As palavras de Josiana. Mas Vicente percebeu que por mais que se esforçasse para ser fiel a sua memória esquecida, não conseguiria reescrever o poema sem afetá-lo com as palavras de Clarisse.

Na primeira noite os dois pouco conversaram. Esther improvisou um travesseiro. Por educação não se viraram de costas, inevitavelmente se olharam demoradamente. Esther colocou a mão sobre o rosto de Vicente, ao mesmo tempo fechou os olhos. Lembrava-se do namorado? Assim dormiram.

No outro dia conheciam-se melhor. Passearam juntos pela ilha. O travesseiro não tinha secado. Esther deitou-se mais perto de Vicente, aproveitando uma beirada do travesseiro dele. Os cabelos que durante o dia se mantinham enrolados em coque, protegidos do vento contínuo vindo do mar, agora estavam soltos, escorrendo sobre os ombros, revelando intimidade. Os olhares. De vez em quando um sorriso como se algum deles tivesse dito alguma coisa. Esther falou:

- Muito obrigada por tudo.

E deu-lhe um beijo breve e despretensioso na boca, como o que Vicente dera em Liliane.

Vicente percebeu nessas palavras uma despedida. Queria que não fosse.

Antes de partirem Vicente pediu o endereço dela, lhe mandaria uma carta com os nomes dos caracóis, ele tinha um amigo biólogo que os estudava. Mentiu para Esther, na verdade queria falar-lhe de outro assunto. Ele se apaixonara por ela. Mesmo sabendo que o desafeto dela com o namorado poderia em breve se relevar.

“Foi bom te conhecer, mesmo que por mero acaso. Também foi bom ter tua dependência por uma ajuda, o que me deu a sensação de ter sobre você um domínio, como quem não podendo ter consigo o objeto de seu querer, o aprisiona. Bom ouvir de manhã você dizer que dormiu bem, graças ao lugar que dividi com você na barraca. E perceber que em meio a minhas procuras por paisagens e pássaros você foi a imagem mais linda, a maior surpresa. Tuas conversas ficarão como lembranças de um sonho inacabado. E o sabor de teu beijo será meu sustento, meu amor próprio. Senti a felicidade, simplesmente, de ter em mim nascido por ti esse sentimento. Confesso que te amo e que este amor será dos mais lindos, pois não terá cobrança de retribuição e terá como alimento o permanente desejo de te conquistar. Quem sabe as coisas bonitas que vimos e que você admirou e me fez contigo admirar, poderão te representar nos desejos sublimados de minha paixão. Então quando eu as vir me lembrarei de ti e do modo que te amo, terei motivo para também muito amá-las.”

Esther retribuiu com um cartão postal, nele havia apenas uma breve poesia falando de coisas que viram na ilha.

Clarisse trouxe as coisas que guardava com destino de lembrança e as colocou na prateleira de Vicente. O espaço que propositalmente sobrava ficou menor. Trouxe um colar de prata que tinha um pingente com uma pedra vermelha em formato de coração e uma aliança com essa mesma reluzência. Clarisse tinha deixado o frasco de perfume no mesmo lugar onde sempre esteve. Queria confirmar que não o tinha merecido de presente

aquele dia. Usava-o quando vinha encontrar-se com Vicente e o fazia como cerimônia de seu reencontro.

Vicente colocou o poema na prateleira, sob o peso do HD.

Tuas palavras

*Dizem mais que o que parecem dizer
Música que de tua boca agrada ouvir
De tanto escutar, um poema é fácil escrever
Pois modo mais bonito de falar não irá existir*

*O motivo de assim conversar, preciso saber
Para o que tuas palavras dizem eu descobrir
E toda frase por ti dita eu responder
Com a emoção que me fazem sentir*

*O que no futuro poderá vir
Se felicidade de amor irá suceder
Ou se ilusão por fim virá me ferir
Só tuas palavras podem dizer*

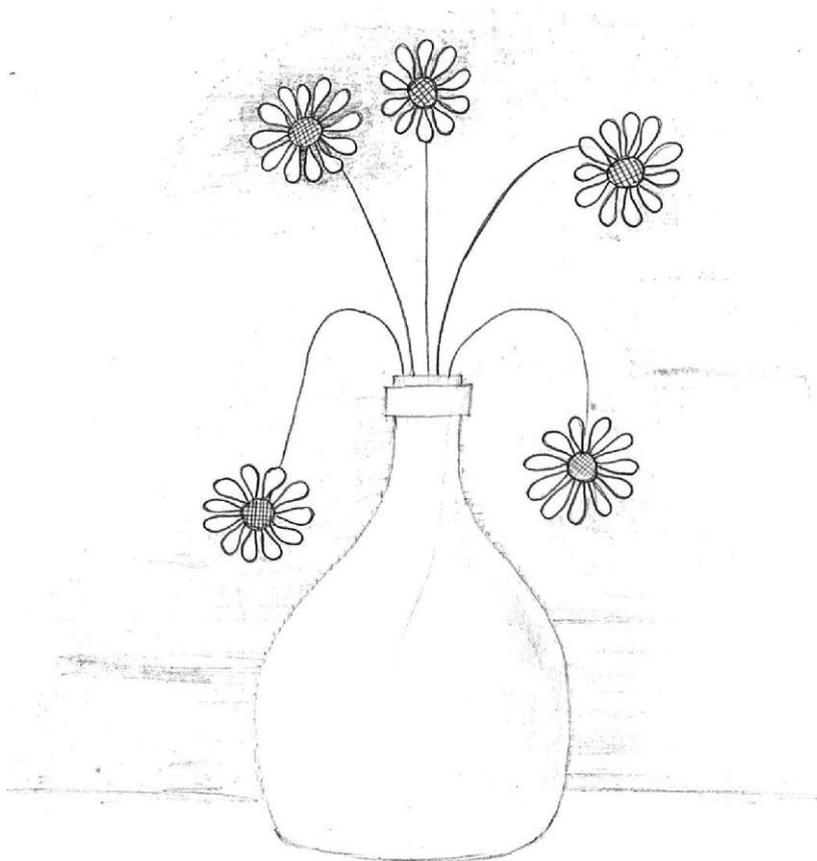
*Esperei um tempo para te pedir
Para num instante te conhecer
E mesmo que não possas demorar
Uma só palavra me conceder.*

Colocou uma luminária na prateleira das coisas. A luz do quarto era essa que dali vinha e convidava para lá o olhar. Os caracóis coloriam. Seus vermelhos e amarelos. Os dois querendo ser iguais. E os metais reluziam como se tivessem luz própria: o aço, a prata e o mercúrio.

O perfume cumpriu seu tempo. Vicente quis deixar o vidro junto às coisas. Vazio parecia ter acentuadas suas refrações. De

vez em quando ele e Clarisse o abriam e conseguiam sentir, nas poucas moléculas que exalavam, a fragrância, que lhes trazia recordações. Era agora um cheiro discreto, incapaz de sobrepujar o odor da flor que em todo início de primavera vinha perfumar o quarto.

Uma flor qualquer da rua, desconhecida.



O retorno do cavaleiro

Ficaram bom tempo ali parados, acompanhando com o olhar o cavaleiro seguindo pela estrada que serpenteava pela encosta da montanha, até que só conseguissem enxergar a poeira que o bralhar do alazão ia deixando como testemunho de sua passagem. Ele ia e vinha, ziguezagueando, conquistando a altura do morro.

Nos dias que se sucederam, foi essa a intenção permanente dos moradores do vilarejo: o contemplar vigilante da montanha, esperando que a poeira do galopar do alazão voltasse a aparecer. Mesmo quando se ocupavam das necessidades de sua sobrevivência, todo intervalo em que sua atenção ficava desobrigada, desviavam para lá o olhar, sua espera. E os que ficavam com seus afazeres domésticos, de tempo em tempo vinham à janela observar o horizonte elevado, como se o retorno de Patrick fosse um presente vindo do céu.

Cuidavam de muitos cavalos. Cada um tinha o seu preferido, o que gostava de montar e com o qual criara uma afeição. Muitos ainda sobravam. De tarde eles voltavam das pastagens e se recolhiam no cercado no centro do vilarejo. Chegavam juntos, com seu tropel. Era como se trouxessem uma alegria ao final da tarde, o sol já quase posto na horizontal da planície, dando uma luminosidade que vinha do nível do chão, ressaltando de forma admirável os variados coloridos dos cavalos: o cebruno, o azulego, o malhado, o gateado, o douradilho... As crianças corriam para recebê-los. Eles abaixavam as cabeças para que elas os acariciarem e algumas maiores montavam neles a pelo e iam segurando em suas crinas, levando-os para o cercado. Dali eles só saíam para pastar na planície quando o sol já estava a meio prumo. Se alguém decidisse cavalgar, bastava ficar na entrada do cercado de manhã com os apetrechos de montaria que seu cavalo se aproximava, dócil.

O de Taciane era o olhalvo. Ela se afeiçãoou por ele desde criança. Lembrava-a um urso panda. Montava nele antes que soubesse andar. Quando ele a via, ao chegarem da planície, relinchava e vinha ao seu encontro, alfário. Ela o abraçava em namoro.

O olhar de Taciane para a montanha era o mais pleno de saudade. Não só do que Patrick viria dizer-lhes, também de seu beijo. Como o que ele lhe deu ao se despedir, interrompido pela urgência de seu ir. E porque ele foi em seguida beijar o rosto do pai. E o pai ali ficou, como se esse beijo lhe tivesse inoculado um veneno paralisante, contemplando a montanha já anoitecida, até que o viessem buscar.

Taciane esperava. O esperar de seus anos. O mesmo que todos ali esperavam. Aproveitavam para conversar. Joana sabia que com seu computador conseguiria encontrar o que tanto precisava. Elisia, que era mais jovem, não tinha outras ideias que a do vestido com o qual um dia sonhou. Carol queria aprender a desenhar aqueles cavalos. Juliana sabia que em algum lugar transmontano devia existir o rapaz de cabelos dourados e cacheados que ela tanto imaginava. Esther queria ter as sementes e as mudas para fazer um enorme canteiro de flores. Barbara só tinha a intenção dos coloridos, das luzes, sempre, da novidade de uma música. Taciane queria ter um filho, um filho de Patrick.

Uma poeira apareceu na montanha. Todos correram ansiosos para verem. Panelas ficaram no fogo, desdenhando o tempo. As coisas que estavam sendo feitas permaneceram em seu intermédio, como num filme subitamente interrompido. A poeira veio seguindo bom trecho pela estrada, de repente se desfez, em seu lugar folhas e flores voaram. Era um redemoinho. Os olhares se entrecruzaram, desiludidos. Cassiano permaneceu a olhar para a montanha. Frequentemente vinha até o início da estrada e ali ficava como estátua, apenas o movimento dos olhos lhe davam

vida. Tinha tempo. Por fim alguém vinha busca-lo no início da noite.

Os cavalos chegaram: o lobuno, o andrino, o tordilho, o ventrilavado... Alguma mistura deles ainda seria possível? As crianças correram para recebê-los. Taciane abraçou seu olhalvo, mas se lembrava do alazão.

Quando já tinham concluído suas tarefas, colocavam as cadeiras do lado de fora da casa e ali ficavam contemplando a montanha. Aproveitavam para confidenciar sobre o que queriam dessas esperas.

Daniel queria o mundo como limite de seu destino. Roberto, antes de pensar em casar-se, já antecipava a vivência dos netos. Fernando estava indeciso. Cada dia tinha uma ideia de seu objetivo. Queria ter a imprevidência, a surpresa do acontecer. Antonio tinha seus planos milimétricos. Inscritos e transcritos. O lápis afixado no papel, metódico. Rômulo queria um dia saber escrever toda a estória desse lugar. Roberval queria estar de novo apaixonado, uma paixão qualquer que fosse.

Mas tudo dependia de Patrick, dele trazer essas oportunidades, o anúncio de que poderiam continuar a sonhar.

Um dia, já perto do entardecer, uma poeira surgiu no alto da montanha. Dali veio, desenhando o percurso da estrada. Correram para o início dela. Os cavalos ainda não tinham chegado da planície. Não era um vento, tinha a constância de uma coisa real. Uma coisa que vinha decidida a chegar. Os ânimos se mostraram nos rostos, alguns se deram as mãos, dividindo suas felicidades. E veio. Era o alazão, solitário. Mais perto, o galope refez-se em trotar e depois marchou faceiro, como se entendesse, se fosse capaz de saber, o significado de ali retornar. As pessoas abriram caminho e ele foi em direção a Cassiano, o único que ficou no vilarejo, assentado na soleira da porta de sua casa. Cassiano foi de imediato desarreia-lo, como se

tivesse agendado esse compromisso. Era o sinal de que deveriam ir.

Os cavalos chegaram. Sua definitiva chegada. Vieram todos recebê-los, dar a eles as boas vindas e sua despedida. Nunca os veriam mais vindo da planície. O rucilho, o bragado, o cambraia, o atavanado...

Raquel queria ter muitos livros para ler. Giovani acreditava que sua felicidade seria compensada se fizesse outras pessoas felizes. Marisa queria viver as sensações do apaixonar-se. Aninha queria aprender a dançar. Queria que seus movimentos, mesmo quando dançasse no silêncio, pudessem ser ouvidos, como uma música. Marcel teria apreço por tudo que contrapusesse o sentimento ao raciocínio. Regina queria um dia ter um livro inteiro só com suas fotos. Vicente queria conhecer um lugar que convidasse a seu eterno contemplar. Stephanie queria ter a longevidade de seus desejos, por quanto tempo pudesse alguma coisa desejar. Paloma queria ter um cavalo que soubesse voar.

Pela manhã vieram para a entrada do cercado. Seus cavalos se aproximaram, obedientes. O rosilho, o pampa, o topetudo, o xarelado... Foram montando. Cassiano ficou assentado na soleira da porta. Taciane veio falar com ele. Assentou-se a seu lado. Demorou em conversa. Abraçou-o. Deu-lhe vários beijos no rosto. Cassiano permaneceu duro. Taciane voltou para dizer aos outros que Cassiano não iria:

- Não adianta, ele não tem esperanças.

Taciane arreiou o alazão. Depois foi despedir-se do olhalvo. Repetiu com ele os mesmos gestos que tinha feito com Cassiano.

A poeira subiu pela estrada. Cassiano a seguiu, demoradamente.

Muitos dias se passaram. Cassiano olhava para a montanha. Como se observasse sua desilusão, sua desesperança de qualquer futuro. Os cavalos iam e voltavam da planície. O

gargantilho, o mascarado, o malacara, o debruado, o entrepelado...

Um dia os cavalos já tinham chegado e Cassiano ainda permanecia no começo da estrada, em sua contemplação. Veio uma poeira, avermelhada pelo sol já poente. Serpenteou. Como uma cobra imensa. Foram chegando: o topetudo, o rosilho, o xairelado, o pampa, o crinalvo... Cassiano foi desarreando um a um, que seguiam para o cercado. Por último veio o alazão. Na sela estava amarrado um embornal. Dentro dele um bilhete:

- Vem, pai.

Na manhã seguinte Cassiano acordou bem cedo. Escreveu um recado:

- Estou indo, filho.

Colocou o papel no embornal e o amarrou no pescoço do olhalvo. O olhalvo não esperou outra ordem, galopou pela estrada da montanha, a poeira lembrando seu caminho.

Cassiano montou no alazão e todos os cavalos os seguiram. As crinas e as caudas se pentearam ao vento: o gaiado, o zabelo, o nevado, o murzelo, o amarelho, o almarado...

O vilarejo foi se escondendo na neblina da distância. Cassiano olhou para trás, quis contemplá-lo por derradeiro, se desfazendo em saudade. E a montanha foi se transformando em mera mácula no céu.

Cassiano e o alazão sabiam que essa planície não tinha fim. Teriam então o tempo que por tanto tempo esperaram por esse eterno galopar.



Àqueles que com uma breve conversa, uma frase, uma simples palavra, ou com uma parte inteira de suas vidas, me inspiraram a escrever estas estórias.

E àquelas por quem um dia me apaixonei, por terem me propiciado trazer o sabor dessas paixões a estas estórias, para que não fiquem, na lembrança de quem as ler, como meras palavras.

Trilha sonora

Torn – Natalie Imbruglia

Dead Flowers – Rolling Stones

On My Mind – Cody Simpson

This Old Heart of Mine – Rod Stewart

Casual Conversations – Supertramp

Things Have Changed – Bob Dylan

On Every Street – Dire Straits

Open Arms – Tracy Chapman

Do You Remember – Phil Collins

Back to You – John Mayer

Belief – John Mayer

Perfectly Lonely – John Mayer

Malahageasca – Mahala Hai Banda

Even a Fool Can See – Peter Cetera

Drive By - Train